Nuvem Vazia

Os Ensinamentos Zen de Hsu Yun



Edições
Nalanda

Conteúdo

-

Prefácio

Introdução

CAPÍTULO I: Introdução

CAPÍTULO II: O Treinamento Ch’an

CAPÍTULO III: Conquistando a Iluminação

CAPÍTULO IV: O Sermão da Flor do Buddha

CAPÍTULO V: Estágios do Desenvolvimento

CAPÍTULO VI: As Dificuldades

CAPÍTULO VII: Respiração e Postura

CAPÍTULO VIII: Perseverança e Capacidade

CAPÍTULO IX: A Transmissão Sem Palavras

CAPÍTULO X: O Leigo Pang

CAPÍTULO XI: O Dao Imortal

CAPÍTULO XII: Moshan

CAPÍTULO XIII: Conclusão

Agradecimento

Outros Títulos de Edições Nalanda

NUVEM VAZIA:
OS ENSINAMENTOS DE HSÜ YUN

Uma recordação do Grande Mestre Zen Chinês

Tal como compilado das notas e lembranças de

Jy Din Shakya

E relatado a

Ming Zhen

e

Upasaka Richard Cheung

Traduzido por

Ricardo Sasaki

Copyright © 2000, Jy Din Shakya
Copyright © da edição brasileira 2000, Ricardo Sasaki.

Direitos de publicação em língua portuguesa cedidos a
Edições Nalanda

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer maneira que seja sem a permissão escrita do detentor do copyright, exceto no caso de breves citações com o objetivo de resenhas e referências.

Uma publicação do:
Centro de Estudos Buddhistas Nalanda
R. Albita 194/701 - Cruzeiro
Belo Horizonte – MG 30310-160 - Brasil
tel: (031) 9651.6369
http://nalanda.org.br/ | email: nalanda@nalanda.org.br

Inscreva-se em nosso boletim para receber notícias por email sobre novos textos publicados em nossos sites, trechos e lançamentos de livros, eventos, cursos online. Enviamos no máximo 1 email por semana. Para se inscrever, envie um email para: nalanda@nalanda.org com o assunto “inscrição no boletim”.

Vários de nossos ebooks também podem ser obtidos em formato de livro impresso. Visite-nos neste link: Edições Nalanda ou peça por email: nalanda@nalanda.org.

Editor Geral: Ricardo Sasaki
Tradução: Ricardo Sasaki
Capa: Elton Melo

Outros Títulos de Edições Nalanda

Joias Raras do ensinamento buddhista, por vários autores

Amando e Morrendo: Uma visão buddhista sobre a morte por Visu

O Nobre Caminho Óctuplo: O caminho para o fim do sofrimento por Ven. Bhikkhu Bodhi

Pensando o Buddhismo: Uma reflexão sobre as nobres verdades por Ven. Bhikkh Bodhi

Passo a Passo: Meditações sobre a sabedoria e a compaixão por Ven. Maha Ghosananda

A Causa do Sofrimento na perspectiva buddhista por Ajahn Buddhadāsa

Ensinamentos de Cristo, Ensinamentos de Buddha por Ajahn Buddhadāsa

Céu Azul Verde Mar: Noções sobre o Buddhismo Coreano por Ricardo Sasaki

Nuvem Vazia: Os Ensinamentos de Hsü Yun por Jy Din Shakya

Integrando Estudo e Prática: (Revista Sati #1)

As Contribuições das Mulheres para o Buddhismo: (Revista Sati #2)

O Esqueleto de uma Filosofia da Religião: A Filosofia Japonesa encontra o Ocidente por Kiyozawa Manshi

Shinran: Sua Vida e Pensamento por Norihiko Kikumura

Obrigado por ter adquirido este livro de Edições Nalanda. Se você gostou dest livro, permita-nos pedir um favor.

Você poderia ir até a página deste livro na Amazon e deixar uma breve avaliaçã Isso nos ajudará a fazer chegar o livro a novos leitores. O link para este livro é http://amzn.to/1Yl7rzT

E se você nos avisar por email sobre o seu comentário no site da Amazon, enviaremos gratuitamente a você um novo livro como agradecimento.

Prefácio

por Ricardo Sasaki

De tempos em tempos surge em uma tradição espiritual um homem ou uma mulher de habilidades excepcionais, capaz de sintetizar em si a compreensão dos antigos mestres e inspirar toda uma geração. Hsü Yun nasceu em 26 de agosto de 1840, na província chinesa de Fujian, e foi uma dessas pessoas excepcionais.

Por quase setecentos anos a meditação (*dhyāna*) buddhista já era praticada na Índia, quando foi, por volta do segundo século d.C., introduzida na China. Mas, somente após três séculos, o Buddhismo foi suficientemente integrado no ambiente chinês a ponto de criar algo diferente, próprio à nova cultura que o adotou. O modelo arquetípico dessa integração foi a personagem de Puti Damo (P'u-t'i Ta-mo), mais conhecido no Ocidente como Bodhidharma, um mestre indiano buddhista, considerado como primeiro Patriarca ou Ancestral do Buddhismo Ch'an. Independentemente da existência real ou não de Bodhidharma, sua figura e as lendas que surgiram a partir dele formam o ambiente mítico das origens da *Escola da Meditação* nos países do norte asiático. *Ch'an* é uma transliteração da palavra sânscrita Dhyāna (*Jhāna* em pāli) assim como *Zen* é a transliteração japonesa de *Ch'an*. O Zen japonês acabou sendo a forma mais conhecida no Ocidente, principalmente na forma Rinzai (trazida ao Japão no século doze por Eisai, como uma forma da escola Linji [Lin-ch'i] chinesa) e na forma Sôtô (trazida ao Japão no século treze por Dôgen, como uma forma da escola Caodong [Ts'ao-tung] chinesa). O Ch'an chinês entretanto é bem mais variado e, numa época, deu surgimento a cinco escolas (ou casas) principais, a Linji e a Caodong, mencionadas acima, sendo duas delas. Com o tempo, o Ch'an foi ficando mais eclético e os métodos das várias escolas acabaram se integrando.

Quando tinha treze anos, o venerável Hsü Yun pensou em se tornar monge, mas seu pai o impediu. Sua mãe havia morrido no seu nascimento. Mas, aos dezenove, juntamente com um primo, ele fugiu para o mosteiro de Ku Shan, vindo a receber a ordenação sob o nome dhármico Ku Yen. Após um período de três anos vivendo numa caverna, Ku Yen, agora com trinta anos, peregrinou por

vários lugares em busca de ensinamentos até que, aos quarenta e três anos, enquanto peregrinando pela Montanha dos Cinco Picos ele foi salvo por duas vezes das tempestades de neve por um mendicante de nome Wei Chi. Dizem as lendas que esse mendicante não era outro senão Mañjuśri, o bodhisattva da sabedoria que veio em busca de Ku Yen. Sua peregrinação o levou a várias partes do mundo, incluindo o Tibet, Bhutão, Índia, Sri Lanka, Myanmar, Thailândia e Malásia. Seu papel no reerguimento do Buddhismo na China foi fundamental, e Hsü Yun (nome que significa “Nuvem Vazia”) acabou sendo o sucessor das cinco escolas Ch’an da China. Também respondendo pelo nome de Te Ch’ing, Hsü Yun ficou conhecido como o correto Olho do Dharma da geração atual.

É com grande alegria que apresentamos o primeiro livro em língua portuguesa sobre esse grande mestre chinês, num relato pessoal de um de seus discípulos, o mestre Jy Din Shakya. Neste livro você encontrará histórias e ensinamentos que revelam a essência do Ch’an, ao mesmo tempo em que corrigem muitas das incompreensões ocidentais a seu respeito. A importância das regras de disciplina, o lugar da fé no Caminho, as técnicas específicas do treinamento, são alguns dos tópicos que certamente trarão uma nova perspectiva ao leitor.

Neste livro, os nomes chineses aparecem no sistema Pinyin, mas procurei apresentá-los, sempre que encontrei seu equivalente, também no sistema Wade-Giles, ainda muito conhecido entre nós. Apresento o equivalente em parêntesis em sua primeira aparição no texto. As duas exceções ficaram para a palavra Ch’an (em pinyin ‘Chan’) e para o próprio nome do mestre. Hsü Yun em pinyin é Xu Yun, entretanto ele ficou conhecido no mundo sob a primeira forma.

Meus agradecimentos vão para Neide Magalhães por ter gentilmente empreendido a revisão do texto em português, bem como um agradecimento especial a Ming Zhen e ao mestre Jy Din Shakya por terem concedido sua permissão para a publicação deste livro. Como estes últimos nos expressaram: “Hsü Yun foi generoso e sábio. Sabemos que ele teria ficado contente e orgulhoso em ver seus pensamentos expressos em sua bela língua”. Que os méritos deste trabalho recaiam sobre todos os seres.

Ricardo Sasaki

Centro de Estudos Buddhistas Nalanda
Dezembro de 2001

Introdução

Lembrando o Mestre Hsü Yun

por Jy Din Shakya

O nome do Mestre, Hsü Yun, é traduzido para o português como “Nuvem Vazia”, uma tradução que freqüentemente confunde as pessoas. Todos sabemos o que é uma nuvem, mas, o que, perguntamo-nos, significa “vazia”?

Na literatura Ch’an ou Zen, o termo “vazio” aparece tão freqüentemente e com tantas variações em sua definição, que começarei tentando esclarecer seu significado.

Ser vazio significa ser vazio de ego, não ter nenhum pensamento de eu, não no sentido de alguém funcionando como um vegetal ou um animal selvagem - coisas vivas que meramente processam água, alimento e luz solar de modo a crescer e reproduzir-se - mas no sentido de que esse alguém cessa de medir os eventos, pessoas, lugares e coisas do ambiente em termos de “eu” ou “meu”. Uma pessoa que está “vazia de eu” raramente tem até mesmo a oportunidade de usar esses pronomes.

Sendo mais específico: todos já ouvimos um parente, amigo ou amante afirmar estar sendo completamente altruísta em seu amor para com o outro. Um marido dirá: “Eu nada guardei para mim mesmo. Dei tudo para ela, minha esposa”. Esse homem não está vazio. Ele meramente projetou uma parte de sua identidade em outra pessoa.

Uma pessoa que é verdadeiramente vazia nada possui, nem mesmo uma consciência de si. Seus interesses não se fixam em suas próprias necessidades e desejos, pois, realmente, ela não atenta a tais considerações, mas unicamente ao bem-estar dos outros. Ela não avalia as pessoas como sendo amáveis ou não-amáveis, dignas ou indignas, úteis ou inúteis. Ela não aprecia nem deprecia ninguém. Ela simplesmente compreende que o Grande Buddha Amitābha, o

Buddha da Luz e Bondade Infinitas, jaz dentro de todo ser humano, e é devido a essa Natureza de Buddha que ela investe em si mesma.

Atingir tal vacuidade nunca é fácil. Uma velha estória do Ch'an ilustra isto:

Um mestre ch'an encarregou-se, certa vez, da instrução de um novato, o qual estava tendo grande dificuldade em desapegar-se das pessoas de sua vida secular anterior. "Você não pode servir o Dharma até cortar esses laços", disse o Mestre. "Você deve destruir esses relacionamentos possessivos! Mate-os! Considere como se eles não mais existissem!"

O novato perguntou: "Mas, meus pais? Devo matá-los também?" E o Mestre respondeu: "Quem são eles para serem poupados?"

"E você, Mestre", disse o novato, "devo matá-lo também?" E o Mestre, sorrindo, disse: "Não se preocupe. Não há o bastante de mim para você conseguir colocar suas mãos".

Este mestre foi Hsü Yun. Não havia o bastante dele para qualquer um poder agarrar. Em 1940, a Força Aérea Imperial Japonesa bombardeou o Mosteiro Nan Hua, no qual ele se sentava para meditar; mas os japoneses não puderam prendê-lo. Em 1951, quando era um homem velho de noventa e três anos, criminosos comunistas bateram nele repetidamente; mas embora quebrassem seus ossos e fossem bem sucedidos em provocar a morte de sacerdotes mais jovens e fortes, eles não puderam por as mãos nele. Não havia o bastante dele para qualquer um agarrar. Como pode a Natureza de Buddha ser morta? Hsü Yun não poderia morrer até que estivesse pronto para morrer, até cumprir as tarefas que havia atribuído a si mesmo.

Eu falarei a vocês sobre este homem notável, esta Nuvem Vazia cuja presença definiu minha vida. Contarei coisas de que me recordo e farei o melhor para transmitir a vocês seus ensinamentos de Dharma. Talvez, se aprenderem dele mesmo, vocês sejam capazes de experimentar algo da alegria que experimentei por tê-lo conhecido.

Estar na presença de Hsü Yun foi como estar na névoa da manhã de um dia ensolarado, ou em uma daquelas nuvens que pairam no topo de uma montanha. Uma pessoa pode esticar o braço e tentar agarrar a névoa, mas, não importando o

quanto ela tente agarrá-la, sua mão sempre permanecerá vazia. Ainda assim, por mais seco que esteja seu espírito, a Nuvem Vazia o envolverá com a umidade doadora de vida; ou não importa o quanto seu espírito queime com raiva ou desapontamento, um frescor suave o afagará como o gentil orvalho.

Esta é a Nuvem Vazia de Hsü Yun que ainda permanece conosco. O tempo e o sol não podem destruí-lo, pois ele é o próprio sol; assim como também é eterno.

Agora, contarei a vocês um pouco da história que ele e eu compartilhamos.

Durante os anos 20, quando eu ainda era um menino, Hsü Yun não havia ainda chegado ao Mosteiro de Nan Hua, o mosteiro que Huineng (Hui-nêng), o Sexto Patriarca do Ch'an, havia fundado perto da cidade de Shao Guan (Shao Kuan), onde eu vivia. Shao Guan está a cerca de cento e sessenta quilômetros ao norte de Guang Zhou (Cantão) na Província de Guang Dong (Kwantung), que fica no sul da China.

Durante séculos desde sua fundação em 675 d.C., o Mosteiro de Nan Hua passou por ciclos de negligência e restauração; mas, quando eu era um garoto, ele passava, certamente, por uma de suas fases de negligência. Como posso claramente recordar, ele se parecia muito mais com um parque de diversões do que com o templo que é hoje.

Naqueles dias, Shao Guan era uma cidade pequena e sonolenta, próxima a um rio, um lugar sem muitas coisas para as crianças fazerem. Visitar o Mosteiro de Nan Hua era nosso equivalente de uma viagem a Disneylândia.

O que tornava este mosteiro-parque mais excitante de ser visitado era que ninguém parecia cuidar dele. Aproximadamente cem monges e algumas dúzias de monjas viviam lá, mas, principalmente, eles se ocupavam em brigar. Monjas discutiam com monjas. Monges discutiam com monges. Monjas discutiam com monges. E os edifícios desse grande centro religioso eram somente lugares nos quais todas essas discórdias aconteciam. Não parecia importar se a madeira estava apodrecendo e as esculturas se esmigalhando, e o ferro ornamental do velho pagode vermelho e branco estava se enferrujando. A decadência havia apenas se mantido paralela ao declínio da disciplina monástica. Buddhistas devotos, como meus pais, visitavam e punham dinheiro nas caixas de doação; e se os meninos indisciplinados que traziam com eles, como meu irmão mais

velho e eu, escalassem as estruturas antigas, ou brincassem de esconde-esconde por trás das estatuárias sagradas, ou corressem pelos corredores vazios, bem, ninguém objetava. Conter-nos em nosso desfrute poderia restringir as doações. Suponho que os monges imaginavam que eles já tinham que sofrer com os edifícios dilapidados, assim, por que deveriam se arriscar, piorando seus problemas com perdas financeiras!

Assim, sempre nos divertíamos quando visitávamos Nan Hua. Corríamos pela ponte do rio Caoxi (Ts'ao Xi) e escalávamos uma das montanhas próximas, na qual havia um nicho de pedra natural. Dizia-se que o Sexto Patriarca tinha meditado nesse nicho. Nós nos sentávamos naquele lugar e ríamos, imitando sua postura piedosa.

Não foi surpresa o Sexto Patriarca ter aparecido a Hsü Yun em uma visão, implorando que fosse para o Mosteiro de Nan Hua a fim de endireitar a bagunça em que tinha se tornado!

Eu não conheci Hsü Yun até 1934, quando tinha dezessete anos e ele estava nos seus sessenta. Ele se parecia exatamente com a fotografia que reproduzi no começo do texto. Eu lhes falarei sobre este encontro. Mas para apreciar isto, vocês precisarão saber um pouco mais de meu passado.

Meu nome de família é Feng. Originariamente minha família veio da Província de Fu Jian (Fu-chien), mas meu pai mudou-se para Shao Guan, e foi lá que meu irmão mais velho e eu nascemos e crescemos. Para os padrões locais minha família era considerada rica. Meu pai possuía dois negócios: um de materiais de construção e provisões, e uma loja comercial nas quais ele vendia comidas secas, como cogumelos, cebolinha e outras variedades de vegetais.

Suponho que originariamente meus pais esperavam que um dia meu irmão tocaria um dos negócios e eu assumiria o outro. Mas os talentos de meu irmão não se ajustavam a empreendimentos acadêmicos e meus pais começaram logo a se preocupar com suas habilidades. Quando eu tinha quatro anos, comecei a estudar com os professores particulares que tinham sido contratados para ensinar-lhe. Ele tinha, então, dois anos a mais que eu. Mas aprendi depressa e comecei a “pular” graus até estar à frente de meu irmão. Assim, na conclusão do sexto ano da escola primária, embora eu fosse dois anos mais jovem que meu irmão, estava dois anos à frente dele.

Entrei, então, na escola secundária ou intermediária. A escola que freqüentei era chamada Li Qun, que quer dizer uma escola que “encoraja as pessoas”. Era uma escola católica romana e todos os professores eram padres e freiras católicos. Era considerada a melhor escola na área. Mas o estudo do Cristianismo era mais ou menos opcional; e, no meu caso, era definitivamente mais menos que mais. Tudo com que eu realmente me preocupava era jogar bola. Se pudesse lançar, chutar, saltar, ou bater, então, estava interessado. Isto era o que me sentia mais motivado a fazer quando cursava a escola intermediária.

Mas fui bem o suficiente em meus estudos para ganhar admissão numa faculdade de educação de três anos. Não me sentia muito bem com a idéia de vender legumes secos, assim, pensei em me tornar um professor.

E lá eu estava, em 1934, uma criança convencida de dezessete anos ... um metido a esperto, você diria, que num feriado saiu, como sempre, para o Mosteiro de Nan Hua com todos os outros adolescentes, meninos e meninas, para se divertir um pouco. Nunca havia ouvido falar de Hsü Yun e não tinha a menor idéia do homem santo que há pouco tinha vindo a Nan Hua. E lá ele estava...

Algo aconteceu comigo quando olhei para sua face. Repentinamente, caí de joelhos e pressionei minha testa no chão, prostrando-me em homenagem a ele. Meus amigos ficaram estupefatos. Nunca me viram ajoelhando para ninguém na vida... e lá estava eu, inexplicavelmente, sem ter seguido sugestão de ninguém, humilde diante dele. Preenchido de surpresa e maravilhamento eu me prostrei à frente de Hsü Yun por três vezes. O Grande Mestre sorriu e perguntou: “Quem é você e de onde vem?” Eu mal sussurrei: “Sou Feng Guo Hua, e venho de Shao Kuan”. E Hsü Yun sorriu novamente e disse: “Divirta-se aqui no Templo Nan Hua”. Ele estava rodeado de muitos outros monges que permaneciam em silêncio. Suponho que eles também não entendiam o que estava acontecendo.

Não podia, a partir de então, me conter, à espera de visitar novamente Nan Hua... mas não para me divertir... eu queria ver Hsü Yun novamente.

A segunda vez que o vi, ele me perguntou se desejava tomar os Preceitos Buddhistas, ou seja, formalmente me tornar um buddhista. Eu disse: “Sim, claro”. E, assim, recebi os preceitos de Hsü Yun. Ele me deu o nome de Kuan Xiu, que significa “prática grande e ampla”.

Não mais futebol, basquetebol ou mesmo ping-pong. Agora, durante as férias de verão, eu percorria cerca de trinta quilômetros até o Mosteiro de Nan Hua, duas vezes por semana. Eu tomava o trem para a Montanha Ma Ba, uma nítida formação rochosa, e andava, então, seis quilômetros e meio até o mosteiro. Hsü Yun me dava livros sobre o Buddhismo para que eu pudesse estudar, e era assim que passava minhas férias. Pela primeira vez em minha vida, eu sentia a religião em meu coração. Queria me tornar sacerdote.

Mas a minha conversão religiosa repentina causou confusão em casa. As coisas não eram assim tão simples. Em primeiro lugar, quando eu nasci, meus pais foram a um astrólogo fazer o meu mapa. O astrólogo viu claramente nas estrelas que eu me tornaria um oficial militar de alta patente e que morreria quando tivesse trinta anos. Ter um herói morto na família era uma honra que eles poderiam facilmente abandonar. Ficaram, assim, felizes por eu estar tão bem na escola. Isto significava que os negócios da família estariam em mãos seguras, ainda mais porque ficava cada vez mais evidente que os negócios não iam bem nas mãos de meu irmão. Quando meus pais ficaram sabendo do meu desejo de me tornar sacerdote, como eram buddhistas, receberam as notícias de maneira feliz. Mas como comerciantes ficaram muito apreensivos. O filho errado tinha escolhido ser sacerdote!

Mas antes que eu houvesse sentido o chamado para o sacerdócio eu tinha ainda algumas intenções para o meu futuro. Nunca pus nenhuma confiança na previsão do astrólogo, assim, estando um pouco entediado com a possibilidade de me tornar um professor de escola, decidi que, após terminar a universidade de Educação, seguiria em frente e entraria na Escola Militar de Chiang Kai Shek (Whampao Academy) em Cantão. Chiang era o comandante de Whampao naquela época.

Por causa desta minha ambição, meu irmão foi forçado a se preparar o melhor que pôde a fim de tomar posse dos negócios da família. Afortunadamente, ou infelizmente, ele nunca teve que se provar no mundo comercial. Depois da invasão japonesa veio a revolução comunista e não havia mais negócios para cuidar.

Mas em 1934, quando tinha dezessete anos, e cursava meu primeiro ano na universidade de Educação, a guerra com o Japão ainda não havia começado. Hsü Yun, com a presciência do verdadeiro sábio, imediatamente desencorajou minhas

ambições militares. Realmente, eu havia abandonado tal idéia no dia em que o encontrei. Eu queria me tornar um sacerdote, mas não comuniquei este desejo a ninguém por pensar que isto poderia soar frívolo e vão. Pareceu-me ser menos arrogante dizer que gostaria de me tornar um general do que dizer que desejava me tornar um sacerdote. Mas, mais tarde, em uma de minhas muitas conversas particulares com Hsü Yun, confessei a ele minha esperança de um dia tornar-me sacerdote. Ele simplesmente me disse que desejava que eu permanecesse na universidade e completasse minha educação. Depois disso conversaríamos sobre o sacerdócio.

Em 1937, graduei-me na universidade de Educação. Naquele outono, por volta do festival de outono, em meados de setembro, ou Oitavo Mês da Lua Cheia pelo calendário chinês, tive minha cabeça raspada. Imediatamente me mudei para o Mosteiro de Nan Hua como noviço residente e esperei pela Cerimônia de Ordenação que teria lugar dentro de três meses. E, finalmente, eu e duzentos outros monges fomos ordenados em meados de dezembro de 1937 na Cerimônia de Ordenação.

Foi nesta ocasião que o mestre Hsü Yun me conferiu o nome de Jy Din que significa “compreender e alcançar a paz”. Ele também me deu muitas de suas vestimentas antigas, as quais me senti muito privilegiado em usar.

Logo depois de ter me tornado um monge, os japoneses invadiram a China e comecei a suspeitar de que Hsü Yun havia tido uma premonição - que ele intencionalmente me desencorajara de atender a Escola Militar porque temia que se eu me tornasse um oficial do Exército eu também me tornaria uma baixa no Exército. Ele tinha outro trabalho para mim. E Hsü Yun era um homem para quem a palavra “fracasso” não existia. Ele tinha metas; e para ele, eu era um dos instrumentos para alcançar suas metas.

A vida no Mosteiro de Nan Hua era dura. Os monges e monjas plantavam seus próprios legumes, cozinhavam e limpavam, e até mesmo costuravam suas próprias roupas. Eles dormiam em tábuas de madeira, cobertas unicamente por uma esteira fina de grama. Dinheiro era obtido de doações e aluguéis recebidos de fazendeiros que arrendavam terras do mosteiro.

Quando Hsü Yun chegou em Nan Hua em 1934, sabia que lá não poderia haver nenhuma felicidade até que a disciplina fosse restaurada. Portanto, estabeleceu regras e regulamentos estritos. Na primeira vez em que alguém

quebrasse uma regra, ele ou ela era punido. Na segunda vez em que quebrasse uma regra, ele ou ela era mandado embora.

Hsü Yun setorizou todos os vários trabalhos e deveres, e estabeleceu uma hierarquia, uma ordem ascendente de responsabilidade, a fim de fiscalizar cada departamento. Todos tinham que fazer seu trabalho, e Hsü Yun não tolerava negligência. Ele possuía um forte bastão que carregava consigo onde quer que fosse, e não tinha medo de usá-lo. Espantosamente, todas as discussões e mau comportamento cessaram. A lei e a ordem trouxeram a paz.

Não era bastante, entretanto, restaurar a disciplina monástica. Hsü Yun sabia que o mosteiro também havia de ser restaurado. Embora meu pai não tivesse fornecido quaisquer dos materiais do edifício - outra companhia recebeu o contrato - ele doou dinheiro para dar suporte ao projeto de reconstrução. Afortunadamente, os edifícios dos dormitórios foram os primeiros a serem restaurados e todos que viviam em Nan Hua puderam apreciar a melhoria nas acomodações.

Em 1938, o Mestre Hsü Yun foi convidado a vir para Hong Kong, onde o cantonês é falado, a fim de proferir uma longa série de palestras e cerimônias de instrução. Como o Mestre falava hunan, um dialeto do norte, e eu falava ambos, hunan e cantonês, foi necessário que eu o acompanhasse como intérprete.

Enquanto lá estávamos, os japoneses atacaram Shanghai (Xangai), ao norte, e Nanjing (Nanquim), ao sul. As fatalidades em Xangai foram terríveis, e, quanto a Nanquim, os ataques foram tão terríveis que, até os dias de hoje, aquele ataque é conhecido como o infame Estupro de Nanquim, por causa do massacre intencional de tantos civis inocentes.

Porque havia tão poucas estradas saindo de Nanquim e todas perigosas, muitos refugiados tentavam escapar dos invasores japoneses tomando rotas fluviais. Naturalmente, porque a cidade de Shao Guan está localizada na confluência de dois rios, muitos barcos de refugiados chegaram lá.

Quando Hsü Yun soube dos ataques em Xangai e Nanquim, prevendo esta crise de refugiados, ele imediatamente concluiu as palestras em Hong Kong. Voltamos juntos para Nan Hua e começamos um programa de assistência aos refugiados.

Hsü Yun decretou que os monges de Nan Hua adotassem o antigo costume buddhista, ainda seguido pelas ordens Theravāda, de comer unicamente duas refeições por dia: o café da manhã e o almoço. Nenhuma comida de qualquer espécie podia ser ingerida após o meio-dia. A comida que seria comida era doada aos refugiados e, quando necessário, aos soldados chineses. Por causa do grande sofrimento do povo, Hsü Yun realizou muitos serviços religiosos adicionais para os mortos e feridos. Esses serviços religiosos ajudaram a trazer esperança e consolo para muitas almas angustiadas.

Mas para Hsü Yun, uma meta era uma meta, e mesmo a invasão japonesa não poderia deter a restauração do Mosteiro de Nan Hua. O programa de reconstrução, portanto, continuaria.

Em 1939, foram criadas as famosas estátuas dos Reis das Direções, e o Templo para seu alojamento foi construído. A cerimônia oficial de instalação foi realizada em 1940. O esforço de reconstrução teve um efeito salutar na moral de todos. Forneceu um sentido de propósito e esperança no futuro.

Agora, contarei a vocês sobre o bombardeio do Mosteiro de Nan Hua, o qual mencionei anteriormente:

Depois de os japoneses terem atacado Nanquim e Xangai, governadores de catorze províncias (estados) chinesas realizaram uma série de encontros no Mosteiro de Nan Hua, numa tentativa de desenvolver uma política defensiva coordenada e uma estratégia para resistir aos invasores japoneses. Esses encontros deveriam ser ultra-secretos; mas os japoneses, que haviam estabelecido uma base aérea em Cantão, rapidamente souberam dos encontros.

Embora mais tarde todos tenham tentado culpar uma falha de segurança, devido a espiões presentes na comitiva de um ou outro dos governadores, o fato é que, como usualmente agem os políticos, ninguém se esforçou muito para esconder os encontros. Os governadores e suas comitivas chegavam esplendidamente... em limusines. Havia o bastante de cromo ofuscante no estacionamento de Nan Hua para atrair a atenção de alguém em Marte. Os japoneses em Cantão, certamente, não tiveram nenhuma dificuldade em descobrir esse lugar secreto de encontro político.

Portanto, num esforço para destruir tantos líderes importantes de uma só vez, os japoneses enviaram três aviões de bombardeio ao norte, a fim de atacar o

Mosteiro de Nan Hua.

Quando os aviões começaram a bombardear o complexo do mosteiro, Hsü Yun imediatamente ordenou que todos se protegessem e permanecessem calmos. Ele enviou os governadores ao Templo do Sexto Patriarca e os monges ao Templo Ming mais amplo. E ele mesmo se dirigiu calmamente para o alvo mais óbvio, o Salão de Meditação, para orar pela segurança de todos.

Na primeira leva, um dos dois homens designados para vigiar os carros dos governadores foi morto. Ele havia deixado seu posto e se refugiado num grande cano de esgoto destinado ao projeto de reconstrução, e uma das bombas caiu sobre o cano, matando-o. Ironicamente, o outro vigia permaneceu em seu posto, na muito visível guarita, escapando de qualquer dano.

Outra bomba assobiou em direção à terra e explodiu logo na parte exterior das paredes do mosteiro, destruindo um grande cedro de Joshu e criando um buraco na terra que está ainda lá hoje, cheia com água, como uma pequena lagoa.

Mas, então, depois de Hsü Yun ter entrado no Salão de Meditação e começado a orar, um milagre ocorreu. Dois dos três aviões de bombardeio colidiram um com o outro e caíram na terra, na Montanha Ma Ba. O avião que permaneceu voltou imediatamente para sua base em Cantão.

Naturalmente, a colisão no céu foi atribuída à força espiritual de Hsü Yun. Todos os chineses que o conheciam não tinham qualquer dúvida quanto a isto; mas o que é mais importante, os japoneses evidentemente começaram a acreditar também. Com governadores ou sem governadores, eles nunca tentaram outra vez bombardear Nan Hua.

Os japoneses alastraram a guerra até o interior e no fim de 1944 eles, finalmente, foram bem sucedidos em tomar a cidade de Shao Guan. Mas mesmo assim, a despeito de estarem tão perto de Nan Hua, não o atacaram. Nós acreditávamos que eles temiam a força espiritual de Hsü Yun. Durante toda a ocupação, eles nunca permitiram que seus soldados perturbassem a santidade do mosteiro.

Mas voltando à minha história - em 1940, Wei Yin, o homem que sucederia Hsü Yun como Abade do Mosteiro de Nan Hua, tornou-se monge. Foi

minha honra raspar sua cabeça e dar a ele seu nome, Wei Yin, que significa “Selo do Dharma de Causa e Efeito”. Seu nome secundário foi Zhi Gua que significa “saber os resultados”. Em outras palavras, determine a causa de uma ação e seu efeito, e você obterá os resultados desejados. Wei Yin permaneceu no Mosteiro de Nan Hua a fim de auxiliar Hsü Yun com o fardo adicional de ajudar as vítimas da guerra. Também naquele ano, sabendo da ruína e da desordem reinantes no outrora grande Mosteiro de Yün-men, Hsü Yun me enviou para lá a fim de ajudar a restaurar a ordem e supervisionar a restauração dos edifícios. Para esta tarefa, Hsü Yun elevou-me à posição de Mestre.

Foi necessário que eu passasse por muitos soldados japoneses durante minha caminhada de dois dias até o Mosteiro de Yün-men. Mas novamente, a influência de Hsü Yun era tão grande que se estendia até a mim mesmo, e nenhum soldado ousou interferir com minha passagem. Chegando a salvo, tomei residência em Yün-men.

No Dan Xia Shan, o terceiro maior mosteiro na área de Shao Guan, não houve problemas com os japoneses. A localização remota deste mosteiro desencorajou a atividade militar e o Mestre Ben Wen foi capaz de manter a paz e a disciplina monástica.

Permaneci no Mosteiro de Yün-men até 1944, quando Hsü Yun decidiu estabelecer uma universidade buddhista em Nan Hua a fim de ensinar o antigo Código Monástico do Vinaya para todos que pudessem se interessar em se tornar monges e monjas. Agora eu compreendia a meta de Hsü Yun e seu conselho para que permanecesse na universidade. Meu grau de educação qualificava-me a supervisionar a organização desta nova Escola de Vinaya e também a tornar-me um dos professores.

Porque Hsü Yun acreditava na necessidade de prover as crianças com uma boa educação, ele decidiu estabelecer também uma escola primária em Nan Hua. Ele queria que esta escola fosse uma instituição de primeira linha e, logo, estudantes de muitas partes da China vieram a Nan Hua para aprender. Naturalmente, pais ricos doaram dinheiro para a matrícula de seus filhos, compra de livros e suprimentos escolares, bem como para acomodação e alimento. Mas Hsü Yun acreditava que todas as crianças, pobres ou ricas, mereciam ser educadas e, assim, as crianças pobres foram admitidas nessa escola tão boa sem custo de qualquer espécie. Hsü Yun forneceu livros e suprimentos escolares, bem

como a comida e o alojamento quando necessários. Eu considerava minhas responsabilidades na escola como sagradas, e fiz o melhor para desempenhar meus deveres com grande devoção e atenção. Todos os que estavam associados com a escola sentiam da mesma forma que eu, e por causa de nosso infatigável esforço, a escola rapidamente ganhou reputação por sua excelência.

Enquanto o Mestre Wei Yin e eu residíamos em Nan Hua, Hsü Yun foi viver no Templo Yün-men a fim de continuar a supervisão da reconstrução do Templo.

Então, o meu Caminho Dhármico tomou outra direção. Muitos chineses haviam se mudado para o Hawai, especialmente durante os anos da guerra. Mas embora houvesse muitos buddhistas chineses vivendo no Hawai, que era, então, somente um território americano, não havia templos buddhistas ou quaisquer sacerdotes que ensinassem e conduzissem cerimônias. Esses chineses-hawaianos enviavam freqüentemente delegações para Hong Kong pedindo que sacerdotes fossem enviados ao Hawai para servir as pessoas e também para supervisionar a construção de um templo. Naturalmente, eles desejavam que Hsü Yun viesse a Honolulu para criar o novo templo, mas Hsü Yun havia se dedicado à restauração do Mosteiro de Yün-men e, assim, decidiu me enviar em seu lugar.

Em 1949, completei o primeiro estágio dessa missão quando cheguei a Hong Kong e iniciei os procedimentos de imigração necessários. Eu não chegaria em Honolulu até 1956. O Hawai se tornou um estado em 1959; mas nosso templo, que chamei Templo de Hsü Yun, foi o primeiro templo buddhista no Hawai.

Não muito depois de ter chegado em Hong Kong em 1949, a guerra civil chinesa terminou, e os Comunistas tomaram o controle do governo. Grupos de brutamontes comunistas, supondo que as Igrejas e Templos eram repositórios ocultos de ouro e outro valores, marcharam sobre os inofensivos edifícios religiosos e exigiram que os religiosos dessem esses tesouros inexistentes para eles.

Em 1951, enquanto estive em Hong Kong, alguns desses brutamontes vieram ao Mosteiro de Yün-men e exigiram que Hsü Yun desse a eles o ouro e os valores do templo. Hsü Yun tentou explicar que não havia tais valores no Mosteiro de Yün-men. Mas eles se recusaram a acreditar nele e, um por um, bateram nos monges num esforço de forçar a descoberta da localização do

tesouro. Um monge foi espancado até à morte; vários monges desapareceram e seus corpos nunca foram encontrados. Muitos sofreram danos sérios como braços e costelas quebrados. Durante os três meses em que os brutamontes ocuparam o mosteiro, eles regularmente interrogaram e bateram em Hsü Yun, arremessando-o, então, para dentro de um pequeno quarto escuro por dias, e privando-o de comida e água. Muitas vezes foi espancado até perder os sentidos e ser julgado como morto. Mas a despeito dos numerosos danos internos e dos ossos quebrados que este velho homem de noventa e três anos suportou, ele exercitou sua enorme força de vontade e recusou abandonar sua vida até completar sua missão. Ele sabia que sua presença viva, mesmo que num pequeno grau, servia para restringir os atacantes. Ele sabia também que enquanto pudesse permanecer vivo, ele poderia inspirar seus seguidores; e naqueles tempos difíceis eles necessitavam toda a inspiração que podiam obter.

Determinando que sua vontade para sobreviver devia ser maior que a vontade de seu agressores em destrui-lo, Hsü Yun, embora fisicamente frágil, permanecia indomável; e recuperava-se, a despeito das torturas a que estava sujeito.

Apesar de os brutamontes terem tentado guardar em segredo o tratamento que davam a esse homem santo, notícias de sua tortura logo alcançaram o mundo exterior, e chineses de todo o globo queixaram-se amargamente contra o governo de Beijing (Pequim). Era impensável que os invasores japoneses tivessem respeitado os sacerdotes e mosteiros, enquanto a milícia chinesa os violasse.

As autoridades de Pequim enviaram imediatamente uma delegação a Yün-men, mas porque Hsü Yun temia represálias, ele se recusou a preencher quaisquer queixas formais. Tão logo recuperou seu vigor, entretanto, ele fez a difícil viagem a Pequim e, pessoalmente, implorou aos governantes que restringissem esses militares. Ele insistiu que ordenassem que todas as instituições religiosas fossem respeitadas, que o clero não fosse molestado, e que fosse permitido aos chineses praticarem a liberdade de religião. As autoridades concordaram, temendo talvez a força de sua reputação já lendária; e por um tempo, ao menos durante os anos restantes de Hsü Yun, a política do governo ficou mais tolerante em relação à religião.

O governo, entretanto, não mais toleraria críticas de qualquer espécie de fontes do exterior e, assim, todas as linhas de comunicação foram cortadas. Em

Hong Kong, eu, desesperadamente, tentava obter notícias sobre o destino de Hsü Yun, mas era impossível descobrir qualquer coisa. Escrevi inúmeras cartas, mas nenhuma foi respondida.

Entretanto, como é costumeiro, continuei a enviar a Hsü Yun cópia de todos os ensaios e artigos sobre Buddhismo que eu havia escrito. Em dias mais felizes, segundo o costume, eu teria recebido seus comentários. Mas naqueles dias infelizes, nada do que mandei recebeu resposta.

Então, em 1952, escrevi uma dissertação sobre o Sūtra do Coração, a qual foi particularmente bem recebida. O governo de Pequim decidiu permitir sua publicação. Imediatamente escrevi ao editor em Pequim expressando meu grande desejo em saber da resposta de meu mestre à dissertação. Miraculosamente, um dos secretários do escritório do editor decidiu levar em mãos minha carta e dissertação diretamente a Hsü Yun, e esperar por sua resposta. Hsü Yun leu ambas, e disse, então, ao secretário, que havia aprovado a dissertação e me enviado sua benção. Suas palavras me foram transmitidas; e esta comunicação indireta foi a última que tive de meu amado mestre.

Em 13 de outubro de 1959, com a idade de 101 anos, o Mestre Hsü Yun entrou no Nirvāṇa final. As notícias de sua morte me entristeceram profundamente. Publicamente realizei serviços memoriais especiais e escrevi um epitáfio para ele; mas particularmente, fui tomado pelo pesar. Por dias chorei e não pude comer ou dormir. Eu sabia o quanto devia a ele. Sabia que em sua sabedoria ele previu a ameaça que pairava sobre nosso Dharma Buddhista chinês, o Dharma de Huineng, Lin Ji (Lin-chi) e Hanshan. Ele desejava que este Dharma fosse transplantado para os Estados Unidos onde poderia estar a salvo, e ele havia me dado a honra de assim fazer.

A maneira como Hsü Yun morreu também me fez apreciar ainda mais a força de seu grande coração. Compreendi claramente que ele era capaz de transcender a existência física e adiar sua entrada no Nirvāṇa final, até que estivesse pronto para fazer sua última viagem..., até ter preenchido sua obrigação sagrada de usar sua influência para proteger todos os sacerdotes na China.

Eu e outros sacerdotes buddhistas, juntamente com muitos religiosos de outras crenças, devemos nossas vidas à devoção de Hsü Yun ao Buddha Amitābha e sua inabalável convicção de que sua Gloriosa Presença jaz nos corações de todos os seres humanos.

Shanti. Shanti. Shanti. Amitofo! (Amitābha)

CAPÍTULO I: Introdução

Caros Amigos, deixem-me contar uma pequena estória que um homem sábio certa vez me contou. Ele disse:

“Certa vez me encontrei num país desconhecido, andando por uma rua estranha. Olhando à volta, tentando me localizar, vi dois homens parados próximos dali. Aproximei-me deles. ‘Onde estou?’ – perguntei - ‘Quem são vocês?’

“O primeiro homem respondeu: ‘Este é o mundo do Saṁsāra, e, neste mundo, eu sou o mais alto dos anões!’ E o outro homem respondeu: ‘Sim, e eu sou o gigante mais baixo!’

“Este encontro me deixou muito confuso, pois, na realidade, ambos os homens eram da mesma altura!”

Iniciei meu prefácio com esta pequena estória pois queria enfatizar, desde o começo, quão importante é a consideração a respeito da percepção das coisas.

Certa vez, Huineng, o sexto e último patriarca de nossa Via Ch’an, encontrou dois monges que discutiam sobre uma bandeira que balançava ao vento.

Disse o primeiro monge: “É a bandeira que se move”. O outro monge disse: “Não! É o vento que se move”.

O Sexto Patriarca aconselhou a ambos: “Caros senhores”, ele disse, “é a sua mente que faz todo o movimento!”

No mundo do Saṁsāra, o Homem é a medida de todas as coisas. Tudo é relativo. Tudo está em transformação. Somente no mundo real, o mundo do Nirvāna, há constância.

No Ch’an, nossa tarefa é discriminar - não entre o falso e o falso - mas entre o falso e o real. Diferenças na aparência exterior nada importam. O mundo real está dentro de nós. Está mesmo dentro de nossa mente.

É agora minha feliz tarefa ajudá-los a entrar no mundo real, o mundo no

qual não há anões e gigantes ou argumentos sem sentido. No mundo real há somente paz, alegria, verdade e liberdade em relação aos contínuos desejos por ilusões problemáticas.

Caros amigos, cada ser humano possui duas naturezas: uma aparente e outra real. A aparente é nosso pequeno eu ou ego que é, por toda a parte, diferente dos outros pequenos eus; a real é nossa Grande Natureza de Buddha, que é sempre o mesmo. Nosso pequeno eu existe no mundo aparente, o mundo do Saṁsāra. Nossa Natureza de Buddha existe no mundo real, o mundo do Nirvāṇa.

Ambos os mundos estão localizados no mesmo lugar. No Sūtra do Coração, lemos: “A forma não é diferente da vacuidade, e a vacuidade não é diferente da forma”. Todos querem saber: “Como podem Saṁsāra e Nirvāṇa serem a mesma coisa? Como pode a ilusão ser a mesma coisa que a realidade? Como eu posso ser eu e também o Buddha?” Estas são boas perguntas. Todos os buddhistas precisam saber as respostas para elas.

A resposta está no modo como percebemos a realidade. Se percebemos a realidade diretamente, nós a vemos em sua pureza nirvāṇica. Se a percebemos indiretamente, por meio de nossa consciência egóica, vemos sua distorção saṁsārica. Por que nossa visão da realidade é defeituosa?

O Saṁsāra é o mundo que nosso pequeno eu pensa que vê e apreende com os sentidos. Algumas vezes cometemos enganos. Se um homem estivesse andando por um bosque e encontrasse um rolo de corda no caminho, ele pensaria que a corda era uma serpente e sairia correndo. Para ele, aquela corda era uma serpente, e reagiria de acordo. Quando retornasse para casa ele falaria a todos sobre a perigosa serpente que quase o picou quando andava pelo bosque. Seu medo era genuíno. A razão para seu medo não era.

O pequeno eu também percebe erroneamente a realidade sempre que impõe julgamentos estéticos ou morais arbitrários sobre ela. Se uma mulher vê outra mulher usando um chapéu verde e diz: “Vejo uma mulher usando um chapéu verde”, não há problema. Mas se ela diz: “Vejo uma mulher usando um horroroso chapéu verde”, ela está fazendo um julgamento saṁsārico. Outra pessoa pode achá-lo bonito. Mas, na realidade, não é nem belo, nem feio, simplesmente é.

Da mesma forma, quando a raposa mata uma coelha, este é um ato maléfico do ponto de vista dos coelhinhos que morrerão de fome por causa da morte de sua mãe. Mas para os filhotes famintos da raposa, os quais comerão a coelha que sua mãe lhes trouxe, o mesmo evento é definitivamente bom. Na realidade, o evento não é nem bom, nem mau. Ele simplesmente é.

A realidade também é mal interpretada porque tanto o observador quanto aquilo que está sendo observado mudam constantemente.

Não há um momento preciso em que um botão transforma-se em flor, ou uma flor torna-se fruto, ou um fruto torna-se semente, ou uma semente torna-se uma árvore que irá florescer. Todas essas mudanças são sutis e contínuas.

Não podemos entrar no mesmo rio duas vezes, pois a água está em fluxo constante. Também não somos a mesma pessoa nem mesmo de um minuto para o outro. Constantemente, assimilamos novas informações e novas experiências, ao mesmo tempo em que, simultaneamente, esquecemos velhas informações e experiências. Ontem podíamos nos lembrar do que jantamos na noite anterior. Amanhã não mais teremos o privilégio de nos lembrarmos daquele cardápio, a menos que tenha sido alguma festa suntuosa de algum tipo... ou, então, sempre comemos o mesmo alimento e podemos dizer com certeza: “foi arroz e queijo de soja”.

A ilusão da vida é oposta à ilusão do cinema. No cinema, muitas imagens individuais são passadas juntas, formando a ilusão do movimento contínuo. Na vida, interceptamos o movimento contínuo, isolamos e congelamos uma imagem, nomeando-a e fixando-a como se fosse um objeto ou evento concreto e individual. Nem sempre concordamos sobre a fixação do momento no tempo. O que é uma mulher jovem? Para um homem em seus noventa anos, muitas mulheres são jovens!

Bem, podemos agora ter uma idéia melhor do porquê nosso pequeno eu percebe a realidade erroneamente, mas podemos ainda nos perguntar, por que, afinal de contas, temos dois eus?

A resposta, simplesmente, é que somos seres humanos.

Nosso pequeno eu nos provê com aquela sensação consciente de identidade contínua que permite a cada um de nós saber: “Sou hoje quem eu era

ontem e serei amanhã". Sem isso, não poderíamos organizar os dados sensórios que chegam até nós. Sem isso, não teríamos a sensação de pertencimento ou de estarmos conectados a outros. Não teríamos pais ou família para chamar de nossos, nem esposa ou filhos, nem professores ou amigos para nos guiar e encorajar. Nosso pequeno eu nos dá nossa natureza humana.

À medida que crescemos, descobrimos que a linha de nossa vida não é um longo fio contínuo, onde cada evento está preso separadamente como as contas de um rosário. Não, o fio entrelaça-se numa rede, num conjunto interdependente de nós. Não podemos remover um único nó sem afetar os outros. Não podemos puxar uma única linha de nossa história sem, talvez, alterar todo seu curso. Esta rede de informação e experiência, de condicionamento e associação, de memória e mal-entendimento, logo se torna um emaranhado complicado e confuso; e nos tornamos atordoados com relação ao nosso lugar no esquema das coisas. Quando somos jovens, vemo-nos no centro do universo, mas quando envelhecemos não estamos mais certos sobre nossa posição ou nossa identidade. Pensamos: "Não sou a pessoa que eu era quando tinha dez anos, mas tampouco sou diferente". Logo nos perguntamos: "Quem sou eu ?" Nosso eu-ego nos levou a esta confusão.

A confusão leva à calamidade e, então, a vida se torna amarga e dolorosa, como lembrou o Buddha em sua Primeira Nobre Verdade.

Como dispersamos essa confusão? Dando um giro em nossa consciência. Rejeitando a complexidade do mundo exterior em favor da simplicidade do mundo interior. Ao invés de tentar adquirir poder e glória para nosso pequeno ego, viramos nossa consciência para dentro, a fim de descobrir a glória de nossa Natureza de Buddha. Ao invés de nos tornarmos miseráveis, buscando controlar os outros, encontramos alegria e contentamento em ser Um com nossa Natureza de Buddha e em servir os outros.

Caros amigos, o propósito do treinamento Ch'an é clarear nossa visão, a fim de conquistarmos a visão clara sobre nossa verdadeira identidade. O Ch'an nos capacita a transcender nossa natureza humana e realizar a Natureza de Buddha.

Séculos atrás, nossa escola de meditação Ch'an foi fundada por dois grandes homens: o Primeiro Patriarca, Bodhidharma, que veio do Ocidente para a China, e Huineng, o Sexto Patriarca, nascido na China.

Por causa desses dois homens o Ch’an floresceu, espalhando-se pela China e por muitas terras distantes. E qual foi o mais importante ensinamento de Bodhidharma e Huineng? “Livrem-se do egoísmo! Livrem-se dos pensamentos que poluem a mente!”

Se estas orientações não forem seguidas, não será possível nenhum sucesso na prática do Ch’an. O Caminho do Ch’an está diante de vocês! Sigam-no! Ele os levará para a paz, a alegria, a verdade e a liberdade.

CAPÍTULO II: O Treinamento Ch’an

Muitas pessoas começam o treinamento Ch’an pensando da seguinte forma: “Bem, já que tudo é Māyā ou ilusão saṁsārica, então, não importa o que eu faça, ou como eu faça, a única coisa importante é atingir o Nirvāṇa. Assim, não há tal coisa como o bem ou o mal. Eu farei aquilo que quiser. Não importa o que fazemos. O Ch’an é um ramo da religião buddhista e, como buddhistas, devemos aderir aos preceitos éticos. Se estamos ou não no saṁsāra devemos obedecer aos preceitos. E, além disso, devemos seguir estritamente as regras de disciplina que governam nosso treinamento. Vamos começar com as regras de treinamento:

À medida que há vários métodos que podem ser seguidos, antes de começar a segui-los, antes de começar qualquer um deles, um praticante deve possuir os quatro requisitos básicos.

Ele ou ela devem:

1. Compreender a Lei da Causalidade.
2. Aceitar as regras de disciplina.
3. Manter uma inabalável fé na existência da Natureza de Buddha.
4. Estar determinados a ser bem sucedidos em qualquer método que escolham.

Explicarei cada um desses quatro pré-requisitos.

Primeiramente, a Lei da Causalidade simplesmente afirma que o mal produz o mal e o bem produz o bem. Uma árvore venenosa produz um fruto venenoso, enquanto uma árvore saudável produz um bom fruto. Na teoria, isso parece ser simples, mas, de fato, é muito complexo. Ações maléficas são um mau investimento. Elas garantem um retorno como dor, amargura, ansiedade e remorso. Não há proveito a ser obtido de ações que provêm da cobiça, da paixão, do ódio, do orgulho, da preguiça ou da inveja. Todas estas motivações meramente servem às ambições do ego. Ações maléficas nunca podem promover a realização espiritual, mas somente garantem a penúria espiritual. De outro

lado, as boas ações, desde que não feitas de forma interessada, são como um investimento que garante um resultado futuro e traz, àquele que o faz, paz e preenchimento espiritual.

Uma boa ação sem ego é muito diferente de uma boa ação que se faz por obrigação. Na superfície o efeito pode parecer o mesmo. Ajuda ou bondade que é necessária deve ser dada. Mas a pessoa que ajuda outra com expectativas escondidas de receber algum benefício futuro, usualmente, faz o mal e não o bem. Deixe-me ilustrar esse ponto: na China havia um príncipe que amava pássaros. Sempre que encontrava um pássaro machucado ele o alimentava, e cuidava dele até ter restaurado sua saúde. Então, quando o pássaro tinha recuperado suas forças, ele o soltava com muita alegria. Naturalmente, ele se tornou famoso por este talento de ser um curador amante dos pássaros feridos. Sempre que um pássaro machucado era encontrado em algum lugar do seu reino o pássaro era rapidamente trazido até ele, e ele expressava sua gratidão à pessoa que o trazia. Mas, então, a fim de conseguir o favor do príncipe, as pessoas logo começaram a apanhar pássaros e deliberadamente machucá-los, a fim de trazê-los ao palácio. Tantos pássaros foram mortos no curso da captura e da ação de ferir que o reino se tornou um inferno para eles. Quando o príncipe viu quanto dano sua bondade estava causando, ele decretou que nenhum pássaro ferido deveria ser ajudado. Quando as pessoas viram que não havia nenhum lucro ou ganho proveniente da ajuda aos pássaros, então, elas cessaram de feri-los.

Algumas vezes acontece de nossas experiências serem como a desse príncipe. Algumas vezes pensamos que estamos fazendo um grande bem. E aprendemos, para nosso desencanto, que, de fato, estamos causando o maior mal. Faça o bem em silêncio e de forma anônima. Esqueça-se da alegria. Uma ação boa deveria ter uma vida curta e, uma vez morta, deveria ser rapidamente enterrada. Que ela descanse em paz. Não tente ressuscitá-la. Muito freqüentemente, tentamos transformar uma ação boa num fantasma que assombra as pessoas, que as mantém se lembrando sobre nosso serviço maravilhoso, somente no caso delas se esquecerem.

Mas, o que acontece quando somos os recipientes da bondade de alguém? Bem, então, deveríamos fazer com que aquela boa ação ganhasse a imortalidade. Deixar viver a boa ação dos outros é muito mais difícil do que deixar morrer as nossas boas ações. Vou ilustrar isso também.

Certa vez, havia um comerciante, um homem bom, decente, que dava valor a todos os seus clientes. Ele se preocupava com eles e queria que todos estivessem saudáveis e bem alimentados. Ele mantinha seus preços tão baixos que não ganhava qualquer dinheiro, nem mesmo o suficiente para contratar alguém que pudesse ajudá-lo em sua pequena loja. Ele trabalhava muito em sua pobreza honesta, mas estava feliz. Um dia, uma cliente chegou e contou a ele uma história muito triste. Seu marido tinha se machucado e não seria capaz de trabalhar por muitos meses. Ela não tinha dinheiro para comprar comida para ele e para seus filhos. “Sem comida”, ela chorou, “todos nós morreremos”. O comerciante simpatizou com ela e concordou em estender seu crédito. Ele disse: “a cada semana eu darei a você arroz para sete dias e vegetais para quatro dias, e isso, seguramente, será o suficiente para sustentar a saúde de sua família. Quando seu marido retornar ao trabalho, você poderá manter o mesmo cardápio enquanto estiver pagando suas contas. Antes que você perceba, todos estarão comendo vegetais por sete dias na semana”. A mulher ficou tão agradecida! Cada semana ela recebia arroz para sete dias e vegetais para quatro. Mas, quando seu marido retornou ao trabalho, ela tinha que decidir se pagaria sua velha dívida, enquanto continuava a comer vegetais somente por quatro dias na semana, ou ia para outro comerciante e comia vegetais sete dias por semana. Ela escolheu a última opção e justificou sua falha em pagar a dívida dizendo às pessoas que o comerciante antigo tinha vendido a ela vegetais estragados. Quão frequentemente, quando queremos tanto algo, prometemos que, se recebermos aquilo que desejamos, dedicaremos nossa vida a demonstrar nossa gratidão, mas, então, uma vez que recebemos aquilo que tão ardentemente buscávamos, nossa promessa se enfraquece e morre, quase automaticamente. Rapidamente a enterramos sem cerimônia. Esse não é o modo Ch’an.

E assim, da mesma forma que o fazendeiro que semeia grãos de soja não espera colher melões, nós não devemos esperar, quando cometemos atos egoístas, imorais ou danosos, colher a pureza espiritual. Nem podemos esperar esconder as nossas más ações fugindo do lugar onde as cometemos. Ou acreditar que o tempo apagará a lembrança delas. Nunca deveríamos supor que, se simplesmente ignorarmos as nossas más ações por tempo suficiente, as pessoas a quem machucamos convenientemente morrerão, levando para seu túmulo a nossa necessidade de espiar o dano que causamos. São as nossas boas ações que devemos enterrar, não as nossas vítimas ou nossas promessas quebradas. Não deveríamos pensar que, porque não há uma testemunha ao nosso redor para nos

questionar, por isso, não teremos que responder por nossas más ações. Muitas histórias buddhistas antigas ilustram esse princípio. Deixe-me contar uma das minhas favoritas.

Durante a geração que precedeu a vinda do Buddha Śākyamuni na terra, muitos cidadãos do clã śākya foram brutalmente massacrados pelo malvado rei Virūḍhaka, o assim chamado “Rei Cristal”. Porque tal evento terrível ocorreu? Bem, aconteceu que perto de Kapila, a cidade ´sākya na qual o Buddha nasceu, havia um grande lago e nas margens desse lago havia uma pequena vila. Ninguém se lembrava do nome da vila. Certo ano, uma grande seca ocorreu. A colheita se perdeu e os moradores do vilarejo não podiam encontrar nada para fazer a não ser matar e comer os peixes que viviam nesse lago. Eles pegaram todos os peixes, exceto um. Este último peixe foi capturado por um garoto que brincava com a pobre criatura balançando-a pela sua cabeça, e era isso que o garoto fazia quando os moradores viram o peixe, o pegaram e o mataram.

Então, as chuvas chegaram novamente e a vida de todo o reino voltou ao normal. As pessoas se casaram e tiveram filhos. Uma dessas crianças era Siddhārtha, o Buddha, que nasceu na cidade de Kapila, perto da vila e perto daquele lago. Siddhārtha cresceu, pregou o Dharma, conquistando muitos seguidores. Entre eles estava o rei de Śrāvasti o rei Prasenajit. Este rei casou-se com uma moça śākya e os dois tiveram um filho, o príncipe Virūḍhaka, “O Rei de Cristal”. A dupla real decidiu educar o príncipe em Kapila, a cidade do Buddha. No começo tudo estava bem. O príncipe era um garoto saudável e logo se tornou bastante forte e agradável. Mas, antes que estivesse pronto para entrar na escola, um evento inesperado ocorreu! Aconteceu que certa vez, durante a ausência do Buddha de Kapila, o jovem príncipe subiu no Venerável Assento do Buddha e começou a brincar. Ele não queria fazer nenhum mal - era apenas uma criança brincando. Mas, ah! Os concidadãos do Buddha viram o príncipe brincando nesse lugar sagrado e ficaram muito raivosos, repreendendo o príncipe, tirando-o da cadeira, humilhando-o e punindo-o. Como pode uma criança entender a tolice desses fanáticos? Nem mesmo os adultos podem compreender. Isso era realmente muito misterioso. O tratamento duro serviu apenas para tornar o príncipe mais amargo e ser a causa de seu ódio por todas as pessoas do clã śākya. Foi o tratamento duro que o colocou na carreira de crueldade e vingança. Finalmente, o príncipe matou seu próprio pai e ascendeu ao trono de Śrāvasti. Então, como rei Virūḍhaka, o Rei de Cristal, ele finalmente foi capaz de empreender sua vingança contra o clã śākya. Liderando seus

próprios soldados, ele começou o ataque à cidade de Kapila.

Quando os concidadãos do Buddha vieram a este para contar sobre o iminente massacre eles o encontraram sofrendo de uma terrível dor de cabeça. Eles lhe imploraram para que interviesse e resgatasse o povo de Kapila do ataque brutal do Rei de Cristal, mas o Buddha, com muita dor, recusou-se a ajudar. “Um karma fixado não pode ser mudado”, ele disse.

Os concidadãos, então, se voltaram para Maudgalyayana, um dos discípulos mais poderosos do Buddha, e imploraram por sua assistência. Ele ouviu a sua triste reclamação e, movido pela piedade, decidiu ajudar os cidadãos de Kapila. Usando de suas habilidades sobrenaturais Maudgalyayana estendeu a sua tigela miraculosa para o reino Śākya ameaçado, e permitiu que quinhentos deles subissem na tigela. Então, ele levantou a tigela, alto no ar, pensando que os tinha levado para a segurança. Mas, então, quando ele baixou a tigela, os quinhentos homens tinham se transformado numa piscina de sangue.

A avassaladora visão alarmou todo mundo, tanto que o Buddha decidiu revelar a história de seus ancestrais: aqueles moradores do vilarejo que tinham matado todos os peixes durante a seca.

“Este grande exército de soldados que agora atacam Kapila eram antes aqueles peixes”, ele explicou. “As pessoas de Kapila que estão sendo agora massacradas eram as pessoas que mataram aqueles peixes. O Rei de Cristal, ele mesmo, era aquele último grande peixe. E quem vocês acham”, o Buddha perguntou, segurando um pano frio na sua testa, “era o garoto que balançava o peixe sobre sua cabeça?”

Assim, por terem matado o peixe, as pessoas sofreram a morte, e por ter machucado a cabeça do peixe o Buddha foi, então, amaldiçoado agora com uma terrível dor de cabeça. E o que dizer sobre Virūḍhaka, o Rei de Cristal? Naturalmente, ele renasceu no inferno.

Assim, você vê, não há fim na causa e no efeito. Uma causa produz um efeito que por sua vez se torna a causa de outro efeito. Ação e reação. Tributo e Retribuição. Esta é a Lei da Causalidade. Mais cedo ou mais tarde todas as ações maléficas chegam até nós. O único modo de prevenir o efeito é prevenir a causa. Devemos aprender a perdoar, a esquecer da injúria e do insulto, e nunca procurar a vingança ou armazenar quaisquer rancores. Nunca devemos nos tornar

fanáticos, donos da verdade, orgulhosos nas nossas vãs noções de piedade e dever. E, acima de tudo, devemos sempre ser gentis, especialmente com as crianças.

Deixe-me contar outra história sobre causa e efeito. Esta se refere ao mestre ch'an Bai Zhang (Pai-chang), o qual, de fato, foi capaz de libertar um selvagem espírito de raposa. Muito poucas pessoas foram capazes de fazer isso!

Certa tarde, depois de um encontro ch'an ter terminado e todos os discípulos terem se retirado, o mestre Bai Zhang percebeu um velho homem que estava na parte de fora do Hall de Meditação. Mestre Bai Zhang se aproximou do homem e perguntou: "Diga-me, senhor, quem e o que estás procurando?" O velho homem replicou; "Não, não 'senhor'. Eu não sou um ser humano. Eu sou uma raposa selvagem que está meramente habitando o corpo de um homem". Bai Zhang ficou, naturalmente, muito surpreso e curioso. "Como você chegou a essa condição?", ele perguntou. O velho homem-raposa explicou: "Quinhentos anos atrás eu era o monge-chefe deste mosteiro. Um dia, o monge mais novo chegou e me perguntou: 'Quando um homem atinge a iluminação ele ainda está sujeito à lei da causalidade?' E eu, de forma altiva, respondi: 'Não, ele está isento dessa Lei'. Minha punição por essa resposta falsa e arrogante foi meu espírito ter sido transformado no espírito de uma raposa selvagem e, assim, corri para as montanhas. Como um homem-raposa, eu não podia morrer e, enquanto minha ignorância permanecesse, eu deveria continuar a viver nessa lamentável condição. Por quinhentos anos eu venho vagando nessas florestas na busca do conhecimento que me libertará. Mestre, eu imploro que seja compassivo e que me ilumine na verdade".

Mestre Bai Zhang falou gentilmente ao homem-raposa: "Coloque a mesma questão para mim, aquela que o monge mais jovem fez a você, que eu lhe darei a resposta correta". O homem-raposa concordou. "Eu desejo perguntar ao mestre isto: quando um homem atinge a iluminação, está ainda sujeito à lei da causalidade?" Bai Zhang respondeu: "Sim. Ele nunca está isento dessa Lei. Ele nunca pode fechar os seus olhos às possibilidades da causa e efeito. Ele deve permanecer consciente de todas as suas ações presentes e passadas".

Repentinamente, o velho homem-raposa se tornou iluminado e livre. Ele se prostrou diante do mestre e profusamente agradeceu a ele. "Finalmente", ele disse, "estou liberto!" Então, quando estava indo embora, ele se virou e

perguntou a Bai Zhang: “Mestre, já que eu sou um monge, o senhor gentilmente me daria os ritos funerários usuais para os monges? Eu vivo aqui perto, numa caverna nas montanhas atrás do mosteiro, e irei para lá para morrer”. Bai Zhang concordou e, no dia seguinte, foi à montanha e localizou a caverna. Mas, ao invés de encontrar lá o velho monge, Pai-chang viu apenas uma protuberância no chão, perto da caverna. Ele cutucou essa protuberância com seu bastão e descobriu uma raposa morta.

Bem, uma promessa é uma promessa. Mestre Bai Zhang conduziu os ritos funerários usuais para um monge no corpo de uma raposa. Todo mundo pensou que Bai Zhang estivesse louco, especialmente quando ele mesmo liderou a procissão funerária solene... com a raposa morta sobre o carro funerário!

Assim, vocês vejam, caros amigos, mesmo o atingimento do estado de Buddha não os isenta da Lei da Causalidade. Se até mesmo o Buddha pôde sofrer de uma dor de cabeça por não ter sido gentil com um peixe, maior é a nossa necessidade de permanecer atentos ao princípio de que um ato danoso, mais cedo ou mais tarde, nos trará uma retribuição danosa. Estejam atentos ao que dizem ou fazem! Não se arrisquem a se tornar um espírito de raposa!

Quanto ao segundo requisito, a estrita observância das regras de disciplina, eu direi a vocês, sinceramente, que não há progresso espiritual sem a moralidade e sem o cumprimento do dever religioso. A disciplina é a fundação sobre a qual a iluminação repousa. A disciplina regula o nosso comportamento e o torna imutável. Perseverança se torna estabilidade, e é isto que produz a sabedoria.

O Śūraṅgama Sūtra nos ensina claramente que o mero sucesso na meditação não apagará as nossas impurezas. Mesmo se formos capazes de demonstrar uma grande proficiência na meditação, ainda assim, sem a aderência à disciplina cairíamos facilmente no reino maléfico de Mara, dos demônios e hereges. Um homem - ou mulher - que é diligente na observação da disciplina moral e do dever religioso, é protegido e encorajado pelos dragões celestes e pelos anjos, da mesma forma que é evitado e temido pelos demônios do mundo subterrâneo e hereges de todas as partes.

Certa vez, ocorreu que, no estado de Kashmir, um dragão terrestre venenoso vivia numa caverna perto de um mosteiro de quinhentos santos que trilhavam o caminho inferior. Esse dragão aterrorizava a região tornando a vida de muitas pessoas miserável. Todos os dias os santos se reuniam e, juntos,

tentavam usar o poder de sua meditação coletiva para mandar embora o dragão. Mas sempre fracassavam. O dragão simplesmente não ia embora.

Então, um dia, um monge ch'an do caminho superior chegou até o mosteiro. Os santos reclamaram sobre esse terrível dragão e pediram ao monge para se juntar a eles na meditação, a fim de acrescentar o poder de sua meditação ao deles. "Devemos forçar essa besta a nos deixar", eles clamaram! O monge ch'an meramente sorriu e foi diretamente até a caverna do dragão venenoso. Colocando-se diante da caverna, o monge chamou o dragão. "Sábio e virtuoso senhor, o senhor poderia ser gentil o suficiente para nos deixar e sair de seu lugar e encontrar refúgio num lugar mais distante?" "Bem", disse o dragão, "como você me pediu tão polidamente, eu concordarei com seu pedido e sairei daqui". O dragão, você vê, tinha um fino sentido de etiqueta e, assim, ele foi embora. Em seu mosteiro, os santos observaram tudo em absoluta surpresa. Certamente este monge possuía poderes de samādhi miraculosos. Tão logo o monge chegou, os santos se juntaram ao redor dele e pediram que ele contasse sobre seus poderes maravilhosos. "Eu não usei nenhum tipo de meditação especial ou samādhi", disse o monge. "Eu simplesmente mantive as regras de disciplina e essas regras estipulam que eu devo observar os menores requisitos de cortesia tão cuidadosamente quanto eu observo os maiores requisitos de moralidade".

Assim, podemos ver que o poder coletivo da meditação samādhi de quinhentos santos, algumas vezes, não é igual à simples aderência de um monge às regras de disciplina. E, se você perguntar: "Por que a atenção estrita à disciplina é necessária se a mente já atingiu o estado de não-julgamento? Por que um homem honesto e direito precisa ainda continuar a praticar o Ch'an?" Eu perguntaria a esse homem: "Sua mente está tão segura que, se a graciosa Deusa da Lua chegasse até você e o abraçasse com seu corpo nu, seu coração permaneceria imperturbável?" E você... se alguém o insultasse, sem ter causa para insultá-lo ou machucá-lo, você não sentiria raiva ou ressentimento? Você pode estar certo de que sempre evitaria comparar-se com os outros, ou de que sempre se refrearia de ser crítico? Você pode estar certo de que sempre sabe distinguir o correto do incorreto? Agora, se você está absolutamente certo de que nunca se curvará diante da tentação, de que nunca errará de modo algum, então, abra sua boca e fale alto e em bom som! De outro modo, nem mesmo sussurre uma mentira.

Quanto ao terceiro requisito, aquele de ter uma crença firme na natureza de

Buddha, por favor, saiba que a fé é a mãe, a fonte nutridora de nossa determinação em nos submeter ao treinamento e realizar nossos deveres religiosos. Se buscamos a libertação das dificuldades deste mundo, devemos ter uma firme fé na promessa do Buddha de que cada ser vivo, cada ser humano na terra, possui a sabedoria do Tathāgata e, assim, tem o potencial para atingir o estado de Buddha. O que nos impede de realizar essa sabedoria e atingir esse estado de Buddha? A resposta é que, simplesmente, não temos fé em suas promessas, em suas afirmações. Preferimos permanecer na ignorância dessa verdade, aceitar o falso como genuíno, e dedicar nossas vidas à satisfação de todos os nossos tolos desejos.

A ignorância da verdade é uma doença. Agora, como o Buddha ensinou, o Dharma é como um hospital que tem muitas portas. Podemos abrir uma delas e entrar num lugar de cura. Mas devemos ter fé em nossos médicos e na eficácia do tratamento. Sempre que queria ilustrar os problemas que causam a dúvida e a falta de fé, o Buddha contava a parábola do médico. Ele perguntava: “Suponha que você fosse ferido por uma flecha venenosa e um amigo trouxesse um médico para ajudá-lo. Você diria ao seu amigo: ‘Não! Não! Não! Não vou deixar essa pessoa me tocar até descobrir quem me atingiu. E eu quero saber seu nome, o endereço, e assim por diante. Isto é importante, não é? E quero saber mais sobre essa flecha. Sua ponta é feita de pedra ou de ferro, de osso ou de chifre? E o que dizer a respeito do arco de madeira? A madeira é de um carvalho, de um olmo, ou de um pinheiro? E que tipo de corda foi usada para prender as duas pontas do arco? Ela é feita de pêlo de boi, de macaco ou de veado? E que tipo de penas foram usadas na flecha? Foram de uma garça ou de um falcão? Que tipo de veneno foi usado? Quero saber qual sua natureza. E quem é essa pessoa, afinal de contas? É ele um médico qualificado? Afinal, eu não quero um charlatão tratando de mim. Penso que tenho o direito de conhecer essas coisas! Assim, por favor, responda minhas perguntas ou não deixarei esse homem me tocar!’” “Bem”, disse o Buddha, “antes de você ter essas perguntas respondidas à sua satisfação, você já estaria morto”.

Assim, caros amigos, quando se encontrarem sofrendo dos males do mundo, acreditem no grande médico. Ele curou milhões de outros. Que devoto já pereceu sob seu cuidado? Que devoto fracassou em ser restaurado à vida eterna e à felicidade quando seguiu seu regime? Ninguém. Todos se beneficiaram. E, da mesma forma, ocorrerá também com você, se tiver fé em seus métodos. A fé é um tipo de habilidade que você pode desenvolver. Se, por exemplo, você deseja

fazer um queijo de soja, começa fervendo e moendo os grãos de soja, e, aí então adiciona uma solução de pó de gesso ou, então, suco de limão aos feijões cozidos. Você sabe que pode ficar lá observando e vendo o queijo se formar. Você tem fé no seu método porque ele sempre funciona. Assim, você ganha um senso de certeza. É claro que na primeira vez que você faz o queijo de soja, supondo que seja completamente não familiar com a sua produção, você pode sentir uma falta de fé no método. Você pode ter dúvida se a água com limão ou o gesso pode realmente fazer com que os feijões cozidos se transformem em queijo. Mas, uma vez bem sucedido, e tendo visto com seus próprios olhos que a receita estava correta, e que o procedimento funcionou, você aceita sem reserva o método prescrito. Sua fé no método foi estabelecida.

Dessa forma, devemos crer que cada um de nós tem a natureza de Buddha e que podemos encontrar essa natureza de Buddha se, diligentemente, seguirmos o apropriado caminho do Dharma. Se estivermos com medo podemos também nos lembrar das palavras do mestre Yongjia (Yung-chia), que estão presentes na Canção da Iluminação:

“No mundo real do Tathāgata, nem ego, nem regras, nem céu, nem inferno existem. Nenhum mal saṁsārico pode ser encontrado lá. Se eu estiver mentindo, você pode cortar minha língua e encher a minha boca com areia e assim deixar por toda a eternidade”. Nunca ninguém cortou a língua do mestre Yongjia...

Com relação ao quarto requisito, o de ser resoluto na determinação de ter sucesso seja qual for o método escolhido, por favor, deixe-me aconselhá-los sobre a tolice de pular de método para método. Pensem no Dharma como uma montanha que devem escalar. Há muitos caminhos que levam ao topo. Escolham um e permaneçam com ele! Ele os levará lá! Mas vocês nunca chegarão ao topo se correrem em volta da montanha tentando um caminho, então rejeitando-o em favor de outro que pareça mais fácil. Vocês darão voltas pela montanha muitas vezes, mas nunca a escalarão. Permaneçam com seu método escolhido. Sejam absolutamente fiéis à ele.

No Ch’an sempre contamos estórias sobre os demônios. Uma história em particular é muito apropriada aqui. Um dia, um camarada estava andando pelo mercado quando parou numa venda que dizia: “À venda: Demônios de Primeira Classe”. É claro que o homem ficou muito intrigado. Vocês não ficariam? Eu, sim. “Deixe-me ver um desses demônios”, disse ele ao comerciante. O demônio

era uma criatura estranha, mais parecida com um macaco. “Ele realmente é bastante inteligente”, disse o comerciante. “E tudo o que você deve fazer é dizer a ele, a cada manhã, o que você quer que ele faça naquele dia, e ele o fará”. “Qualquer coisa?”, perguntou o homem. “Sim”, disse o comerciante, “qualquer coisa. Todos os seus deveres de casa estarão terminados quando você chegar em casa de volta do trabalho”

Bem, acontece que o homem era uma pessoa solteira. De modo que aquele demônio parecia ser um investimento muito bom. “Eu o comprarei”, disse ele. E pagou ao comerciante. “Bem, só uma pequena coisa”, disse o comerciante - (há sempre uma pequena coisa, não é?) - você deve ser fiel em dizer a ele o que fazer todos os dias, nunca omita isso! Dê a ele as suas instruções a cada manhã e tudo estará bem; lembre-se de manter essa rotina!” O homem concordou, levou o demônio de volta para casa e a cada manhã ele lhe dizia para lavar os pratos, a roupa, limpar a casa, preparar o jantar, e isso até a hora em que ele retornasse do trabalho. Tudo era cumprido da forma mais maravilhosa.

Mas aí, então, chegou o aniversário do homem, e seus amigos no trabalho decidiram dar-lhe uma festa. Ele ficou muito bêbado e ficou na cidade até de noite, na casa de um amigo, e foi diretamente para o trabalho na manhã seguinte. Ele não retornou à casa para dizer ao seu demônio o que fazer. E quando retornou à casa naquela noite, ele descobriu que o seu demônio tinha queimado sua casa e estava dançando em volta das ruínas fumegantes.

E não é isso o que sempre acontece? Quando iniciamos uma prática, fazemos o voto com o nosso sangue de que a manteremos com toda fé, com toda fidelidade. Mas, então, no primeiro momento em que a colocamos de lado e a negligenciamos, trazemos um desastre. É como se nunca tivéssemos feito aquela prática. Assim, com relação a escolherem o caminho do Mantra ou do Yantra, da Contagem da Respiração ou do Hua t’ou, ou da Repetição do Nome do Buddha, permaneçam com seu método! Se ele não der uma coisa hoje, tente amanhã. Diga a si mesmo que será tão determinado que se tivesse que continuar a sua prática na próxima vida você a faria, você a faria de modo a ter sucesso. O velho mestre Wei Shan costumava dizer: “Permaneça na sua prática escolhida. Tenha tantos renascimentos quantos sejam necessários para atingir o estado de Buddha”.

Eu sei que é fácil nos tornarmos desencorajados quando pensamos que não

fazemos progresso. Tentamos e tentamos, mas, quando a iluminação não vem, queremos abandonar a luta. A perseverança, em si mesma, é uma realização.

Seja perseverante e paciente. Você não está sozinho em sua luta. De acordo com a sabedoria antiga: “devemos treinar por incontáveis eras - para uma iluminação que ocorre num instante fulminante!”

CAPÍTULO III: Conquistando a Iluminação

O Ch’an tem dois mestres famosos chamados Hanshan: um recluso do século IX, cujo nome significa “Montanha Fria”, e um mestre do século XVI, cujo nome significa “Montanha Estúpida”. “Montanha Fria” é o maior poeta do buddhismo Ch’an. “Montanha Estúpida” também é um poeta muito bom. Provavelmente é o segundo maior poeta do Ch’an. “Montanha Fria” se utilizava da natureza para levá-lo à paz e à compreensão. Encontrando a beleza no mundo natural, encontrava a beleza em si mesmo. Este é o modo como os eremitas funcionam. Eles olham, ponderam, convertem solidão em solitude.

“Montanha Estúpida” transcendeu-se através do trabalho para o outro. Ele batalhou para ajudar as pessoas comuns atingirem a iluminação. Isso é algo um pouco mais difícil do que sobreviver às geleiras e à fome.

Hanshan, a “Montanha Fria”, disse: “Lá no alto, no pico da montanha, Infinitude em todas as direções. A lua solitária olha para baixo. De sua meia noite, nobremente, admira sua reflexão num lago gelado. Tremendo, faço uma serenata para a lua. Nenhum ch’an no verso. Abundante na melodia”.

Hanshan, a “Montanha Estúpida”, tentou colocar, em palavras, aquilo que não podia ser dito, para que todo mundo pudesse entender: “Coloque um peixe na terra, e ele se lembrará do oceano até morrer. Coloque um pássaro numa gaiola e, ainda assim, ele não se esquecerá do céu. Cada um permanece saudoso do seu verdadeiro lar, o lugar onde sua natureza decretou que deveria estar. O homem nasce num estado de inocência. Sua natureza original é amor, graça e pureza. Mas ele emigra tão casualmente, sem nem mesmo um pensamento pelo seu velho lar. Não é isso mais triste do que a situação dos peixes e pássaros?”

Todos gostariam de refletir a Lua da Iluminação. Todos gostariam de voltar para casa até a Inocência. Como conseguir isto? Seguindo o Dharma.

O Buddha viu que a ignorância de uma vida não iluminada é uma condição de doença. Suas Quatro Nobres Verdades têm uma conotação médica. Primeiramente, a vida no saṁsāra é amarga e dolorosa. Segundo, o desejo é a causa dessa amargura e dor. Terceiro, há uma cura para essa doença. Quarto, a cura é seguir o Caminho Óctuplo. Primeiro, precisamos reconhecer que estamos

todos doentes. Segundo, necessitamos de um diagnóstico. Terceiro, necessitamos estar certos de que aquilo que está errado conosco responderá ao tratamento. Quarto, necessitamos de um regime terapêutico.

O saṁsāra é o mundo visto através do ego. É o mundo agitado e doente por causa dos desejos incessantes do ego. Tentar satisfazer as demandas do ego é como tentar nomear o número mais alto. Não importa quão grande seja o número em que possamos pensar, sempre poderemos acrescentar algo para termos um número ainda maior. Não há como atingir o último número.

Caros amigos, não é verdade que não importa quanto dinheiro alguém tenha, ele sempre pensa que precisa de um pouco mais? Não importa quão confortável seja sua casa, ele sempre quer um lugar ainda mais confortável? Não importa quantos admiradores se tenha, sempre se precisa de um pouco mais de aplauso? A luta constante resulta em dificuldades constantes. Então, que devemos fazer? Primeiro, devemos compreender que os problemas que o ego cria não podem ser resolvidos no mundo do saṁsāra, com as suas ilusões sempre mutáveis. Por quê? Porque o próprio ego é um personagem fictício, sempre mutável, que meramente age e reage em resposta às condições flutuantes da vida - condições que nunca podem ser totalmente compreendidas. É como tentar jogar futebol quando a profundidade do campo se mantém mudando freqüentemente e, ao invés de uma bola para jogar, existissem vinte, e os jogadores estivessem ora dentro, ora fora do campo, ou dormindo sobre a grama. Ninguém está realmente seguro de que jogo será jogado, e todos jogam com regras diferentes. Agora, qualquer um, tanto jogador como juiz, nunca poderia encontrar prazer em tal jogo! Ele veria sua vida no campo como sendo um exercício sem fim, baseado no medo, confusão, frustração e exaustão.

O Caminho Óctuplo guia, delimita, estabelece regras que são claras. Todos podem segui-las. O primeiro passo é a compreensão correta. Compreensão requer tanto o estudo como a consulta com um Mestre. A informação adquirida somente através da leitura nunca é suficiente. O livro é acurado? Se for, nós compreendemos, verdadeiramente, o que lemos? Não podemos testar a nós mesmos. Pense naquilo que aconteceria se os alunos fizessem seus próprios testes e dessem as notas a si mesmos. Todo mundo conseguiria um A! Mas quantos deles conheceriam aquilo que estudam?

Muitos alunos do Ch’an lêem um livro e, então, tentando testar a sua

compreensão, se engajam em argumentos com seus amigos, e se regalam com grandes e eminentes pronunciamentos. Os mestres dizem a respeito destas discussões: “Na terra de cego, aquele que tem um olho é rei!”

Um bom professor é indispensável. Um bom professor nos engaja e determina se entendemos aquilo que estamos estudando. Se não estamos certos sobre uma passagem de um livro, não podemos questionar o livro. Se discordarmos das opiniões do professor, não poderemos pular essa instrução do modo como podemos pular os parágrafos que nos perturbam. Freqüentemente, é necessário consultar um bom professor. Não há substituto para a interação regular face a face.

Você sabe, havia um marujo que, quando estava partindo, encontrou a garota de seus sonhos e se apaixonou loucamente por ela. Infelizmente, ele tinha que retornar ao navio para terminar os dois anos de seu contrato. Ele pensou: “Eu não deixarei que ela me esqueça. Todos os dias escreverei para ela e, assim, ela me amará pela minha fidelidade”. Todos os dias, onde quer que estivesse, escrevia para ela. E quando retornou dois anos mais tarde, ficou sabendo que, na mesma época de sua carta número duzentos, ela havia se casado com o homem do correio!

Caros amigos, não sejam como esse pobre marujo que confiou na palavra escrita para veicular uma compreensão. Encontrem um mestre que possa se encontrar regularmente com vocês. Abram seu coração para ele. Quanto mais ele conhecer vocês, melhor será capaz de aconselhá-los e instrui-los.

O segundo passo é o Pensamento Correto. O pensamento correto requer que estejamos conscientes de nossas motivações. Sempre devemos perguntar porque queremos algo ou porque queremos fazer algo. Devemos ser implacáveis em nossa inquirição. Se um amigo quisesse comprar algo que não pudesse comprar ou fazer algo que fosse mau para ele, nós lhe daríamos o melhor conselho, admoestando-o, ajudando-o a ver o resultado provável de seus desejos tolos. Não podemos ser este tipo de amigo para nós mesmos? Não podemos aplicar o senso comum aos nossos próprios desejos?

A investigação cuidadosa iluminará nossa situação. O senhor da guerra, Tien Chi, e o Rei de Ch’i gostavam de fazer corridas a cavalo. Regularmente, se encontravam para correr em seus cavalos. Agora, cada um tinha três tipos de cavalos. Os da terceira classe eram cavalos inferiores. Eram os cavalos que

puxavam as carroças. Eram grandes e fortes, mas muito vagarosos. Os da segunda classe eram cavalos de cavalaria, cavalos que os lanceiros, os arqueiros e os espadachins montavam. Esses cavalos eram fortes e razoavelmente rápidos, mas eram mais velhos porque necessitavam de anos de treinamento. A primeira classe era de cavalos jovens, que os nobres e altos oficiais montavam. Esse tipo de cavalo era leve e muito rápido.

Assim, sempre que o rei e o senhor da guerra faziam uma disputa de corrida, eles corriam com os três tipos de cavalos: nos da terceira classe, nos da segunda e, depois, corriam nos cavalos da primeira classe. Ora, o rei era muito rico e possuía cavalos melhores do que o senhor da guerra, assim, naturalmente, ele ganhava todas as corridas. Em sua frustração, o Senhor da Guerra T'ien Chi clamou por Sun Ping, um sábio descendente de Sun-tzu. Sun-tzu escreveu o famoso "A Arte da Guerra". T'ien Chi perguntou a Sun Pin: "Por favor, aconselhe-me. Como posso ganhar do rei?" O homem sábio pensou por um momento. Então, ele disse: "Senhor, eu sugiro que, quando o rei enviar seus cavalos da terceira classe para a competição, você mande os cavalos da segunda classe para correr contra eles. Quando o rei mandar os seus cavalos da segunda classe, mande seus cavalos da primeira classe. E, quando o rei mandar os cavalos da primeira classe, mande os da terceira classe. Assim, você ganhará duas das três corridas".

A resposta era simples, mas por que o senhor da guerra não conseguiu descobrir por si mesmo? Porque seu ego tinha ficado muito emocionalmente envolvido na competição. Ele não conseguiu dar um passo para trás e olhar objetivamente. Ele não aplicou o Pensamento Correto.

Caros amigos, sejam implacáveis no exame de seus desejos. Apliquem a si mesmos o mesmo senso comum que usariam para aconselhar um amigo.

O terceiro passo é a Linguagem Correta. Quão frequentemente fazemos uso das palavras a serviço do ego. Para ganhar alguma vantagem fofocamos, ou exageramos, ou negligenciamos em dizer ou deixamos de dizer toda a história. Ou insinuamos a culpa provável do outro, enquanto protestando nossa inviolável inocência. Algumas vezes, somente para sermos o centro das atenções, muitos de nós dirão histórias sórdidas ou desagradáveis piadas. Pensamos que palavras não são ações, que têm pouco poder e uma vida curta, e que, de certa forma, palavras apenas evaporam com a respiração que as emite. Nossas palavras têm, de fato,

poder, e podem viver para sempre e, ainda mais, podem curar tanto quanto fazer o mal.

A Linguagem Correta não nos autoriza a emitir falsidades, insultos, acusações ou bradar por nossas próprias conquistas, e, por outro lado, ela nos encoraja a falar palavras de conforto, emitir palavras de perdão, e expressar o reconhecimento e a apreciação pelo sucesso de outros. Nunca subestime o poder das palavras. Deixe-me contar uma velha história que ilustra esse poder.

Era um belo dia de primavera e muitas pessoas vinham ao parque para ver a grama verde e as árvores e plantas floridas. Entre as pessoas que vinham estavam dois mendigos cegos. O primeiro mendigo tinha uma placa que dizia: “Sou cego”. A maioria das pessoas simplesmente passava por ele e se mantinha admirando a visão. O segundo mendigo fez muito melhor. Quase todo mundo que passava por ele colocava uma moeda em seu copo. Algumas pessoas que passavam por ele sem lhe dar nada, muitas vezes viravam-se e lhe davam uma moeda. Sua placa dizia: “É maio - e eu sou Cego”.

Caros amigos, quando se decidirem a falar ou a não falar, pensem no homem cego que via quanta diferença uma simples frase podia fazer!

O quarto passo é a Ação Correta. Ela contém os Preceitos.

1. O buddhista faz um voto de não ser violento, isto não significa que ele não pode defender a sua vida ou a vida de outras pessoas que estão sob seus cuidados, mas, que ele não iniciará ações hostis contra outros. E o que dizer sobre si mesmo? Ele também é uma das pessoas contra as quais não deveria iniciar nenhuma ação hostil. A paz não é meramente a ausência da guerra. A ansiedade não é um estado agressivo, mas não é pacífico também. A pessoa que está em coma não está em guerra, mas também não está em paz. A paz é um estado que é intencionalmente conquistado e mantido. Não é preciso meramente não ser violento, mas devemos agir para promover a harmonia, o bem estar e a boa saúde. Fumar, por exemplo, é um inimigo não somente da saúde do fumante, mas da saúde de todos os outros à sua volta. Em ambos os casos, então, o fumar é proibido pelo preceito contra a violência.

Sempre que possível, o buddhista deveria evitar comer carne. Eu digo ‘sempre que possível’ porque essa regra não é absoluta. Muitas pessoas, por exemplo, vivem em regiões árticas onde não há escolha a não ser comer peixe ou

outras criaturas marinhas. Elas não podem cultivar hortas na tundra e não podemos negar o Dharma aos seres humanos porque o seu ambiente não é propício a dietas vegetarianas. Mas, quando os vegetais são abundantes, não há razão para comer carne. Do lado positivo, uma dieta vegetariana promove a boa saúde e, também por essa razão, deveria ser seguida. O exercício, particularmente o Tai Chi Chuan e o Chi Kung, libera a agressão e a raiva e, também, tem um efeito saudável sobre o corpo. A Yoga também é muito benéfica.

2. O buddhista faz o voto de ser verdadeiro, não somente na sua vida social, mas na vida de negócios também. Todas as formas de enganar são incluídas nesse preceito. Sempre que sacrificamos a verdade a fim de ganhar alguma suposta vantagem, entramos num mundo agitado e emaranhado. Em Tóquio, havia dois comerciantes que, depois de anos de convivência competitiva e enganosa, desconfiavam completamente um do outro. Um dia eles se encontraram na estação de trem. O primeiro comerciante perguntou: “Onde você está indo?” O segundo comerciante pensou por um momento e respondeu: “Para Kobe”. O primeiro comerciante gritou: “Seu mentiroso, você diz que está indo para Kobe por que você quer que eu pense que você está indo para Osaka, mas já fiz perguntas por aí e eu sei que você ESTÁ indo para Kobe!”

Meus amigos, este é o destino do menor ato de enganar. Nossas reputações são como etiquetas numa caixa de correio. Uma vez sejamos conhecidos como mentirosos e enganadores, conhecidos como pessoas que escondem as intenções, não importa quão inocentes, nosso lugar será o da dúvida e da desconfiança.

3. O buddhista faz o voto de não se apropriar de propriedades que não são suas. Este é o preceito contra o roubar. Algumas pessoas pensam que este preceito envolve somente trombadinhas e ladrões. Enquanto não estiverem ‘arrombando e entrando’, ou roubando bolsas, elas não precisam se preocupar com esse preceito. E por essa razão, não sentem nenhum remorso por atos de pequenos roubos ou outras incorretas apropriações de propriedades.

Mas, o que é uma dívida não paga? Não é isto um roubo? O que é pedir algo emprestado e não retornar? Não é isto um roubo? O que é usar a propriedade de outra pessoa e danificá-la sem compensação pelo seu dano? Não é isso um roubo? Algumas vezes agimos como se tivéssemos o direito de nos apropriarmos da propriedade de uma pessoa porque a outra pessoa se apropriou

de nossa propriedade. A Regra Dourada diz que deveríamos fazer aos outros aquilo que queremos que eles nos façam. Ela não diz que devemos fazer aos outros aquilo que os outros fazem a nós. É porque nos desculpamos ou não queremos ver os nossos próprios pequenos roubos que não sentimos necessidade de nos arrepender deles. De acordo com a sabedoria antiga: “O ladrão sente porque está sendo enforcado, mas não porque é um ladrão”.

Se antes de cometermos qualquer ato, examinarmos a sua ética e seus resultados possíveis, nunca teremos que nos preocupar com a forca.

4. O buddhista faz o voto de ser sexualmente moral, modesto e responsável. Neste preceito podemos ver exatamente quão fácil é quebrar todos os outros. Por causa da luxúria, um homem pode roubar. Por causa da sua paixão, ele enganará a mulher que deseja com o álcool, e a enganará com falsas promessas. E quando ele usa e abusa do corpo dela de tal forma, não está ele machucando-a? E quanto mais condenamos a imoralidade, tanto mais louvamos a moralidade. Muito louvor é devido à pessoa virtuosa, à pessoa que é casta em sua vida de solteira, ou fiel a seus votos sagrados de casamento. É no fracasso em observar o preceito da moralidade que encontramos o pior dos hipócritas. Quão freqüentemente encontramos um homem que ferozmente guarda ou protege as suas próprias filhas, enquanto é conivente em abusar das filhas de outros? Ou, que, estritamente, guarda e protege sua própria esposa, enquanto, despreocupadamente, seduz a mulher de um outro? Se ele matasse um homem que abusou de suas filhas ou de sua esposa, ele esperaria que a Corte o visse como uma vítima e o absolvesse da culpa. Ainda assim, quando ele abusa e seduz, ele considera a si mesmo um herói! Não é isso uma verdade triste e terrível?

Não é fácil para um homem superar a paixão. As tentações são onipresentes e infinitas em sua variedade. Ainda assim, se o homem quiser gastar um pouco da energia que usa nas suas conquistas sexuais a fim de conquistar a sua própria paixão, faria um progresso espiritual verdadeiro. Todos os homens louváveis concordam com a severidade da luta. Mesmo o Buddha disse: “Se eu tivesse qualquer outro obstáculo tão difícil de superar quanto a minha sexualidade eu não o conseguiria”. O bom humor do Buddha e sua candura autodepreciativa deveriam dar um encorajamento a todos.

5. O buddhista faz o voto de abster-se do uso do álcool ou de outros

intoxicantes. Há aqueles que dizem: “Uma bebida ocasional não machuca ninguém!”. Mas, um bebedor ocasional ainda é um bebedor. É mais como o estado de ser “um pouco grávida”. Ou há gravidez, ou não há.

A palavra “ocasional” é uma porta não-fechada pela qual qualquer ladrão pode entrar. Ou a porta da sobriedade está fechada ou não. A experiência nos diz que o melhor caminho para solucionar um problema é evitá-lo. A completa abstenção é a melhor forma de observar e guardar este preceito. O bebedor ocasional pode permanecer sóbrio quando não está aflito por problemas, mas, tão logo ele esteja sob severo stress, pode facilmente sucumbir ao escape sem saída do álcool. Uma vez que tenha sido capturado pela bebida, ele descobre que um copo leva a muitos e que uma centena de copos não são suficientes.

O álcool relaxa nossas inibições permitindo-nos seguir os impulsos de nossos egos. Ele nos permite ultrapassar as regras do decoro e da decência e, então, culpar a bebida por nossa má conduta, ao invés de culpar o fato de termos primeiramente começado a beber. É claro, dizemos a nós mesmos, que bebemos para nos divertir, mas, quando bebemos e ofuscamos nossos sentidos, como podemos obter o prazer? E mesmo se pudéssemos, que valor existe em experimentar o prazer que não podemos, mais tarde, lembrar ou saborear?

Frequentemente descobrimos que um homem intoxicado que comete um ato imoral, mais tarde, quando sóbrio, verá a si mesmo com desgosto. Mas, então, esse mesmo homem usará esse autodesgosto como uma desculpa para beber outra vez. Ao invés disso, que ele se torne consciente de sua verdadeira natureza, sua gloriosa natureza de Buddha. Que ele, ao contrário, aprenda a encontrar, dentro de si mesmo, a verdade, a paz, a alegria e a liberdade. Que ele tenha a certeza de que se fosse possível fazer crescer tais coisas num vinhedo e colocá-las numa garrafa, todos nós seríamos comerciantes de vinhos e bêbados.

Caros amigos, há um velho ditado - “In Vino Veritas” - que significa: “no vinho há verdade”, desde que bebamos o suficiente dele. Mas, a única verdade que podemos encontrar quando abusamos do vinho é que a vida do saṁsāra é amarga e dolorosa.

O quinto passo é o Correto Modo de Vida. Obviamente, se não podemos participar de atividades ilegais para o divertimento, certamente não podemos participar delas para o proveito. Mas, qualquer modo de vida que é honesto é também honroso. Trabalho honesto é trabalho honesto. Não há ocupações nobres

e ocupações não nobres. Mas, por alguma razão, este conceito não é tão elementar quanto parece. Na Índia, por exemplo, tradicionalmente tem havido um sistema de castas. Há a casta dos sacerdotes, há a casta guerreira, a casta de comerciantes e a casta dos trabalhadores. E, lá embaixo, há uma casta de intocáveis ou sem castas. Qualquer que seja a casta em que se nasce lá se permanece. Não se pode ir pulando de emprego para emprego. Não importa quão talentoso alguém seja, se ele nasce numa família de trabalhadores rurais este é o único trabalho que lhe será permitido fazer. Nem mesmo lhe será permitido socializar-se com aqueles fora de sua casta. O sistema não é tão rígido hoje, mas, no tempo do Buddha, as regras eram invioláveis.

Apesar disso, o Buddha recusou participar desse sistema injusto. Ele não seguiria as regras de modo algum. As pessoas gostavam dele por causa disso. Ele era um príncipe, mas não se separava dos outros que tinham nascimento mais baixo. De fato, a maioria daqueles que encontrou vinham de um nascimento mais baixo. Quando você é um príncipe, você não tem muitos superiores na sociedade.

Assim, o Buddha não era influenciado pela ocupação ou *status* social de uma pessoa. O Buddha, vocês vejam, possuía o "Olho do Discernimento". Nenhuma fraude piedosa podia enganá-lo. Ele tinha que somente olhar para uma pessoa e ver o quão sagrada aquela pessoa era. Poucas pessoas têm esse dom.

E aconteceu que perto de Śravastī havia uma pessoa sem casta, chamada Sunīta, um homem de uma escala social tão baixa que nem trabalhar para viver lhe era permitido. Ele era um intocável e ninguém ousava quebrar as regras das castas e empregá-lo. Assim, Sunīta ganhava dinheiro para sua comida sendo um apanhador de flores. Todo dia ele ia para a cidade, pegar e colher flores que tinham sido jogadas fora, procurando por flores ocasionais que inexplicavelmente tinham conseguido permanecer frescas enquanto todas as outras tinham apodrecido.

Sunīta arranjava essas flores descartadas num buquê e vendia às pessoas que passavam pelas estradas. Pode ter havido pessoas em Śravastī tão pobres quanto Sunīta, mas, certamente, não havia nenhuma mais pobre. Ainda assim, apesar de sua pobreza, Sunīta atingiu a iluminação. Ele era um homem gentil e amável. Desnecessário dizer, ele escutou o Buddha pregar e era um crente devoto. Um dia, numa procissão, o Buddha chegou perto da estrada, num monte

de lixo onde Sunīta estava procurando flores no meio do lixo. Tão logo Sunīta viu a procissão se aproximar, rapidamente, se escondeu por trás de uma pedra, mas o Buddha já o tinha visto, e com seu Olho do Discernimento reconheceu nele um ser iluminado. “Ei você!”, ele chamou o homem agachado. “Por favor levante-se e deixe-me vê-lo!”. Com vergonha, Sunīta, vagarosamente, se levantou mantendo sua cabeça baixada e suas mãos em forma de oração pressionadas diante de sua face. “Por que você se agachou atrás da pedra?”, o Buddha perguntou. “Bem-Aventurado”, disse Sunīta, “eu não queria que o senhor me visse. Que a minha visão ofendesse seus olhos. Eu não sou merecedor de sua visão”. Muitas pessoas da procissão concordaram com Sunīta. Eles o puxaram pela sua roupa tentando afastá-lo, de modo que pudessem andar para longe desse sem casta. “Ele não é limpo”, diziam, “é simplesmente um catador de lixo, um intocável!” “Ele é?”, disse o Buddha, colocando seu braço ao redor do ombro de Sunīta. “Veja! Eu o toquei e ele ainda vive”. Então, o Buddha perguntou a Sunīta: “Bom senhor, se você não gostar muito desse seu trabalho eu poderia convidá-lo a assistir-me em meu ministério? Eu poderia usar um bom trabalhador como você”. Com lágrimas escorrendo sobre sua face, Sunīta concordou. E é dito que pelo resto de sua vida, de acordo com o desejo do Buddha, Sunīta sempre permaneceu bem perto, ao lado do Buddha, onde o Buddha sempre podia alcançá-lo e tocá-lo.

O sexto passo é o Esforço Correto. Exercemos o esforço correto quando não persistimos nos maus hábitos e práticas e desenvolvemos as boas. Isto é mais fácil de dizer do que fazer. Sabemos que a habilidade vem com a prática, mas para praticar as lições espirituais que aprendemos, precisamos encontrar oportunidades. No Ch’an, devemos nos tornar conscientes de que cada respiração que tomamos nos provê com uma oportunidade para praticar.

As pessoas pensam que o mundo as incomoda. Elas não entendem que são as guardiãs de suas próprias mentes, que podem facilmente fechar e trancar as portas de suas mentes. Se as pessoas se intrometem é porque o guardião deixou as portas abertas. Algumas pessoas que não podem controlar suas próprias mentes, lutam, ao contrário, para controlar a mente dos outros. Elas acham menos aterrorizante tentar dirigir os pensamentos de centenas de outras pessoas do que tentar dirigir seus próprios pensamentos. Essa é a situação que o Buddha tinha em mente quando disse que um homem que conquista dez mil homens numa batalha não é um herói tão grande quanto um homem que conquista a si

mesmo.

Todos os dias, em nossas interações, devemos agir para aprimorar nosso objetivo de iluminação e autoconsciência. Se tivermos colegas cuja companhia nos leva facilmente ao erro, deveríamos evitar o contato com tais colegas. Se tivermos um tempo insuficiente para meditar porque estamos muito ocupados com clubes, *hobbies* ou esportes, deveríamos cortar essas atividades. É preciso um esforço consciente para ganhar a tranqüilidade Ch'an. A compostura espiritual é ganha pela prática. Um homem sábio, certa vez, percebeu que a mente de um verdadeiro Homem do Ch'an não pode ser perturbada ou intimidada porque, seja nos bons ou nos maus momentos, ela sempre continua funcionando no seu ritmo constante, como um relógio que continua durante uma tempestade. Eu gosto disso. Deveríamos todos tentar ser como relógios que mesmo nas tempestades simplesmente continuam funcionando.

O sétimo passo é a Vigilância Correta. Além de manter nossas mentes focadas em nosso *mantra* - sempre que tenhamos escolhido seguir esse método – e, observando os pensamentos disciplinados necessários para se discriminar o real do falso - se tivermos escolhido esse método - devemos também permanecer vigilantes às causas e efeitos de todas as nossas ações.

Caros amigos, não deveríamos permitir que um dia se passasse sem refletir sobre nossa conduta. Fizemos tudo que podíamos para sermos bondosos, ajudar os outros e torná-los confortáveis? Agimos de maneiras que são contrárias ao Dharma do Buddha? Fomos mesquinhos ou miseráveis? Orgulhosos ou preguiçosos? Glutões ou gulosos? Invejosos ou raivosos? Manchamos a nós mesmos ou aos outros com palavras, pensamentos ou ações lascivas? Não é fácil ver as nossas próprias falhas. Algumas vezes nos esforçamos para detectá-las, mas não vemos nada.

À noite, se estamos num quarto muito iluminado e tentamos olhar pela janela, para a paisagem escura, tudo o que vemos é nosso reflexo no vidro. Não veremos nada mais do que já sabemos - a imagem de nós mesmos e aquele pequeno espaço no qual estamos confinados. Se quisermos ver para além de nós mesmos, deveremos desligar as luzes. Devemos diminuir nossos egos ou desligá-los completamente. Somente então seremos capazes de ver através do vidro.

O oitavo passo é a Meditação Correta.

1. O Hua t’ou

Caros amigos, de acordo com a sabedoria antiga, se um homem deseja ser feliz por uma hora, ele come uma boa refeição; se desejar ser feliz por um ano, ele se casará; se desejar ser feliz por toda uma vida, ele plantará um jardim; se desejar ser feliz pela eternidade, ele examinará o Hua t’ou.

O que é, então, o Hua t’ou? Hua t’ou significa “palavra cabeça”, e podemos contrastar o Hua t’ou com o Hua wei, que significa “palavra cauda”. Se um cachorro cruzasse nosso caminho, então, antes que pudéssemos ver o corpo do cachorro, veríamos sua cabeça. E, depois de termos visto seu corpo, veríamos sua cauda. Assim, a palavra cabeça ou Hua t’ou é o ponto no qual o pensamento se origina - o ponto anterior à sua entrada no “corpo” da consciência do ego. A cauda é o pensamento subsequente. Falaremos da palavra cauda mais tarde.

Nos tempos antigos, era considerado como um ponto suficiente ter a mente quieta, para realizar a natureza de Buddha. Bodhidharma falou sobre “aquietar a mente” e o Sexto Patriarca falou sobre “perceber a Natureza Própria”. Ambos advogavam um reconhecimento simples do verdadeiro estado de pureza imperturbável da mente. Mas, apontar para isso não era tão simples quanto poderia parecer. À medida que os anos se passaram e o Ch’an se tornou popular, pessoas com diferentes graus de habilidades foram atraídas por ele. Muitos praticantes afirmavam ter encontrado caminhos fáceis para alcançar exaltados estados de iluminação. Eles clamavam possuir as jóias preciosas do Dharma, mas as jóias que descreviam eram apenas o que viam como sendo a posse de outros. Os verdadeiros mestres Ch’an, podiam, é claro, ver diretamente tais falsas afirmações, mas os iniciantes não podiam discernir a mentira da verdade. Os mestres, preocupados com o efeito perturbador que tais informações incorretas podiam ter nos novos praticantes, decidiram elaborar métodos de autenticar e padronizar as conquistas. Um dos métodos que foi elaborado foi o Hua t’ou.

O que é, então, o Hua t’ou? É uma afirmação designada a concentrar nossos pensamentos sobre um único ponto, um ponto que existe na “cabeça” da Mente Original, um ponto imediatamente anterior à entrada do pensamento em nossa consciência de ego. É um pensamento “fonte”.

Examinemos o Hua t’ou: “Quem é que agora repete o nome do Buddha?” De todas as questões Hua t’ou, essa é a mais poderosa. Agora, este Hua t’ou

pode ser colocado de forma muito diferente, mas todas as formas indicam uma questão básica. “Quem sou eu?” Não importando como a questão é colocada, a resposta deve ser encontrada no mesmo lugar onde ela se origina: na fonte, na natureza de Buddha. O ego não pode respondê-la.

Obviamente, respostas rápidas e fáceis são inúteis. Quando perguntados: “Quem é este que agora repete o nome do Buddha?”, não podemos responder: “Sou eu, a natureza de Buddha!”, e deixar por isso mesmo. Devemos, pois, nos perguntar: “Quem é este eu?” Continuamos nossas interrogações e as nossas confrontações. Uma guerra civil se passa dentro de nossa mente. O ego briga com o ego. Algumas vezes, o ego vence e, algumas vezes, o ego perde. E a nossa batalha continua. O que é isto que torna a minha mente consciente de ser eu? O que é a minha mente, afinal de contas? O que é a consciência?

Nossas questões se tornam mais e mais sutis e, logo, começam a nos obcecar. Quem sou eu? Como sei quem eu sou? Estas questões continuam debatendo-se em nossas mentes como lutadores cansados e raivosos. Algumas vezes podemos querer parar de pensar no Hua t’ou, mas descobrimos que não podemos tirá-lo de nossa mente. O sino não toca e não nos deixa descansar. Se você não gosta de metáforas pugilistas, então, poderia dizer que o Hua t’ou começa a nos perseguir como uma melodia que não conseguimos parar de cantar.

E assim seguimos – continuamente desafiados, sempre lutando. Desnecessário dizer, um Hua t’ou jamais deveria se degenerar numa expressão vazia. Muitas pessoas pensam que podem enganar o Hua t’ou, enquanto permanecem envolvidas com alguma outra coisa. Enquanto suas mentes estão em outros lugares, seus lábios dizem: “Quem está repetindo o nome do Buddha, quem está repetindo o nome do Buddha? Quem está repetindo o nome do Buddha?” Essa é a forma dos papagaios mal-humorados, não dos praticantes Ch’an.

O Hua t’ou tem significado. É uma questão que tem uma resposta, e devemos estar determinados a encontrar a resposta. Eu sei que “Quem sou eu?” soa como uma questão simples que poderíamos responder sem dificuldade. Mas não é uma questão fácil de ser respondida. Freqüentemente, é extremamente intrigante.

De fato, muitas pessoas atingem um ponto na vida quando, mesmo sem

qualquer técnica Ch’an, elas realmente começam a se perguntar quem são elas. Vamos, por exemplo, considerar uma mulher de meia idade que chegou num ponto no qual já não está mais certa de quem ela é. Está tendo aquilo que os psicólogos de hoje chamam de uma “crise de identidade”. Talvez seus filhos já tenham crescido e se mudado, e seu marido não mais a considere atraente. Ela está deprimida e confusa. De repente, ela compreende que durante toda a sua vida definiu a si mesma em termos de seus relacionamentos com as outras pessoas. Sempre foi a filha de alguém, ou irmã, ou empregada, ou amiga, ou esposa, ou a mãe de alguém. Essa mulher, agora, começa a se perguntar, quem sou eu quando não sou a filha, a esposa, a mãe de alguém, e assim por diante? Quem exatamente sou eu?

Talvez ela investigue a sua vida e veja que quando estava atendendo às necessidades de alguém não estava disponível para satisfazer às necessidades de um outro. E que aqueles que se sentiram negligenciados a criticaram, enquanto que aqueles que receberam a sua ajuda apenas a aceitaram como se fosse algo a que tivessem direito. Ser criticada, de um lado, e suas ações serem tomadas como algo certo, de outro, causou a ela muito sofrimento.

Pior ainda, ela pode compreender que, satisfazendo as demandas desses relacionamentos sociais externos, negligenciou os requisitos de sua vida espiritual interior. Agora, ela sente uma falência espiritual e se pergunta porque investiu tanto dela mesma nos outros, porque não poupou nada para sua natureza de Buddha.

Mas um laço prende duas coisas juntas. Não é uma ligação de uma só ponta. Não é porque desejamos ser amados e respeitados, temidos ou admirados, que permitimos ou encorajamos esse apegos? Não são nossos desejos pelas pessoas, lugares e coisas da existência saṁsārica que, num sentido último, nos causam amargura e dor? É claro que são eles.

Havia um homem que trabalhava num mercado de alimentos. Todos os dias ele roubava comida e trazia para sua casa, para sua família. Sua esposa e filhos cresceram fortes e sadios, e usaram o dinheiro que teria sido usado para comprar a comida para a compra de roupas e outros objetos. E diziam que ele era o melhor marido e pai que alguém poderia ter. Logo o irmão do homem, vendo sua prosperidade, pediu-lhe que roubasse comida para ele também, e o homem aceitou. Seu irmão o louvou: “Você é o melhor irmão que alguém poderia ter”,

disse ele. Em seguida um vizinho amigo, alguém que estava tendo problemas financeiros, pediu a ele a sua ajuda e o homem roubou um pouco mais de comida. Seu vizinho ficou tão grato: “Você é o melhor amigo que alguém pode ter”, disse ele. O homem se sentiu importante e apreciado. Em seu desejo de ser amado e respeitado não compreendeu que havia se tornado um ladrão comum. Logo, ele foi preso, julgado e condenado como ladrão. Foi sentenciado a passar anos na prisão.

Quais das pessoas que tinha ajudado seriam voluntários para tomar seu lugar na prisão, mesmo por uma noite? Nenhuma. Quem se ofereceu para fazer uma restituição, mesmo que da metade daquilo que lhe tinha dado? Ninguém. Tristemente, o homem descobriu que sua família estava envergonhada em admitir que tinha alguma relação com o ladrão. Tristemente, o homem aprendeu que o seu amigo estava espalhando para a vizinhança que um vizinho de caráter baixo estava agora a salvo, guardado na prisão.

E assim, à medida que nos perguntamos quem realmente somos, devemos refletir sobre os desejos tolos de nosso ego e as maneira patéticas pelas quais buscamos afeição.

Quando nos perguntamos: “Quem sou eu?”, devemos também nos perguntar se nos identificamos em termos de nossa riqueza e posição social. O que aconteceria se perdêssemos nosso dinheiro ou fossemos expulsos da sociedade por uma falha no nosso *pedigree*? Somos nossas contas no banco, nosso círculo social, nossa linhagem? O que dizer de nossos empregos? Somos nossas ocupações? Se um músico machuca sua mão e não pode mais tocar o seu instrumento, ele cessa de existir? Estaria ele privado de sua humanidade porque foi privado de sua identidade enquanto músico?

Identificamo-nos em termos de nossas nacionalidades, nossas cidades, nosso bairro, a linguagem que falamos, ou o time de esporte para o qual torcemos? Perdemos uma parte de nós mesmos quando nos movemos para um novo local? Somos os nossos corpos? Se um homem tem uma cabeça, tronco e quatro membros, o que acontece se perdesse dois membros? É ele apenas 2/3 de um homem? Pensem o quão tolo seria, se ele e seu irmão fossem compartilhar uma herança e seu irmão dissesse que, por ele ter perdido um braço e uma perna, deveria ter, então, apenas 2/3 de sua parte!

Podemos definir a nós mesmos como nossos egos, nosso sentido

consciente de “eu” ou “meu”? O que acontece quando dormimos? Cessamos de existir? O que acontece quando nossa atenção é completamente focada em um problema, ou um drama, ou uma bela música? O que acontece quando meditamos e perdemos completamente o nosso senso de eu? Os santos que atingem um estado sem eu cessam de existir? E o Buddha Śakyamuni, que era tão destituído da personalidade de Siddhārtha que somente podia ser chamado de “Tathāgata” - a Ipseidade da realidade em si mesma - cessou ele de existir porque não tinha uma natureza de ego?

Ao tentar responder o Hua t’ou “Quem sou eu?” ou “Quem está repetindo o nome do Buddha?”, devemos examinar nossas identidades ilusórias, nossas identidades mutantes, condicionadas, saṁsāricas. O Hua t’ou, então, se revelará a nós.

Caros amigos, destruam os velhos apegos! Dissolvam as autoimagens orgulhosas e os relacionamentos especiais e, ao contrário, criem alternativas humildes e genéricas! Não tenham a necessidade de amigos. Procurem meramente ser alguém que é amigável, alguém que respeita a todos e trata a todos com bondade e consideração. Não confinem a afeição filial somente aos pais, mas sejam solícitos a todas as pessoas mais velhas e assim por diante. Uma vez que nos desapegamos dos relacionamentos emocionais específicos e estendemos a nós mesmos para toda a humanidade, uma nova força de caráter começa a emergir.

O Hua t’ou “Quem sou eu?” é uma Espada Vajra que, quando manipulada apropriadamente, cortará o ego criador de dificuldades.

Um Hua wei ou “palavra cauda” traça um pensamento de volta à sua origem. Ele, também, pode ser bastante útil. Por exemplo, uma criança na companhia de seus amigos pergunta a seu pai, digamos: “Podemos ir à praia neste fim de semana?”, e seu pai responde rudemente: “Não me amole!”, e empurra a criança, causando nela um embaraço e a dor da rejeição. A resposta pode ser um Hua wei. O homem deve se perguntar, “Por que respondi ao meu filho dessa forma? Por que fiquei repentinamente tão agitado?” Ele sabe que antes de seu filho se aproximar ele estava de bom humor. Assim, o que havia na pergunta que o deixou agitado?

Ele, assim, começa a rememorar cada uma de suas palavras. Foi a palavra “fim de semana”? O que ele associou com essa palavra? Se não puder encontrar

nada, ele tenta a palavra “praia”. E começa a se lembrar de suas experiências na praia. Ele pensa sobre os muitos eventos e, de repente, se lembra de um que o perturbou. Ele não quer pensar sobre isso, ainda assim, a disciplina do Hua wei requer que examine esse evento. Por que a memória desse fato o perturbou? O que era tão desprazeroso nela. Ele continua a investigar esse evento até chegar na causa raiz de sua perturbação.

Caros amigos, essa causa-raiz certamente envolve dano ao seu orgulho, à sua auto-estima. E, assim, o homem se lembra e de alguma forma revive a experiência, só que, agora, ele é capaz de ver de uma perspectiva diferente, mais madura. Talvez uma experiência amarga que, de fato, envolveu um tratamento duro que ele recebeu de seu próprio pai! De qualquer forma, certamente verá que transferiu a dor de sua experiência na praia, na infância, para seu filho inocente. Ele será capaz de corrigir a sua resposta mal-educada e, dessa forma, o seu caráter crescerá ou melhorará.

Acontece, ocasionalmente, que se o homem se concentra no Hua wei suficientemente, o cachorro morderá sua própria cauda, e ele, de fato, irá da cauda até a cabeça de uma só vez.

Algumas vezes, o Hua t’ou funciona como uma instrução, um tipo de guia que nos ajuda a lidar com os problemas da vida. Esse Hua t’ou nos sustenta e nos dirige pela viagem na dura estrada até a iluminação.

Muito tempo atrás, o mestre Ch’an Hui Je da montanha Lang Ye tinha uma discípula que veio até ele pedir instrução. O mestre deu a ela o Hua t’ou “Que assim seja”. Ele disse que, se com fé, ela usasse esse Hua t’ou como uma foice, ela seria capaz de cortar as ilusões e desfrutar da iluminação.

A mulher tinha fé em seu mestre e estando resolvida a vencer, em sua determinação, ela aperfeiçoou este Hua t’ou. “Que assim seja”. Deixar o quê ser? Quem deixar ser? O que está sendo? E cada vez mais ela afiou a espada. Sua casa se queimou e, quando as pessoas vieram correndo, ela gentilmente fechou seus olhos e sussurrou: “Que assim seja!” Seu filho se afogou e, quando as pessoas vieram correndo até ela, gentilmente fechou os olhos e sussurrou: “Que assim seja!” Certo dia ela começou a preparar um alimento para o jantar. Quando a massa e o óleo quente estavam prontos, ela colocou um pouco da mistura no óleo e deixou fritar. E este pequeno barulho da fritura reverberou na sua mente e ela atingiu a iluminação! Imediatamente, ela jogou a panela de óleo

quente no chão e começou a pular para cima e para baixo batendo as mãos, rindo e rindo. Seu marido, naturalmente, pensou que tinha ficado louca. “Que calamidade!”, ele gritou. “O que eu vou fazer?” E sua esposa se voltou para ele e disse: “Que assim seja! Apenas que assim seja!” Então, ela foi ao mestre Hui Je e ele certificou que ela tinha de fato atingido o Fruto Sagrado.

Mantenha sua mente no Hua t’ou sempre que você estiver fazendo qualquer coisa que não requeira sua completa atenção. Naturalmente, se você está dirigindo um avião, não queira começar a pensar sobre o Hua t’ou. Descobrir se um cachorro tem a Natureza de Buddha ou não, não será de muita valia se você despedaçar o avião! Um automóvel é algo que também requer sua completa atenção. Você não pode se arriscar a matar os pequenos egos das outras pessoas, só porque você está tentando acabar com o seu!

Mas há várias ocasiões durante o dia em que você pode tranqüilamente trabalhar com seu Hua t’ou. Usualmente, tentamos preencher essas ocasiões com uma atividade frívola. Envolvemo-nos com jogos bobos, ou com quebra cabeças, ou ouvimos radio, ou fazemos fofoca, ou nos tornamos espectadores de algum evento esportivo. Há ocasiões em que podemos voltar as nossas mentes para o Hua t’ou. Ninguém pode dizer quando o momento mágico chegará.

Na China, chamamos um pedaço de carne de “carne pura”. Ela não é misturada com nenhum outro ingrediente como, por exemplo, acontece com uma salsicha. Algumas vezes “carne pura” significa o melhor pedaço de carne. As pessoas sempre dizem ao açougueiro aquilo que elas querem. Carne pura.

Certa vez um homem estava pensando sobre o seu Hua t’ou. “Quem tem a natureza de Buddha?” Todos os dias ele costumava passar pela casa de carnes no seu caminho para o trabalho. Ele sempre ouvia as pessoas pedindo “carne pura”, mas nunca prestou muita atenção. Um dia, uma mulher estava comprando carne e, de acordo com o hábito, ela insistiu para que o açougueiro lhe desse somente carne pura. Isso era o que ela falou: “Dê-me somente carne pura”! Sua insistência irritou particularmente o açougueiro e ele gritou: “Qual pedaço não é puro?”

O homem ouviu esse grito raivoso e, repentinamente, compreendeu que toda carne é carne pura, isto é, todos contêm a natureza pura de Buddha. Quem tem a natureza de Buddha? Ah! Quem não tem a natureza de Buddha?

O homem atingiu a iluminação nesse mesmo instante. Ele ficou tão excitado que começou a pular e a dizer: “Qual o pedaço que não é puro?” Ah! Que pedaço não é puro? Constantemente falava: “Que pedaço não é puro?” Esta loucura nós chamamos de doença do Ch’an. Não dura muito, talvez alguns dias, antes que a vítima se acalme, mas é uma doença maravilhosa de se pegar. Felizmente, não há medicamento para curá-la.

Um monge certa vez perguntou ao mestre Zhao Zhou (Chao-chou): “O que acontece depois que uma pessoa finalmente adquire o estado não sensório”? O mestre Zhao Zhou respondeu: “Ele o abandona!” O monge não entendeu. Assim, isso se tornou o seu Hua t’ou. “Como alguém pode abandonar a ausência de algo?” Ele trabalhou sobre isso constantemente, mas ainda não conseguia entender. Assim, retornou ao mestre Zhao Zhou e perguntou: “Como alguém pode abandonar a ausência de algo?” O mestre Zhao Zhou respondeu simplesmente: “O que você não pode abandonar, carregue consigo!” E, instantaneamente, o monge se iluminou.

Vocês vêem, o mestre Zhao Zhou sabia que a única coisa que ele não podia abandonar era a sua própria natureza de Buddha. Isto e somente isto é tudo aquilo que verdadeiramente podemos carregar conosco. Algumas vezes ouvimos a expressão: “Você não pode carregar isto com você”. Usualmente, as pessoas querem dizer que você deve deixar dinheiro, fama ou poder no momento em que você vai para o túmulo. O ego também não pode ser levado com você quando você entra no Nirvāṇa.

O mestre Zhao Zhou estava também dizendo ao monge que a conquista da iluminação não é uma coisa de que a pessoa pode se jactar. Ninguém pode dizer: “Eu sou iluminado”, porque a experiência da iluminação é precisamente uma experiência destituída de ego. O ego se extingue e a Natureza pura de Buddha é experienciada. Não há “eu” que possa reivindicar a iluminação. Esta é a experiência mais alegre e salutar. Qualquer um que sofra de quaisquer das doenças do ego deveria tentar uma dose de iluminação. A cura é permanente.

2. Meditação sobre o Som

Antes de iniciar esta instrução é importante, eu penso, compreender a diferença entre Hospedeiro e Convidado. No *Śurangama Sūtra,* Ārya Ajnatakaundiniya pergunta: “Qual a diferença entre estabelecido e transitório?” Ele responde dando o exemplo de um viajante que faz uma parada em um hotel.

O viajante se alimenta, dorme e, então, continua no seu caminho. Ele não para e se fixa na hospedaria. Apenas paga sua conta e vai embora retomando sua jornada. E o que dizer sobre o dono da hospedaria? Ele não vai a nenhum lugar, mas continua residindo na hospedaria porque é lá o seu lugar.

“Eu digo, portanto, que o transitório é o hospede e o dono da hospedaria é o hospedeiro”, diz ĀryaAjnatakaundiniya.

E, assim, identificamos a miríade de pensamentos do ego, pensamentos que surgem e desaparecem no fluxo da consciência, como viajantes transitórios que vêm e vão, e que não deveriam ser detidos com exames discursivos. Nossa Natureza de Buddha é o hospedeiro que deixa os viajantes passarem sem obstáculo. Um bom hospedeiro não prende seus convidados com conversa inútil quando já estão prontos para partir.

Dessa forma, assim como o hospedeiro não faz as malas e vai embora junto com os seus convidados, nós não deveríamos seguir nossos pensamentos transitórios. Deveríamos simplesmente deixá-los passar, sem obstrução. Muitas pessoas esforçam-se em esvaziar a sua mente de todos os pensamentos. Isso é a sua prática de meditação. Elas tentam não pensar. Elas pensam e pensam: “Eu não pensarei”. Esta é uma técnica muito difícil que não é recomendada para iniciantes. De fato, o estado de “não-mente” que buscam é um estado espiritual avançado. Há muitos estados espirituais que devem precedê-lo.

O progresso no Ch’an é mais como tentar subir uma alta montanha. Começamos na base. Qual é o nosso destino? Não o topo, mas meramente nossa primeira base, o Acampamento 1. Após termos lá descansado, retomamos nossa subida, mas, novamente, nosso destino não é o topo, mas meramente o Acampamento 2. Seguimos para o topo somente a partir de nosso Acampamento final.

Ninguém jamais sonharia em tentar escalar o Monte Evereste numa rápida subida. E o topo do Ch’an é mais alto do que o Evereste! Ainda assim, no Ch’an, todos querem começar pelo fim. Ninguém quer começar pelo começo. Se os iniciantes pudessem tomar um avião até o topo eles iriam, mas, então, não estariam subindo a montanha, estariam? O entusiasmo pela conquista é aquilo que faz com que as pessoas tentem atalhos. Mas a jornada é a conquista real.

Um caminho melhor, ao invés de intencionalmente tentar esvaziar a mente

evitando que pensamentos surjam, é a meditação sobre o som. Neste método, sentamos calmamente e deixamos que os sons que ouvimos entrem por um ouvido e saiam pelo outro, por assim dizer. Somos como bons donos de hospedaria não bloqueando os pensamentos convidados com conversas discursivas. Se ouvirmos um carro buzinar, meramente notaremos o barulho, sem dizer a nós mesmos: “Aquela buzina parece com o Bentley do Mr. Wang! Para onde será que ele está indo?” Ou, se ouvimos uma criança gritar lá fora, apenas deixamos que o grito passe pelas nossas mentes sem dizer: “Ah, que garoto barulhento! Queria que sua mãe ensinasse boas maneiras a ele!”

Vocês sabem, em alguns estilos de Ch’an é costume bater com um pedaço de madeira se o indivíduo estiver começando a mostrar sinais de sonolência. De um lado para outro, alguém anda com um pedaço de madeira. A ninguém é permitido se mover ou fazer algum barulho com a respiração ou, que os céus proíbam!, cair de sonolência. O camarada com um pedaço de pau baterá nele! Isso é tolo e, na verdade, viola o primeiro preceito da não violência. O que faremos quando uma monja mais velha ou um sacerdote mais velho começam a dormir no hall de meditação? Deveríamos bater neles com um pedaço de pau? Não estamos confundindo preguiça com sonolência? Talvez a pessoa sonolenta tenha passado toda a noite cuidando de um doente. Deveríamos puni-la se, em sua exaustão, ela começasse a cair de sono? Não! Deveríamos oferecer a ela um chá forte. Se ela quiser acordar, então, que ela beba um pouco de chá. Mas se quiser tirar uma soneca, então, deixamos ela descansar. Talvez a respiração barulhenta de uma pessoa ou sua agitação seja, de fato, um sintoma de uma doença. Deveríamos punir a pessoa doente aumentando seu desconforto? Não. Esse não é o modo do Ch’an.

O que, então, deveríamos fazer quando nos certificamos de que seu barulho não surge da fadiga ou da doença? Deveríamos usar o som de sua respiração ou seus movimentos, assim como usamos o som da buzina de um automóvel ou o grito de uma criança. Deveríamos apenas registrar o barulho sem pensar sobre ele, de modo algum. Não deveríamos deixar nosso ego se envolver com o som. Que ele passe por nossas mentes sem obstáculos, como um hóspede em um hotel. Um hóspede entra e sai. Não inspecionamos as bagagens de um hóspede. Não o paramos com conversa fiada ou inútil.

Vocês sabem, o Buddha certa vez pediu que Mañjuśri escolhesse entre os diferentes métodos de atingir a iluminação. “Qual é o melhor?”, ele perguntou.

Facilmente, ele escolheu o método do Bodhisattva Avalokiteśvara que usava a faculdade de ouvir como o melhor método.

Lembrem-se sempre que, quando se medita sobre o som, é essencial remover o ego do processo de escuta, e deixar que a natureza de Buddha, a qual não tem julgamentos, registre os sons que entram em nossos ouvidos. Em qualquer lugar que assim o fizermos tornamos esse lugar num Bodhimaṇḍala, um lugar sagrado, no qual a iluminação pode ser obtida.

Não necessitamos estar num hall de meditação para praticar esta técnica. Todos os dias, em todas as nossas atividades diárias, onde quer que possamos estar, podemos praticar. Não deveríamos limitar a nossa prática do Ch'an para aqueles momentos em que estamos numa sala de meditação Ch'an. De fato, a função de uma sala de meditação é, realmente, apenas prover um lugar de distração mínima para aquelas pessoas que têm dificuldade em manter a sua atenção focada naquilo que estão fazendo.

Algumas pessoas gostam de ir até as salas de meditação porque precisam ser forçadas a meditar. Elas não praticam sozinhas em casa. Por que uma pessoa deveria ser forçada a ter uma bela experiência? Quão tolo isto é!

Algumas vezes, as pessoas vão até as salas de meditação porque querem encontrar amigos e isso é um mau uso do Ch'an. É converter o Ch'an de um caminho para a iluminação, para mais um caminho saṁsārico sem saída. Não é isso lamentável?

3. Meditação com um Objeto Específico

Algumas vezes, um hóspede não é passageiro. Algumas vezes, um hóspede chega a um hotel com a intenção de permanecer por algum tempo. Bem, então, o dono do hotel deve prestar uma atenção especial a ele. O dono do hotel não investiga o hóspede-objeto antes dele se registrar. Esse é um outro modo de dizer que, antes de nos sentarmos para meditar, não tomamos o objeto e o estudamos.

Suponham que tomemos como objeto uma rosa. Esse é um objeto particularmente agradável para meditação Ch'an, porque, afinal de contas, as rosas são um dos presentes da China para a horticultura do mundo. Uma rosa

pode estimular os nossos sentidos de várias formas.

Após termos atingido a calma e regulado a nossa respiração, começamos gentilmente fechando os nossos olhos tentando construir uma rosa em nossa mente. Não permitimos que divaguemos em lembranças pessoais a respeito da rosa. Vemos um caule - o quão longo ele é, quão grosso, quão verde, e assim por diante. Vemos os espinhos, sua forma, suas pontas, seu arranjo em relação ao caule. Não divagamos em pensamentos sobre ocasiões especificas em que encontramos os espinhos de uma flor. Talvez ainda sintamos a sensação do espinho, mas somente em nossa mente. Seguimos, então, para as várias partes da flor. Dependendo de nosso conhecimento botânico podemos reunir na mente as partes da flor: o pistilo, o estame, as pétalas, e assim por diante. As pétalas são tão macias. Qual sua cor? O pólen é tão amarelo e em pó. Vemos o pó amarelo perto das pétalas. Uma rosa tem uma fragrância. Qual é a fragrância específica de nossa rosa? De fato, começamos a cheirá-la.

Essa é a forma como meditamos sobre uma rosa ou qualquer outro objeto. Lembrem-se, nunca devemos nos permitir divagar no tema “As Rosas que eu conheci...”, ou instâncias no passado onde rosas foram dadas ou recebidas. Nenhum pensamento, de modo algum! Somente nos tornamos conscientes de uma rosa, em todas as suas pétalas e sensações.

Logo, a rosa crescerá em nossa mente. A rosa terá uma tão grande beleza que saberemos que vimos a própria Rosa Ideal do Céu.

Mais tarde, podemos até gritar de alegria. A não muitas pessoas se permite ver um dos tesouros celestiais!

4. Meditação sobre o Nome do Buddha

No Buddhismo Mahāyāna, o Buddha Amitābha, o Buddha do Ocidente, é muito importante. Amitābha é pronunciado pelos chineses “Amitofo”. Repetir o nome “Amitofo” é uma excelente prática.

Primeiramente, mantemos em nossa mente uma imagem do Buddha Amitābha. Também reconhecemos nossa grande dívida para com ele. O Bodhisattva Avalokiteśvara- Guan Yin (Kwan Yin) - não surgiu de sua fronte? O que seria da salvação Mahāyāna se não fosse nossa amada Guan Yin? Assim,

mantemos o Buddha em nossa mente à medida que repetimos seu nome sagrado.

Qual é o modo incorreto de repetir o nome do Buddha? É fácil explicar. Pense numa pessoa doente para a qual se dá um frasco de tabletes de penicilina. Imagine-a sentada ali, segurando o frasco fechado do remédio e repetindo: “penicilina, penicilina, penicilina”. Isso vai curá-la? Não. Ela deve tomar o remédio. Deve engolir e assimilá-lo. Meramente repetir o nome do medicamento não irá curá-la.

CAPÍTULO IV: O Sermão da Flor do Buddha

Um bom professor é melhor que a maioria dos livros sagrados. Os livros contêm palavras e o Ch'an não pode ser transmitido por meras palavras. Suponho que você irá pensar: "Bem, se este velho homem diz que as palavras são inúteis, por que ele fala tanto?" A religião tem muitos mistérios, e talvez o maior mistério de todos é: Por que os professores dizem que as palavras nunca são suficientes e, então, falam e falam até que os ouvidos de seus estudantes se transformem em pedras?

O Buddha, certa vez, estava perto de um lago no monte Gṛdhrakūṭa e se preparava para proferir um sermão para seus discípulos que lá estavam, esperando para ouvi-lo. Enquanto o Bem-Aventurado esperava seus estudantes se assentarem, ele percebeu um lótus dourado florescendo num pequeno lago lamacento ali perto. Ele pegou a planta, tirou-a da água: a flor, o longo caule e a raiz. Então, ele a segurou bem alto para que todos os estudantes pudessem vê-la. Por um longo tempo ele a sustentou dessa forma, não dizendo nada, apenas segurando o lótus e olhando para as faces vazias de sua audiência.

Repentinamente, seu discípulo Mahākāśyapa sorriu. Ele entendeu! O que Mahākāśyapa compreendeu? Todos querem saber. Por séculos todos perguntam: "Qual a mensagem que o Buddha passou para Mahākāśyapa?"

Algumas pessoas dizem que a raiz, o caule e a flor representavam os três mundos: o subterrâneo, a terra e o céu, e que o Buddha estava dizendo que ele podia segurar toda a existência na palma de sua mão. Talvez.

Algumas pessoas dizem que ele estava pronunciando o Grande Mantra, "Mani Padme Hum", ao contrário. A Jóia que está no Lótus. Quando o Buddha segurou a flor em sua mão o Lótus estava na Jóia. Humm.

Algumas pessoas dizem que a raiz, o caule e a flor significavam a base, a coluna e a coroa de lótus de mil pétalas do sistema de chakras do yoga, e que, levantando a planta, ele estava defendendo essa disciplina. Outras pessoas dizem que isto poderia muito facilmente indicar o resultado daquela disciplina. A realização trinitária: como o Buddha era Pai e Mãe, ele também era o Filho, o Lótus Nascido, e o Lótus Segurando Maitreya, o Futuro Buddha, o Julai! Humm.

Certamente é algo a se pensar!

No Ch’an não estamos certos de muitas coisas. Realmente sabemos apenas uma coisa: a Iluminação não vem como um dicionário! A ponte para o Nirvāṇa não é composta de frases. Como o velho mestre Lao-tzu escreveu: “o Dao (Tao) que podemos falar não é o Dao que queremos dizer”.

Assim, o Buddha falou em silêncio, mas o que ele disse? Talvez estivesse dizendo: “Da sujeira do Saṁsāra, o Lótus surge puro e incorrupto. Transcendam a consciência do ego! Sejam unos com a flor!”

Aí está! O Buddha deu um ensinamento e ninguém precisou tomar notas.

CAPÍTULO V: Estágios do Desenvolvimento

Que estágios atravessamos à medida que progredimos em direção à Iluminação? Primeiramente, à medida que meditamos, podemos experienciar um momento de completa pureza e leveza. Podemos mesmo sentir que nosso corpo começa a levitar ou que nossa mente se afasta de nosso corpo de modo que podemos olhar e ver a nós mesmos sentados lá em baixo. Essas experiências são muito estranhas de se ouvir e mais ainda de se experimentar. O que é o mais estranho de tudo é que tantas pessoas as experienciam.

Em segundo lugar, podemos experienciar um estado de pureza sem ego no qual simplesmente testemunhamos os eventos e objetos de nosso ambiente, sem, de modo algum, sermos afetados por ele. Os dados sensórios não nos atingem. Permanecemos não influenciados pelos eventos em torno de nós, como uma pedra que descansa sob a água. Sempre que alcançamos este estado, deveríamos nos esforçar para permanecermos alertas e conscientes da experiência.

Em terceiro lugar, podemos ouvir o ruído de um trovão que ninguém mais escuta, mas que ainda assim juramos ter agitado toda a casa. Ou o som que somente nós escutamos pode ser o do zunido de uma abelha ou o som de uma trombeta distante. Essas experiências auditivas seriam raras para as pessoas, mas, para a pessoa que pratica o Ch'an são até muito freqüentes.

Sempre que temos uma experiência estranha, inexplicável – uma visão, talvez – deveríamos discuti-la com o nosso mestre e não com outros que poderiam nos levar para um caminho errado por ignorância ou maldade. Muito freqüentemente, um praticante Ch'an que não tenha sido capaz de chegar a lugar algum em seu treinamento irá denegrir a experiência de outro.

O que deveríamos fazer quando não conseguimos meditar, quando sentamos e experienciamos somente a agitação? Deveríamos nos aproximar de nós mesmos, gentilmente, como se fôssemos crianças. Se uma criança está aprendendo a tocar um instrumento musical lhe ensinaríamos a teoria musical, as notações, os particulares daquele instrumento e a composição como um todo? Não. Uma criança seria ensinada progressivamente com sessões curtas de

instrução e prática. Essa é a melhor forma. Um músico consumado pode facilmente praticar oito horas por dia, mas não um iniciante. Um iniciante necessita experimentar uma série contínua de sucessos menores. Dessa forma, ele cultiva a paciência, a confiança e o entusiasmo. Uma longa série de sucessos menores é melhor que uma série curta de fracassos. Deveríamos colocar pequenos objetivos para nós mesmos e não deveríamos nos impor objetivos maiores até que tivéssemos adquirido a maestria dos menores.

Para além da prática da meditação existe a atitude. Um iniciante deve aprender a cultivar aquilo que é chamado de “estabilidade de um homem morto”. O que é essa estabilidade? É a estabilidade de saber o que é importante e o que não é, de aceitar e perdoar. Qualquer um que já tenha estado ao lado da cama de um homem moribundo entenderá esse equilíbrio. O que faria um homem moribundo se alguém o insultasse? Nada. O que o homem moribundo faria se alguém lhe batesse? Nada. Quando ele está lá, deitado, estaria planejando se tornar famoso ou rico? Não. Se alguém que o tivesse ofendido chegasse e pedisse o seu perdão, ele não daria? É claro que daria. Um homem moribundo compreende a falta de sentido da inimizade. O ódio é sempre um sentimento desprezível. Quem deseja morrer sentindo ódio em seu coração? Ninguém. Quem está morrendo busca o amor e a paz.

Houve um tempo em que o homem moribundo entregava-se aos sentimentos de orgulho, cobiça, luxúria e raiva, mas, agora, esses sentimentos já se foram. Houve um tempo em que ele se entregava aos maus hábitos, mas, agora, ele está livre deles. Ele nada carrega. Ele se livrou de seu fardo. Ele está em paz.

Caros amigos, quando tivermos dado nossa última respiração, esse nosso corpo físico se tornará um cadáver. Se procurarmos, agora, considerar esse corpo físico como um cadáver, aquela paz nos chegará mais cedo.

Se considerássemos cada dia de nossa vida como se fosse o nosso último dia, não desperdiçaríamos um precioso minuto em buscas frívolas, em resmungos ou raivas prejudiciais. Não deixaríamos de mostrar amor e gratidão para aqueles que foram gentis conosco. Não evitaríamos mostrar nosso perdão por qualquer ofensa, pequena ou grande. E se nos enganássemos, não buscaríamos o perdão, mesmo que fosse nossa última respiração?

Bem, então, se essa é a grande dificuldade para um iniciante, qual é o obstáculo com que o praticante intermediário se defronta? Resultados! Após ter cultivado a disciplina do Buddha-Dharma, ele deve continuar a cuidar do seu jardim à medida que espera pelo amadurecimento do Fruto Sagrado! Entretanto, sua espera deve ser uma espera passiva. Ele não pode aguardar ou programar o período de colheita. Na agricultura é possível estimar quanto tempo os feijões levarão para amadurecer ou as maçãs para ficarem no ponto. Mas a Iluminação virá no momento correto.

E quando ela vem, o meditante repentinamente irá experienciar a sua Verdadeira Natureza. Ele também compreenderá que seu ego verdadeiramente é uma criatura fictícia, uma ilusão danosa. Agora, com a confusão eliminada, ele se tornará imperturbável. Ele desenvolverá uma simplicidade mental, uma unificação que irá brilhar em pureza e ser absoluta na tranqüilidade. Naturalmente, quando atinge esse estado, ele deve agir de modo a preservar este Olho Diamantino de Sabedoria. Ele deve estar vigilante de modo a não permitir que seu ego mais uma vez se afirme, pois assim fazendo, seria uma tentativa tola, como enxertar uma segunda cabeça inútil em cima de seu pescoço.

Sempre que atingimos o estado sem ego da consciência perfeita, descobrimos que é impossível descrevê-lo. A situação é parecida com a de um observador que contempla um amigo beber um copo de água. A água está morna ou fria? O observador não pode dizer, mas o amigo que está bebendo pode. Se o observador não concorda, poderiam eles discutir sobre isso? Não. Podemos debater a iluminação com aquele que não é iluminado? Não. Tais discussões seriam fúteis. O mestre ch’an Lin Ji (Lin-chi) costumava dizer: “Esgrima com os mestres esgrimistas, discuta poesia com os poetas”. Uma pessoa que alcançou o estado sem ego pode comunicar essa experiência apenas a alguém que também a alcançou.

Mas, depois da Iluminação, o que acontece? Após a Iluminação, experienciamos a aventura do Grande Bodhisattva. Em nossas meditações, entramos no reino de Guan Yin. Este é o mundo mais maravilhoso de todos.

Mas, depois disso, o praticante consumado deve se separar do Ch’an, formar-se, por assim dizer, e ser aquilo que estudou para se tornar: uma pessoa que parece ser bastante comum, apenas uma face a mais na multidão. Quem desconfiaria que essa face é uma Face Original? Quem suspeitaria que

essa pessoa foi uma pessoa, e duas pessoas e, então, três pessoas, e agora é uma pessoa novamente? Uma pessoa que está vivendo a vida da Natureza de Buddha? Ninguém poderia supor simplesmente olhando para ela.

E, assim, o problema final que o praticante encontra é, de fato, entrar no Vazio, sobre o qual os estudantes iniciantes gostam de teorizar. Ele deve atingir a “não-mente”. Ao invés de proceder em uma direção, ele deve se expandir em todas as direções ou, como Hanshan (a Montanha Fria) diria: “até o infinito”. No Ch’an, também chamamos isso de “abandonar o poste de trinta metros”. O Ch’an é um poste escorregadio de trinta metros. É difícil subir. Mas, uma vez que o praticante encontre um modo de alcançar o topo, o que fazer em seguida? Ele o abandona. Ele dá um salto no espaço vazio. Ele não se apega ao Ch’an. Ele descobriu o que significa o sem ego. Mas agora ele deve viver os resultados dessa descoberta. Suas ações não podem ser deliberadas ou planejadas. E, assim, ele atinge a espontaneidade e se torna um com a realidade. Não há mais necessidade de esforço.

Assim, conquistar o Ch’an é uma tarefa difícil quando começamos, e abandonar o Ch’an é tarefa difícil quando terminamos. A mulher ou o homem do Ch’an não se sentam no topo do poste de trinta metros e contemplam o seu diploma de Iluminação. Eles lêem o diploma e gritam: “Kwatz!”, e jogam o diploma para os quatro ventos. Então, pulam para além do poste até o infinito.

Caros amigos, embora a iluminação possa ser alcançada entrando por diferentes portas do Dharma, o Buddha, os Seis Patriarcas e todos os ancestrais Ch’an estão de acordo que a mais maravilhosa de todas as portas é a porta do Ch’an.

CAPÍTULO VI: As Dificuldades

Algumas vezes, o ensinamento do Ch’an pode ser frustrante enquanto estamos aprendendo. Certa vez havia um mestre Ch’an que dava instrução para três noviços. Ele explicou a eles a necessidade de uma disciplina espiritual e os instruiu que, a partir daquele momento, deveriam observar as regras em silêncio absoluto. Então, levando seu dedo aos lábios, ele os instruiu para voltarem a seus quartos. O primeiro noviço disse: “Ó mestre, por favor, deixe-me dizer quão grato eu sou por receber a sua instrução”. Enquanto isso, o segundo noviço disse: “Você, tolo, não percebe que, dizendo isso, você quebrou a regra do silêncio?” E o terceiro noviço jogou suas mãos para o alto e gritou: “Ah, Senhor! Eu sou a única pessoa por aqui que pode seguir as ordens?”

Por vezes, olhamos ao redor e supomos que ninguém está à altura de nossos padrões. Somos como aqueles três noviços. Freqüentemente, como o primeiro noviço, dizemos que queremos aprender, mas, então, não prestamos realmente atenção naquilo que nossos livros ou professores nos dizem. Ou, como o segundo noviço, entendemos as regras, mas pensamos que elas se aplicam somente aos outros. Ou, como o terceiro noviço, exaltamos nosso mérito a cada vez que fazemos aquilo que deveríamos fazer. Algumas vezes, compartilhamos o estado de frustração daquele mestre.

Também vemos a falta de atenção, preguiça, frivolidade ou presunção intelectual. Pior ainda, podemos ver pessoas que são hipócritas consumadas – pessoas que fingem que seus interesses são puramente espirituais quando, de fato, são 99% um amálgama de orgulho, cobiça e paixão. E, então, jogamos nossas mãos para o alto em horror e concluímos que a Era Dourada do Ch’an está acabada. Chegamos tarde demais. Não há esperança para o Ch’an. Chegamos na hora do seu funeral. Cada era pensa que deixou de ser incluída na Era de Ouro da Iluminação.

O mestre Yong Jia (Yung-chia), que estudou sob o Sexto Patriarca Huineng, preocupava-se com o futuro do Ch’an. Ele se desesperava com a abundância de homens mundanos e a escassez de seguidores sinceros do Buddha Dharma. “Ah!”, gritava ele em sua Canção da Iluminação: “nesta época de decadência e maldade mundanas ninguém se importa em se submeter à

disciplina. O Período Santo se acabou e a Era de Perversão começou".

Agora, o mestre Yong Jia, apesar de suas preocupações por viver numa era de escuridão, conseguiu atingir a iluminação num período muito curto de tempo. Ele era o que vocês poderiam chamar de uma "Sensação Noturna". De fato, é assim que Huineng se referia a ele. "O Iluminado de Uma Noite!". A lâmpada do mestre Yong Jia queimou por um longo tempo naquilo que supostamente seria a era escura.

O mestre Wei-shan, que nasceu em 771 e morreu em 863, viu que a sua vida na terra se acabaria assim que a Idade Dourada do Ch'an da dinastia T'ang estivesse acabando. O mestre Wei-shan costumava se lamentar: "Não é lamentável que tenhamos nascido no fim do Período de Iluminação?" Ele se desesperou por causa da abundância de homens mundanos e da escassez de seguidores sinceros do Buddha Dharma. Como ele desejava ter nascido antes! Realmente, ele temia que não houvesse ninguém que pudesse tomar o seu lugar.

Mas vamos nos lembrar como Wei-shan veio a ser conhecido como Wei-shan. O nome original de Wei-shan era Lingyou (Ling-yu) e ele pertencia à província de Fu-chien. Estudou o Ch'an sob o mestre Baizhang Huaihai (Pai-chang Huai-hai). Este havia nascido no meio da dinastia T'ang e também se desesperou por causa da abundância de homens mundanos e da escassez dos seguidores sinceros do Buddha Dharma.

Baizhang Huaihai tanto se preocupava com a situação do Ch'an que decidiu solucionar o problema iniciando um novo monastério no monte Wei, Wei-shan, que ficava situado na província Hunan. Naturalmente, ele pensou que haveria tão poucos homens iluminados disponíveis que supôs que iria para lá e faria o trabalho ele mesmo.

Um dia, enquanto estava tentando planejar como conseguiria cumprir esse feito, um velho asceta-vidente chamado Sima, fez uma visita a ele. "Dê-me seu conselho", pediu Baizhang Huaihai. "Primeiro, o que devo pensar sobre a construção do novo mosteiro, sobre o monte Wei?" "Excelente idéia", disse Sima, "é um local ideal e pode facilmente sustentar uma comunidade de 1.500 monges".

Baizhang Huaihai ficou deleitado em ouvir isso. Mas, então, Sima acrescentou: "Mas não imagine ir lá você mesmo. A montanha é jovem e forte, e

você é velho e fraco. Você deverá mandar outra pessoa".

Mas quem? Baizhang Huaihai não podia imaginar que houvesse qualquer outra pessoa para substitui-lo. Sima tentou ajudar. "Vamos ver o que você tem disponível", ele disse. Assim, um por um, Baizhang Huaihai chamou todos os seus monges. Naturalmente, ele começou com o seu monge principal. Sima deu uma olhada no monge principal e balançou a cabeça, rejeitando-o. E continuou a rejeitar cada um dos vários candidatos até que, finalmente, foi a vez de Lingyou ser entrevistado. Quando Sima viu Lingyou balançou a cabeça em aprovação. "Este é o homem!", ele disse. "Mande-o para Wei Shan".

O monge principal não gostou dessa decisão e pediu ao mestre Baizhang Huaihai que confirmasse a decisão por um exame, isto é, deixando que cada candidato demonstrasse ativamente a profundidade do seu Ch'an. Assim, Baizhang Huaihai organizou uma disputa. Ele colocou um jarro no meio do chão e convidou cada um dos seus monges para entrarem no salão e responder à pergunta: "Sem chamar esse objeto de jarro, como ele poderia ser chamado?"

Veio o monge principal, olhou para o jarro, pensou por um minuto, e respondeu: "Ele não pode ser chamado de uma cunha". Baizhang Huaihai ficou desapontado. Claramente, esta resposta planejada mostrava que o monge principal estava abordando o problema de forma demasiadamente intelectual. Ele ainda estava muito envolvido com nomes e formas.

Cada candidato deu uma resposta insatisfatória, até que finalmente foi a vez de Lingyou. Lingyou entrou no salão e quando Baizhang Huaihai perguntou: "Sem chamar esse objeto de jarro, como ele poderia ser chamado?", Lingyou espontaneamente deu um pontapé no jarro e ele se quebrou contra a parede. Baizhang Huaihai balançou sua cabeça e riu. Sima estava certo. De fato, Lingyou era o homem. Um jarro? É o suficiente enquanto nome! É o suficiente enquanto forma!

Assim, vocês vêem, algumas vezes, mestres também precisam aprender algumas lições. Baizhang Huaihai pensou que os dias gloriosos do Ch'an estavam no passado. Ele estava errado. Lingyou foi até a montanha e fundou um mosteiro e foi assim que ficou conhecido como o grande mestre Wei-shan.

Mais de 1000 anos se passaram desde aquela disputa e os mestres Ch’an ainda se desesperam com a profusão de homens mundanos e a escassez dos seguidores sinceros do Buddha Dharma.

Veja o meu próprio caso. Quando eu era jovem, a maioria dos mosteiros, na área sul dos três rios, foram destruídos durante as várias rebeliões. Muitos monges das montanhas Zhongnan vieram ao sul, a pé, para ajudar a reconstruir esses mosteiros. O que eles tinham? Nada. Eles carregavam uma abóbora, uma pequena cesta, e roupas nas suas costas. Isso era tudo. Todos se perguntavam o que realmente poderiam fazer para ajudar. Mas eles fizeram seu trabalho. Eles reconstruíram os seus mosteiros.

Mais tarde, à medida que esses mosteiros floresceram e mais monges foram necessários, novos monges começaram a chegar. Eles chegaram em carroças que necessitavam de cangas e traves para carregar todas as suas posses. E todos pensavam: “Ah! Eles são tão mundanos. Eles não vão conseguir fazer nada”. Mas eles fizeram, não fizeram?

E agora, quando eu viajo para algum lugar e vejo monges entrando em trens e aviões, com suas bagagens de couro combinadas, eu me pego a mim mesmo dizendo: “Ah! Eles são tão mundanos. Eles não conseguirão fazer nada”. Mas, eles conseguirão, não conseguirão?

Você conseguirá, não conseguirá?

CAPÍTULO VII: Respiração e Postura

Embora meditemos muito enquanto andamos ou trabalhamos, quando, formalmente, sentamos para meditar, devemos ser cuidadosos em manter uma atitude reverente, sentando e respirando corretamente.

Caros amigos, apesar de muitos benefícios poderem ser adquiridos pelos nossos esforços, a meditação é um exercício espiritual, não um regime terapêutico. Não praticamos para combater ou tratar distúrbios psicológicos, ou nos ajudar a lidar com as frustrações do ego. Meditamos para transcender a consciência do ego e compreender a nossa Natureza de Buddha. Nossa intenção é entrar no Nirvāṇa e não tornar a vida no Saṁsāra mais tolerável.

Esta instrução pode ser um pouco confusa, eu sei. Muitas pessoas pensam que estão meditando quando atingem um estado pacífico e quieto. Elas esperam e anseiam pela prática porque desfrutam, por mais ou menos uma hora, da paz e da quietude que a meditação lhes dá.

Mas o quietismo não é meditação. Encurralar um cavalo selvagem não é domá-lo ou torná-lo dócil às rédeas. Ele pode descansar por um momento e parecer tranqüilo. Ele pode até começar a galopar. Mas, quando o portão é aberto, escapará tão selvagem quanto era antes.

Vocês sabem, em Nan Hua Si, o mosteiro do Sexto Patriarca, havia um monge que passava horas, todos os dias, sentado quietamente sobre sua almofada, desfrutando a paz e a tranqüilidade que isto lhe trazia. Ele pensava que estava meditando. Huineng, o Sexto Patriarca, percebendo o erro do monge, aproximou-se dele. “Por que você gasta tanto tempo em sua almofada todos os dias?”, ele perguntou.

O monge olhou para cima surpreso. “Porque eu quero me tornar um Buddha”, respondeu. Huineng sorriu. “Meu filho”, ele disse, “você pode polir um tijolo e transformá-lo num espelho, mais rápido do que você conseguirá se transformar num Buddha, sentado sobre uma almofada!”

Devemos sempre nos lembrar dessa conversa entre o grande mestre e um monge iludido. Antes de entrar nos estados meditativos, devemos estar

acordados e alertas. Nossas mentes, livres dos cuidados externos, são focadas sobre o exercício meditativo. E, depois de sermos bem sucedidos em alcançar o estado meditativo, usualmente ficamos muito eufóricos. Esta vertigem de alegria é experienciada pelos praticantes de todas as religiões. É chamada Doença Ch'an, ou Intoxicação Divina, ou Loucura Divina. O quietismo não produz euforia. Ele produz um torpor ou um embotamento, tornando o meditante semelhante a um zumbi, e nada tem a ver com o Buddhismo Ch'an, ou qualquer outra religião com exceção, talvez, do vudu.

Jamais devemos começar um exercício de meditação se estamos excitados ou agitados. A mente e o corpo devem chegar a um estado de relaxamento. Se estivermos furiosos, a introspeção e a aplicação dos princípios buddhistas, particularmente do perdão e da aceitação, poderão nos ajudar a recuperar nossa compostura; mas, se a nossa agonia persiste, devemos, então, pedir uma orientação ou conselho, a fim de resolver nosso problema antes de nos sentarmos para meditar.

Se a nossa agitação é meramente uma condição temporária, devido talvez a estarmos apressados ou fatigados, deveríamos seguir o método do "bastão de incenso de meia polegada". Simplesmente sentamo-nos quietamente e observamos o bastão de incenso queimar por meia polegada. Se, nesse tempo, nossa compostura não for restaurada, deveríamos terminar a sessão de meditação. Sempre podemos tentar mais tarde.

Da mesma forma, nossa respiração deveria ser gentil e rítmica. Ocasionalmente, enquanto praticamos a meditação, pensamentos podem nos perturbar ou podemos ansiar por ar, pois estamos praticando incorretamente uma técnica de meditação. Mais uma vez deveríamos seguir o método do "bastão de incenso de meia polegada" e permitir à nossa mente e respiração se estabilizarem antes de recomeçar a prática.

Postura

Uma postura ereta, natural e relaxada é a melhor postura. Sentamo-nos sem rigidez e dor. Isso é muito importante. A dor se inicia como uma resposta de pânico, uma emergência percebida, que faz subir a pressão do sangue no corpo e

o batimento cardíaco; e sob tais circunstâncias, a meditação é impossível. Entretanto, qualquer um que seja capaz de naturalmente se sentar em uma postura de meditação mais formal, tal como a posição de lótus, pode usar essa postura para seu bom proveito.

Claramente, devemos sentar-nos de forma ereta, de modo que nossos pulmões possam se expandir completamente. Não podemos nos inclinar para frente ou para os lados. Se nos descobrirmos levados pelo sono, devemos nos despertar com alguns poucos goles de chá, e balançando-nos de um lado para o outro algumas vezes, bem como fazendo algumas respirações mais profundas.

Fracassar em controlar o corpo, a mente e a respiração pode causar alguns pequenos danos tais como: desconforto emocional ou físico, ou maiores danos, como músculos tensos ou encontros medonhos com alucinações de demônios que, eu penso que todos nós concordamos, podem ser os eventos mais agonizantes ou desesperadores.

Exercícios de Respiração

Antes de começar qualquer técnica de meditação formal é absolutamente necessário atingir o controle da respiração. Há duas abordagens básicas no controle da respiração: estruturada e não estruturada. Em ambos os métodos, os pulmões são comparados a foles. Quando desejamos encher um fole com ar, devemos afastar os dois cabos. Da mesma forma, quando desejamos inflar o tórax, começamos estendendo o abdome e empurrando-o para fora, para longe da coluna, como se quiséssemos separar os dois cabos de um fole. Quando expiramos, devemos, primeiramente, deixar que o ar penetre e, então, vagarosamente, contrair o abdome, espremendo o ar restante dos pulmões, como se estivéssemos fechando o fole.

Nosso objetivo deveria ser, sempre, tornar nossa respiração tão sutil e sem tensão que se alguém colocasse uma pena de avestruz em frente de nossas narinas, não a agitaríamos quando inspirando ou expirando.

1. Na respiração não estruturada, abaixamos o nosso olhar e, seguindo a respiração, contamos dez respirações sucessivas. Se perdermos a contagem, começamos novamente. Quando completamos dez contagens ou ciclos de

respiração, começamos uma nova contagem de 10.

Começamos focando nossa atenção sobre a inspiração, percebendo o ar à medida que entra pelas narinas, descendo a garganta e preenchendo os pulmões. Observamos, mentalmente, o peito se expandir e os ombros subirem.

Enquanto nos preparamos para expirar, fazemos a contagem e, então, observamos o ar à medida que sai de nossos pulmões pelas nossas narinas. Notamos nossos ombros enquanto se relaxam e descem, à medida que nossos pulmões estão se esvaziando. À medida que completamos a expiração, observamos nossos músculos abdominais se contraírem. Com a prática, todos os músculos de nosso abdome, virilha e nádegas irão contrair para forçar para fora o ar residual dos pulmões. Por alguma razão é mais fácil contar ciclos de respiração quando começamos a exalar mais do que quando começamos a inspirar. Mas cada um de nós é diferente. Contar as inspirações ou contar as expirações é um tema de escolha pessoal.

2. Na respiração estruturada, inspiramos, retemos a respiração, expiramos, e começamos então um novo ciclo, ou mantemos os pulmões vazios antes de começar um novo ciclo respiratório. A quantidade de tempo que destinamos para cada parte do ciclo depende da fórmula particular que vamos seguir. Porque a capacidade pulmonar varia de indivíduo para indivíduo, nenhuma fórmula única pode ser suficiente. Os praticantes podem selecionar diversas proporções:

a. A proporção 4:16:8 requer que a inspiração tenha a contagem de quatro, a retenção, de dezesseis, e a expiração a contagem de oito. A proporção 4:16:8:4 requer um período adicional, no qual os pulmões são deixados vazios, na contagem de quatro. Isso é mais difícil, mas muitos praticantes descobrem ser o modo que mais conduz ao atingimento de estados meditativos profundos.

Usualmente, um segundo por contagem é a cadência prescrita. Entretanto, algumas pessoas têm dificuldade em segurar sua respiração, por exemplo, por dezesseis segundos. Esses indivíduos deveriam simplesmente segurar sua respiração por doze segundos. Com a prática, rapidamente atingirão a contagem de dezesseis. Se doze ainda é difícil, então elas podem tentar oito, trabalhando até chegar aos doze e, então, aos dezesseis.

b. A proporção 5:5:5:5 ou outras contagens igualmente iguais também são

muito efetivas. Os iniciantes descobrem ser mais fácil eliminar a contagem final quando se mantém os pulmões vazios.

O objetivo de todos os exercícios respiratórios é estabelecer uma respiração rítmica e controlada.

Resistindo ao Impulso de Fugir

Por alguma razão que ninguém ainda foi capaz de determinar, freqüentemente, quando nos sentamos para meditar, nossa almofada se torna um formigueiro. Os iniciantes do Ch'an muito freqüentemente experienciam essa misteriosa transformação da almofada, mas, cedo ou tarde, ela acontece para todos nós. Começamos a nos contorcer e a única coisa em que podemos pensar é como escapar desse lugar incômodo.

Quando inicialmente nos sentamos, estamos cheios de boas intenções. Planejamos fazer o programa completo - ao menos os ciclos de vinte respirações. Mas então, depois de quatro ou cinco ciclos, descobrimos que estamos nos sentando num formigueiro e temos de diminuir nosso programa.

Algumas vezes, não há formigas lá. Mas, repentinamente, nos lembramos de muitas coisas importantes que esquecemos de fazer; endireitar os livros em nossa estante, comprar macarrão para o jantar de amanhã, ler o jornal de ontem. Claramente as coisas devem ser feitas e, assim, com grande pesar, nos levantamos de nossa almofada.

Caros amigos, como vamos manter as nossas boas intenções? Como vamos evitar que a nossa resolução diminua tão drasticamente?

Primeiramente, temos que reconhecer que estamos nos enganando. Vocês sabem, há uma velha historia do Ch'an sobre um homem rico que contraiu uma doença e estava em grande risco de morrer. De modo que ele fez uma barganha com o Buddha Amitābha. "Salve a minha vida, Senhor", ele disse, "e eu venderei a minha casa e darei aos pobres tudo o que ganhar de sua venda". Toda sua família e amigos ouviram-no fazer esse pedido. Então, milagrosamente, ele começou a melhorar. Mas, à medida que sua condição melhorava, sua resolução começou a diminuir e, quando ficou completamente curado, ele se perguntava porque havia feito tal pedido, afinal de contas. Mas, como todos esperavam que

ele vendesse sua casa, ele a colocou à venda. Além da casa, entretanto, ele vendeu seu gato. Ele vendeu a casa e o gato por um total de dez mil e uma moedas de ouro. Mas promessa é promessa, e assim ele deu uma moeda de ouro para os pobres. Foi este o preço pelo qual ele vendeu a casa. O gato, vocês vêem, era um gato muito caro. Quando não queremos fazer alguma coisa, as coisas triviais se tornam muito importantes. O gato da casa valia dez mil vezes mais do que a casa.

Deveríamos nos lembrar desse homem, sempre quando sentirmos urgência de sair de nossa almofada. Deveríamos nos lembrar dele sempre que, repentinamente, decidimos encurtar nosso programa. Mas se não devemos arranjar desculpas para não continuar com a nossa prática, também não deveríamos permanecer sobre nossa almofada por causa de um senso de obrigação. Algumas vezes, as pessoas agem como se estivessem fazendo um grande sacrifício quando praticam a meditação. “Eu farei e eu conseguirei”, elas pensam. Mas essa não é uma atitude apropriada. O tempo que gastamos na meditação deveria ser o momento mais belo de nosso dia. Deveríamos valorizar esse tempo.

Caros amigos, sejam gratos ao Buddha-Dharma. Sejam gratos aos Três Tesouros. Nunca se esqueçam desse refúgio eterno que existe no Buddha, no Dharma e na Sangha. Sejam gratos à Lâmpada que nos leva para longe da escuridão, para a luz.

CAPÍTULO VIII: Perseverança e Capacidade

Um militar, certa vez, parou num mosteiro em seu caminho de volta para casa, depois de uma campanha bem sucedida. Ele veio visitar o abade, seu velho professor. Quando o abade e o soldado se sentaram no pátio, conversando agradavelmente e bebendo chá, eles se distraíram por causa de uma discussão entre um noviço e um monge mais velho. O noviço reclamava que a técnica de meditação dada a ele pelo monge era ineficaz e sem valor. “Ela não consegue me ensinar como concentrar, muito menos como meditar”, gritava o noviço. “Dê-me uma técnica mais confiável”.

Observando que o argumento estava afligindo seu antigo mestre, o soldado se levantou e disse: “Por favor, mestre, permita-me ajudar esse jovem”. Quando o mestre indicou seu consentimento, o soldado chamou seis de seus arqueiros. O soldado, então, encheu uma xícara de chá até a borda e cuidadosamente entregou-a para o noviço. “Pegue esta xícara de chá,”, ele ordenou, “e, sem derramar uma única gota, carregue-a por toda a periferia desse pátio”.

Quando o noviço pegou a xícara, o soldado ordenou a seus arqueiros “Sigam-no! Se ele derramar uma única gota, atirem nele!” Os arqueiros tomaram seus arcos e começaram a andar atrás do noviço que nos próximos vinte minutos aprendeu como se concentrar.

Caros amigos, não há substituto para a determinação. A iluminação é um assunto sério. Nunca pode ser atingida com uma atitude casual ou relaxada. Você deve estar determinado a ser bem sucedido e deve ser firme em sua determinação. É estranho dizer, mas o sucesso na meditação tem os mesmos requisitos que a procura do suspeito num crime: uma pessoa deve ter motivo, meios e oportunidade. Não é suficiente ter um ou dois desses requisitos para ser considerado suspeito de um crime. Vocês devem ter todos os três: motivo, meios e oportunidade.

A fim de ajudá-los a compreender isso contarei várias histórias. A primeira história, eu presenciei pessoalmente:

Em 1900, seguindo a famosa Rebelião dos Boxers contra os estrangeiros, outras nações estrangeiras, provocadas pelo ataque aos seus consulados,

mandaram forças expedicionárias até Pequim. O Imperador manchu Guang Sui e a Imperatriz dowager Zi Xi apoiaram os Boxers e seus ataques contra os estrangeiros e, assim, naturalmente temiam por suas vidas. Disfarçados, eles fugiram de Pequim procurando abrigo na província de Shanxi (Shan-hsi). Eu era um membro de sua comitiva.

Ninguém estava preparado para a jornada. Partimos tão repentinamente e sob condições tão emergenciais que não se teve tempo para preparar as provisões para a viagem. Não tínhamos nenhum alimento. Não tínhamos também cavalos ou dinheiro. Como vocês podem imaginar, a situação era particularmente difícil para a família imperial. Não somente nunca experimentaram a fome, mas cada capricho de seu apetite era sempre satisfeito com as iguarias mais finas. E, é claro, nunca tiveram que andar para lugar algum. Palanques fechados e carruagens sempre mantinham seus pés a uma boa distancia do chão. E, então, eis que estavam lá... tentando se passar por cidadãos comuns!

No primeiro dia andamos e andamos, e nossa fome cresceu cada vez mais, mas as cocheiras e cozinhas imperiais eram apenas uma memória irritante. Finalmente, exauridos e famintos, esmolamos por comida; e um camponês nos deu batatas doces, vinhas e folhas, provisões que eram normalmente reservadas aos porcos. Bem, o Imperador, que era completamente frágil e mimado, nunca havia comido alimento de porco anteriormente, mas, por estar tão faminto, verdadeiramente pensou que a vinha e as folhas eram deliciosas. “O que é está comida excelente?”, ele perguntou, e certamente se surpreendeu ao saber sua identidade. “Mais, mais”, disse ele, e comeu tudo com muito prazer. Não pudemos nos alongar nessa refeição camponesa, pois, infelizmente, estávamos escapando de oito exércitos diferentes. Tínhamos que comer e fugir, como se diz. Apressadamente, andamos.

Assim, lá estava o poderoso Imperador da China, que previamente era carregado para todos os lugares e que nunca havia comido senão os pratos com iguarias as mais finas, correndo pelas estradas e comendo comida de animais. Suponho que vocês poderiam dizer que ele estava ficando em forma... mentalmente também, pois ele perdeu todo o ar imperial e parecia ter sucesso na simplicidade e humildade da situação.

Mas o que motivou o Imperador a correr tão rapidamente e desfrutar de alimento tão simples? E por que ele descartou seu comportamento imperial? Eu

direi a vocês: oito exércitos estrangeiros queriam matá-lo, e ele sabia disso. Ele estava correndo por causa de sua vida e, repentinamente, desenvolveu um senso bastante apurado sobre o que era importante para esse esforço e o que não era.

Mais tarde, quando a paz foi restaurada, os estrangeiros foram embora, e o Imperador e a Imperatriz puderam retornar, finalmente, a Pequim, ele voltou ao seu comportamento antigo. Ele se tornou o senhor supremo e poderoso novamente. Quando sentia a mais leve sensação de fome ele se enchia de iguarias e, é claro, nunca teve que andar novamente. Quando estava fugindo para evitar ser morto, ele era feito de aço. Mas agora, novamente, ele era frágil e mimado.

Se ele tivesse aplicado a mesma determinação em fugir dos inimigos do seu espírito, como mostrou quando fugiu dos inimigos da sua carne, haveria alguma coisa no mundo que não pudesse conquistar? Todos sabem o que aconteceu com a Dinastia Manchu.

Caros amigos, os demônios da preguiça, do orgulho e da gula nunca negociam a paz. Sempre estão em guerra. Somente uma determinação feroz pode subjugá-los. E mesmo subjugados, eles repousam e esperam que enfraqueçamos em nossa resolução, quando, podem estar certos, eles reaparecerão de imediato.

Determinação e capacidade. São indispensáveis. Nunca se tornem escravos da conveniência e do conforto. Aprendam a se adaptar a quaisquer situações em que se encontrarem. Dêem boas vindas às dificuldades mais do que às facilidades. As dificuldades apresentarão a vocês desafios... e é na superação desses obstáculos que vocês desenvolverão o caráter e a habilidade. Os desafios são nossos maiores mestres.

Não tenham medo de fracassar. Simplesmente tentem e tentem novamente. Há um provérbio antigo que vale a pena ser lembrado: o bom julgamento vem da experiência e a experiência vem do mau julgamento.

Se vocês não deixarem que os fracassos os vençam, eles se tornarão a fundação sobre a qual seu sucesso seguramente repousará. Deixe-me contar a história de um homem simples que adquiriu um nome pouco usual: “Mestre Imperial Calças de Dragão”.

Certa vez – na verdade, na última metade do século XVI - havia um

homem pobre e sem educação que desejava devotadamente se iluminar. Ele se via como alguém por demais desprezível e sem valor para se tornar um monge buddhista, mas, mesmo assim, foi a um mosteiro e pediu permissão para trabalhar nos seus campos. A cada dia esse homem simples alegremente trabalhava do amanhecer ao anoitecer. Ele era tímido demais para se aproximar e dirigir alguma pergunta para qualquer um. Simplesmente esperava que, observando os monges, pudesse descobrir um método pelo qual pudesse alcançar a Iluminação.

Um dia, um monge veio visitar o mosteiro. Este monge havia atingido um ponto muito baixo em sua vida espiritual e viajava de mosteiro a mosteiro tentando encontrar um modo de renovar a sua fé. Ele notou o homem que trabalhava tão alegremente nos campos e ficou maravilhado com o entusiasmo pelo trabalho duro. Por que aquele homem desfrutava tanto da vida? Qual seria o seu segredo?

E, assim, o monge foi até o homem e com humildade e admiração perguntou: “Senhor, o senhor poderia ser gentil o bastante para dizer o seu método? Que prática o senhor segue?”

“Eu não tenho nenhuma prática”, disse o homem, “mas certamente gostaria de aprender alguma. Venerável mestre, o senhor seria gentil o bastante para me dar alguma pequena instrução?”

O monge visitante viu a sinceridade e a humildade do homem e ficou tocado por ela. “Você fez por mim o que muitos mestres não fizeram”, ele disse. E estando verdadeiramente inspirado, ele renovou o seu voto e sua determinação para atingir a iluminação exatamente naquele lugar. Então, ele disse ao homem: “Embora nenhuma instrução que eu possa dar a você possa ser tão valiosa como a instrução que você deu a mim pelo seu próprio exemplo, terei prazer em oferecer qualquer conselho que puder. Sugiro, bom senhor, que se esforce em compreender o Hua t’ou “Amitābha! Quem é este que agora repete o nome do Buddha?”

Enquanto trabalhava, por todo o dia, ele ponderava sobre esse Hua t’ou. Então, quando o inverno chegou e não havia mais trabalho no campo para ser feito, ele se retirou para uma caverna na montanha e continuou a trabalhar sobre esse Hua t’ou. Ele construiu uma cama de agulhas de um pinheiro perfumado. Como alimento, colhia nozes do pinheiro e cavava raízes da terra. Do barro, ele

fez um pote e, após queimá-lo no fogo, foi capaz de ferver a neve para fazer chá e sopa.

Perto de sua caverna na montanha, havia uma pequena vila e à medida que o inverno avançava, as pessoas começaram a não ter mais comida e começaram a vir até ele pedindo comida. Ele deu a elas o que tinha e mostrou onde estavam os melhores pinheiros e raízes, mas muitos deles estavam fracos demais para buscar alimentos. Pior ainda, em sua fome, todos eles se tornaram avarentos, egoístas e não cooperativos.

O homem sabia o que fazer. Ele fez um grande pote de barro e levou para o centro do vilarejo. Então, encheu o pote de neve e acendeu o fogo abaixo dele. Naturalmente, todos os moradores vieram ver o que ele estava fazendo. “Hoje”, ele anunciou, “ensinarei a vocês como fazer sopa de pedra”. Todos riram. Não era possível fazer sopa de pedras. Mas o homem selecionou várias pedras da montanha e depois de lavá-las cuidadosamente jogou-as no pote. Então, do bolso de seu casaco surrado, ele tirou algumas nozes de pinheiro e algumas raízes secas.

Um dos moradores disse: “Você precisará de algum sal para essa sopa”. “Ah!”, disse o homem, “eu não tenho sal”. “Eu tenho”, disse o morador. E correu à sua casa para pegar. Outro morador disse: “Ei! Acabo de me lembrar de que tenho um repolho velho no meu porão. Você gostaria de inclui-lo na sua sopa?” “Claro”, disse o homem, “seria maravilhoso!” E aquele morador correu para pegar o velho repolho em sua casa. Outro morador ofereceu duas cenouras murchas enquanto um outro se lembrou de uma cebola que estava guardada. Alguns punhados de arroz vieram de vários moradores. Mais alguns vegetais velhos, um pouco de aipo selvagem, uma pitada de pimenta e, então, para o deleite de todos, um delicioso cheiro de sopa preencheu o ar. As pessoas trouxeram suas tigelas e comeram com tanta alegria! Havia sopa o bastante para todos. “Que sujeito esperto”, todos concordaram, “ele foi capaz de fazer uma ótima sopa de pedras”.

Eles agradeceram ao homem pela sua receita, seus ingredientes principais tendo sido o amor e a generosidade. Mais uma vez, o homem retornou para sua caverna e continuou a trabalhar sobre o Hua t’ou “Amitābha! Quem é que agora repete o nome do Buddha?”

Ele se tornou famoso por ser um tipo de “chefe da sopa de pedras”; e

quando sua mãe e irmã ouviram sobre esse poder maravilhoso, elas vieram visitá-lo trazendo como oferta um rolo de fina seda. Mas, quando entraram na caverna, ele estava em profundo samādhi e nem respondeu às suas observações lisonjeiras nem agradeceu o presente. Desapontadas e com raiva, sua mãe e irmã deixaram o rolo encostado na parede e partiram.

Por treze anos ele viveu na caverna e ao final desse tempo, sua mãe morreu e sua irmã veio sozinha chamá-lo. Ela estava agitada e deprimida e sentia que sua vida não tinha um significado verdadeiro.

Quando ela entrou na caverna, ficou surpresa de notar que o rolo de seda continuava encostado na parede, exatamente como ela o havia deixado. “Que poder secreto te faz ser tão independente das coisas do mundo?”, sua irmã perguntou. “Não tenho nenhum poder secreto”, ele disse, “eu me esforço por viver a vida da natureza de Buddha. Eu me esforço por viver o Dharma”.

Isso para ela não pareceu ser exatamente uma resposta e, então, ela se levantou para sair. “Leve este rolo de seda com você”, ele disse, “e tome também algo que é de muito mais valor”. E deu a ela a preciosa instrução sobre o Hua t’ou. A cada dia, da manhã até a noite, diga a você mesma: “Amitābha! Quem está repetindo o nome do Buddha?”

O Hua t’ou imediatamente capturou a sua atenção. Mesmo antes de partir, ela começou a ter um progresso espiritual a partir dele. Seus pensamentos, ao invés de dispersos e agitados, repentinamente se assentaram a fim de focar no Hua t’ou. Ao invés de ficar deprimida e sem objetivo, ela se tornou ativamente envolvida em solucionar o problema. Ela estava se concentrando para além de seus problemas.

O homem, vendo como este método fascinou e deleitou tanto a sua irmã, compreendeu que era tempo de retornar para o mundo e tentar ajudar as pessoas. Ele retornou ao mosteiro em que primeiro trabalhou nos campos, e recebeu a ordenação no Dharma. Mas ele se recusou a viver no mosteiro. Ao contrário, seguiu para Xiamen (Amoy), uma cidade ao sul da província de Fujian (Fu-chien), onde construiu uma cabana junto à estrada. Todos os dias ele colhia raízes, vegetais selvagens e preparava um chá que oferecia, sem cobrar, para peregrinos e viajantes.

Sempre que alguém buscava seus conselhos sobre assuntos espirituais,

repetia o conselho dado a ele pelo monge visitante: ele recomendava o Hua t'ou! Então, durante o reino do Imperador Wan Li, a Imperatriz-Mãe morreu e o Imperador, tomado de pesar, planejou uma magnífica cerimônia funerária que estivesse à altura de sua memória. Mas qual sacerdote seria digno de conduzir a cerimônia? Isso era um problema! Há um velho provérbio que diz: "Familiaridade faz nascer o desprezo". E o Imperador evidentemente conhecia bem demais os sacerdotes buddhistas da capital. Ele julgou que nenhum deles era suficientemente santo para conduzir tal cerimônia sagrada.

Dia após dia, ele se debateu com o problema de encontrar um sacerdote apropriado e, então, uma noite, em um sonho, sua mãe lhe falou: "No município de Chang Zhou, na província de Fujian", ela disse, "há um monge que está qualificado para dirigir meu serviço funerário". E não deu nenhuma outra informação.

Imediatamente, o Imperador enviou funcionários do governo para a província de Fujian, a fim de buscar os monges mais santos. Os funcionários, não sabendo, então, julgar a santidade mais do que sabem agora, simplesmente escolheram os monges mais eminentes que puderam achar. Esses monges ficaram muito contentes em ser selecionados para tal honra e, naturalmente, os funcionários ficaram satisfeitos em terem completado a sua tarefa. E, assim, um grande grupo de felizes funcionários e felizes monges começou a voltar para a capital. No caminho eles pararam na cabana do monge para um chá.

"Veneráveis mestres", disse o monge, "digam-me a razão por todos estarem tão felizes". Um dos sacerdotes eminentes não pôde deixar de se elogiar: "Estamos a caminho da capital para conduzir os serviços funerários da Imperatriz-Mãe". Isso não parecia uma ocasião de alegria para o monge. Ele respeitava o Imperador e a Imperatriz-Mãe, e ambos eram buddhistas devotos. "Gostaria de ajudá-los", disse ele, "eu poderia acompanhá-los à capital?" Todos os funcionários e sacerdotes riram dele por ser um camarada tão rude. Então, o orgulhoso sacerdote perguntou incredulamente: "Você, de fato, tem esperança de que possa nos ajudar a conduzir as cerimônias?" "Ó, não!", disse o monge, "gostaria simplesmente de carregar a sua bagagem". "Isso é melhor", disse o sacerdote; "muito bem, você pode vir como nosso carregador".

Enquanto isso, o Imperador criou um teste para determinar qual dos sacerdotes, dentre os muitos dos que foram convocados, seria digno de liderar a

cerimônia. Ele tinha o Sūtra do Diamante esculpido em pedra e quando ouviu que os funcionários e sacerdotes estavam se aproximando do palácio, ele fez com que a pedra fosse colocada na soleira do portão do palácio.

Para tristeza do Imperador, ele observou, um a um, os funcionários e sacerdotes andando por cima da pedra, conversando uns com os outros sobre diferentes coisas que fariam para tornar a cerimônia mais impressionante.

O monge carregador foi o último a se aproximar da pedra. Quando ele a viu, mesmo não sendo capaz de ler, percebeu que aquilo era uma escrita sagrada. Ele parou e perguntou a um dos sacerdotes: “O que dizem esses caracteres?”

O sacerdote virou, olhou para baixo, e respondeu: “Por que quer saber? Ora, isso é o Sūtra do Diamante”, disse ele, surpreso. Mas se manteve andando e conversando com os outros. O monge, entretanto, não cruzou a soleira. Ao contrário, ele se ajoelhou diante da pedra e permaneceu do lado de fora do palácio.

O Imperador observou tudo isso e ordenou que o monge entrasse. “Senhor”, disse o monge, “sinto desobedecê-lo, mas não posso desonrar as palavras sagradas andando por cima delas”. “Se você estivesse lendo o sūtra, você o seguraria em suas mãos sem desonrá-lo, não seguraria?”, perguntou o Imperador. “Sim, se eu pudesse ler, senhor, eu não estaria desonrando as palavras segurando-as em minhas mãos”. O Imperador sorriu. “Então, cruze a soleira andando sobre suas mãos!”. E, assim, o monge deu uma cambalhota e entrou no palácio com somente suas mãos tendo tocado a pedra.

O Imperador, então, decretou que esse humilde monge deveria liderar a cerimônia funerária. Mas quando o Imperador perguntou ao monge como ele pretendia proceder, o monge simplesmente replicou: “Conduzirei a cerimônia amanhã de manhã. Precisarei de um pequeno altar, uma bandeira processional, algum incenso, velas e frutas para a oferenda”.

Isso não era a grande cerimônia que o Imperador tinha em mente. Assim, instigado pelas palavras dos monges eminentes, ele começou a duvidar de sua decisão de permitir que o monge conduzisse os serviços. Imediatamente, ele desenvolveu outro teste. Ordenou que duas de suas mais belas e experientes concubinas fossem até os aposentos do monge e o ajudassem nas abluções para a cerimônia.

Naquele tarde, pelo comando imperial, essas duas mulheres vieram até o monge e começaram a banhá-lo e a massageá-lo, mas apesar de usarem dos ungüentos e perfumes mais sensuais e de terem feito de tudo para estimulá-lo sexualmente, ele permaneceu intocado por seus esforços. Quando terminaram, ele polidamente agradeceu pela generosa ajuda e deu a elas boa noite. As mulheres relataram isso ao Imperador que ficou muito aliviado. Ele ordenou que a cerimônia fosse feita de acordo com os desígnios do monge.

Durante a cerimônia, o monge foi até o caixão da Imperatriz-Mãe e disse: “Veja-me, cara senhora, como a sua face original. Saiba que, na realidade, não há dois de nós, mas apenas um. Apesar de não haver ninguém para liderar e ninguém para seguir, por favor, aceite minha direção e dê um passo adiante para entrar no paraíso”.

O Imperador ouviu isso e, mais uma vez, ficou desapontado pela simplicidade da cerimônia. “Isso é suficiente para libertar sua majestade, a Imperatriz-Mãe?”, ele perguntou. Mas antes que o monge pudesse responder, a voz da Imperatriz-Mãe, parecendo um pouco irritada, ressoou por todo o palácio. “Estou libertada, meu filho! Incline sua cabeça e agradeça a esse mestre santo!”

O Imperador estava chocado, mas tão feliz em ouvir a voz de sua mãe que brilhou de alegria! Imediatamente, ordenou um banquete em homenagem ao monge. No banquete, algo estranho ocorreu. O Imperador apareceu em roupas magnificentes e quando o monge viu as calças do Imperador, que tinham ricos bordados com dragões celestes dourados, ele ficou surpreso pela sua beleza. O Imperador o viu contemplando as suas calças e disse: “Ó Virtuoso! Gostas destas calças?” “Sim, senhor”, respondeu o monge, “acho que são muito brilhantes e belas; elas brilham como lâmpadas!” “E são boas para que as pessoas te sigam”, disse o Imperador. E naquele momento exato tirou suas calças e as deu ao monge! Daí o monge ser conhecido como o “Mestre Imperial Calças De Dragão”.

Eu contei a vocês essa maravilhosa história porque queria que sempre se lembrassem dessas Calças de Dragão e do monge perseverante que as recebeu.

Caros amigos, imaginem que vocês também estão vestindo essas calças brilhantes, e sejam uma lâmpada para os pés dos outros, uma luz brilhante que eles possam seguir. Lembrem-se sempre que, do mesmo modo que aquele monge rapidamente percebeu as calças do Imperador, os outros estarão

percebendo vocês. Não caiam na tentação ou na distração. Mantenham sempre seu Hua t’ou em sua mente. Nunca se afastem dele. Ele se tornará uma fonte para a sua sabedoria. E assim como vocês sempre deveriam ajudar os outros, também nunca se permitam ficar paralisados diante de uma situação.

Lembrem-se: motivo, meios e oportunidade. Mantenham sua motivação! Busquem os meios de iluminação! Encontrem a oportunidade para praticar! E, então, quando alguém perguntar quem é o responsável pelo sucesso no Ch’an, vocês poderão dizer: “Eu sou!”

CAPÍTULO IX: A Transmissão Sem Palavras

Permaneça com o Ch’an! Este é o modo mais eficiente de atingir a iluminação. Não se permita ser tentado a adotar outros métodos. Mesmo Yongjia (Yung-chia) admitiu ter perdido muito tempo filosofando intelectualmente, antes de tentar o método Ch’an com o patriarca Huineng. “Em minha juventude”, ele disse, “estudei os sūtras, os śāstras e os comentários, tentando, interminavelmente, discriminar entre o nome e a forma. Foi como se tivesse tentado contar os grãos de areia do oceano. Esqueci da questão do Buddha, ‘o homem que conta as jóias de outro homem fica mais rico?’”

O método Ch’an é verdadeiramente como a espada do Rei do Vajra. Com uma pancada, ela pode cortar a ilusão e alcançar o estado de Buddha. Sempre que penso sobre os anos de prática que freqüentemente precedem a experiência momentânea da iluminação, penso no mestre Ch’an Shen Zan. Todos nós podemos aprender muito com ele. Shen Zan teve um mestre que, infelizmente, não era iluminado. Alguém não pode dar aquilo que não tem e, assim, com as mãos vazias, Shen Zan deixou seu velho mestre para ir estudar com o mestre Bai Zhang (Pai-chang). Agora sob a orientação do mestre Bai Zhang, Shen Zan atingiu a iluminação e, então, com grande respeito, foi, de volta, visitar seu velho mestre.

O velho homem perguntou: “O que você aprendeu depois de me deixar?” E porque ele era iluminado, Shen Zan foi capaz de responder gentilmente: “Nada, absolutamente nada”. Para o velho homem, essa foi uma notícia amarga e doce. Ele sentia por seu estudante não ter aprendido nada, mas estava contente por tê-lo de volta. “Se você quiser, pode ficar aqui”, ele disse. Assim, Shen Zan permaneceu e serviu seu velho mestre.

Um dia, enquanto tomava banho, o velho homem pediu a Shen Zan para escovar as suas costas que estavam muito sujas. Quando Shen Zan começou a esfregar, ele disse: “Que janelas de cristal engraçadas, em seu Hall do Buddha!” Seu mestre não entendeu o que ele queria dizer. “Por favor, explique-me o que disse?”, ele pediu. Enquanto Shen Zan continuava a esfregar a sujeira, ele disse: “Embora você não possa ver, sua natureza de Buddha envia raios tão iluminadores”. Essa resposta intrigou o mestre.

Alguns dias mais tarde, quando o velho mestre se assentou perto de uma janela de papel encerado, estudando um sūtra, uma abelha começou a zunir pela sala e, atraída pela luz de fora, continuamente batia na janela de papel, tentando sair da sala. Shen Zan notou a abelha frustrada e disse: “Então você quer sair e entrar na infinitude do espaço. Bem, você não o conseguirá querendo penetrar num velho papel...” Então, disse simplesmente: “A porta permanece aberta, mas a abelha se recusa a passar por ela. Veja como ela bate sua cabeça contra a janela fechada. Tola abelha! Quando entenderá que o caminho está bloqueado por papel?”

Então, um vislumbre de luz começou a penetrar na mente do mestre. Ele percebeu os significados mais profundos das palavras de Shen Zan. Com malícia, ele perguntou: “Você ficou fora por um longo tempo. Você tem certeza de que não aprendeu nada enquanto estava fora?” Shen Zan riu e confessou: “Depois de tê-lo deixado, estudei com o mestre Bai Zhang. Com ele aprendi como parar minha mente discriminadora, cessar os julgamentos, transcender o mundo do ego. Através dele atingi o Santo Fruto da iluminação”.

Então, quando o velho mestre ouviu essa notícia maravilhosa, reuniu todos os monges e ordenou que um banquete fosse preparado em honra de Shen Zan. Ele estava tão feliz! “Por favor, permita que seu velho mestre se torne seu estudante”, pediu a Shen Zan. “Por favor, explique-me o Dharma... especialmente aquilo sobre banhos e abelhas”.

Shen Zan sorriu. “Sua natureza de Buddha brilha dentro de você, mesmo quando não pode vê-la por si mesmo. Ela é sempre pura e nenhuma quantidade de sujeira jamais poderá sujá-la. Também seus olhos estão sempre voltados para fora, fixados em páginas impressas; mas o Infinito não pode ser capturado em palavras. Os livros apenas nos engajam em debates. Se você quer ser livre da ilusão deve olhar para dentro. O Caminho para o Infinito está do outro lado de sua visão. Olhe para dentro, para ver sua natureza de Buddha brilhando!”

Repentinamente o velho mestre entendeu! Repentinamente ele viu sua própria natureza de Buddha! Ele ficou tão excitado que declarou que Shen Zan seria o abade do mosteiro. “Quem teria acreditado que, na minha velhice, eu finalmente conseguiria”, ele gritou!

Mas isso é o que é tão bom a respeito do Momento Eterno, não é? Pule para fora do tempo somente uma vez e todos os anos que você gastou na

ignorância e no sofrimento recuam na incerteza ou se tornam vagos. Passam a ser algo somente para você se lembrar. Seu velho e pequeno ego se foi, e todos os antigos inimigos, amigos, parentes, e todas as suas antigas experiências, amargas ou doces, perdem seu poder. São como um *show* de cinema, crível enquanto estamos no cinema, mas não quando voltamos à luz do dia. A Realidade dispersou a ilusão.

No Nirvāṇa, você não é jovem nem velho. Você apenas é. E quem você é? Isso é fácil. O Buddha.

CAPÍTULO X: O Leigo Pang

Algumas vezes as pessoas comuns têm uma idéia de que o significado do Ch'an é tão profundo que somente homens e mulheres que foram ordenados no Dharma podem conseguir compreendê-lo. Mas, simplesmente, isto não é assim. De fato, nós, monges, sentimos freqüentemente que isso está para além de nossa compreensão. E, aqui e ali, enquanto andamos a esmo, tentando parecer bons nos nossos uniformes, vem um cidadão que passa voando por nós, nadando como se fosse um campeão olímpico. Tal cidadão foi o Leigo Pang (P'ang). Ele teria ganhado uma medalha de ouro do Ch'an. Ele foi um herói. Não somente em relação a outros leigos, mas também, eu confesso, em relação a cada monge que já tenha estudado o seu estilo campeão.

O Leigo Pang viveu durante a última metade do século VIII, uma idade dourada para o Ch'an. Ele era um educado homem de família - tinha uma esposa, um filho e uma filha - e vivia bem financeiramente, a ponto de devotar seu tempo aos estudos buddhistas.

Ele pensava que uma pessoa necessitava de solitude a fim de meditar e ponderar sobre o Dharma, de modo que construiu um mosteiro de um quarto, perto da casa de sua família. Todos os dias ele ia lá para estudar e praticar.

Sua esposa, filho e filha, também estudavam o Dharma; mas eles ficavam na casa da família, conduzindo os negócios e fazendo suas tarefas, incorporando o Buddhismo em suas vidas diárias.

O Leigo Pang mergulhou nos suttas e, um dia, também descobriu que sua capacidade estava aquém do necessário para entendê-los. Ele ainda não havia aprendido a nadar. Naquele dia ele enfureceu-se na sua cabana-mosteiro e, em completa frustração, reclamou para sua mulher: "Difícil! Difícil! Difícil! Tentar entender tantos fatos é como tentar guardar sementes de gergelim nas folhas do topo de uma árvore!"

Sua esposa respondeu: "Fácil! Fácil! Fácil! Você tem estudado as palavras, mas eu estudo a grama e descubro a natureza de Buddha refletida em cada gota de orvalho".

Mas a filha do Leigo Pang, Ling Zhao, estava ouvindo aquela discussão verbal e veio nadando também. “Duas pessoas idosas tolamente discutindo”, ela falou.

“Espere um minuto!”, gritou o Leigo Pang, “se você é tão esperta, diga-nos o seu método”.

Ling Zhao gentilmente disse aos seus pais: “Não é difícil e não é fácil. Quando estou com fome, eu como. Quando estou cansada, eu durmo”. Ling Zhao havia adquirido a maestria do Ch’an natural.

O Leigo Pang aprendeu muito naquele dia. Ele entendeu tanto que colocou de lado seus livros, trancou sua pequena cabana-mosteiro e decidiu visitar diferentes mestres Ch’an para testar a sua compreensão. Ele ainda não podia competir com a sua própria filha, mas estava ficando bom nisso. Mais cedo ou mais tarde, ele acabou chegando na montanha Nan Yueh, onde o mestre Shi Tou (Shih-t’ou) tinha um retiro monástico. O Leigo Pang foi diretamente ao mestre e perguntou: “Onde posso encontrar um homem não apegado às coisas materiais?” O mestre Shi Tou, vagarosamente, levantou sua mão e fechou a boca de Pang. Nesse gesto único, o Ch’an de Pang realmente se aprofundou. Ele ficou em Nan Yueh por muitos meses.

Todos os monges o estavam observando e ficaram muito curiosos sobre seu Ch’an Natural, sua perfeita equanimidade. Mesmo o mestre Shi Tou ficou estimulado a perguntar qual era o seu segredo. “Todos se maravilham com seus métodos”, disse Shi Tou. “Diga-me, você tem algum poder especial?”

O Leigo Pang simplesmente sorriu e disse: “Não, nenhum poder especial. Meu dia é preenchido com atividades humildes e simplesmente mantenho minha mente em harmonia com minhas tarefas. Aceito o que vem, sem desejo ou aversão. Quando encontro outras pessoas, mantenho uma atitude não crítica, nunca admirando, nunca condenando. Para mim, vermelho é vermelho e não carmesim ou escarlate. Assim, que método maravilhoso eu uso? Bem, quando corto madeira, corto madeira, e quando carrego água, carrego água”.

Mestre Shi Tou, certamente, ficou impressionado com essa resposta. Ele queria que Pang se juntasse à sua Sangha. “Um homem como você não poderia permanecer um leigo”, disse Shi Tou. “Por que você não raspa sua cabeça e se torna um monge?”

A proposição marcou o fim da jornada de Pang com Shi Tou. Claramente, ele não poderia aprender nada mais desse mestre. Pang respondeu com uma simples frase: “Eu farei o que farei”. E o que ele fez foi ir embora.

Em seguida, ele apareceu na entrada do mosteiro do formidável mestre Ma Zu (Ma-tsu). Mais uma vez, ele perguntou ao mestre: “Onde posso encontrar um homem não apegado às coisas materiais?” Ma Zu franziu as sobrancelhas e replicou: “Eu lhe direi quando você tiver engolido o Rio Ocidental em um só gole”. Compreendendo esta única frase, Pang foi capaz de completar sua iluminação. Ele viu que a Mente Não-Crítica não era suficiente. Sua mente tinha que se tornar tão imensa como a Mente de Buddha; ela teria que abraçar todo o Saṁsāra e o Nirvāṇa, expandindo-se no Vazio da Infinitude. Tal mente poderia engolir o Pacífico.

O Leigo Pang ficou com o mestre Ma Zu até ter descoberto, um dia, que não tinha mais nada a aprender com ele também . Nessa ocasião, Pang se aproximou de Ma Zu e, posicionando-se ao seu lado, disse: “Uma pessoa iluminada lhe pede para que olhe para cima”. Ma Zu, deliberadamente, olhou direto para baixo. O Leigo Pang suspirou: “Quão belamente você toca o instrumento sem cordas!”

Nessa ocasião, Ma Zu confirmou que não havia diferença entre os seres humanos, que eles eram verdadeiramente um e o mesmo indivíduo. Quando Pang olhou para baixo, Ma Zu olhou para baixo. Não havia mais ninguém para olhar para cima. Mas, então, de forma incompreensível, Ma Zu olhou para cima, e quebrou o encanto, por assim dizer. Então, o Leigo Pang se curvou e permaneceu naquela postura, enquanto Ma Zu se levantou e começou a andar para longe. Quando o Mestre passava por ele, o Leigo sussurrou: “Trabalhou mal, não foi?... Tentando ser esperto”.

O Leigo Pang atingiu a maestria, e todos os mestres que ele encontrou reconheceram isto. Mas o que era evidente para um mestre nem sempre era evidente para um monge comum. Num dia de inverno, quando Pang estava deixando o mosteiro do mestre Yaoshan (Yao-shan), alguns jovens monges, os quais desrespeitavam o seu *status* de mero leigo, o acompanharam até a porta da frente. Quando Pang olhou para fora ele viu que estava nevando. “Boa neve!”, ele disse. “Os flocos não caem em outros lugares”. Um monge chamado Quan, que era tão atrevido quanto estúpido, não entendeu, de modo algum, a esperteza

da observação de Pang. Ele ridicularizou o Leigo, perguntando sarcasticamente: “Onde você esperava que os flocos caíssem?”

Ora, Pang estava cumprimentando, de boa vontade, a neve por não cair na cozinha ou no hall de meditação, isto é, por cair onde deveria cair - no pátio e nos campos, sobre as árvores e na estrada. Pang sabia que ele precisaria andar uma longa distância naquela neve extremamente fria e aceitou esse fato sem sofrimento.

Mas Pang não tinha somente a sabedoria de um mestre, tinha também o temperamento de um. Quando viu o olhar de desprezo na face do jovem monge, ele bateu nele. “Como você ousa!”, disse o monge. “E você é um monge ordenado?”, perguntou Pang, incredulamente. “Você seria rejeitado nos portões do Inferno!” “O que exatamente você quer dizer com isso?”, exigiu o monge. Pang bateu nele de novo. “Quero dizer que, apesar de você ter olhos, ouvidos e língua, você é absolutamente cego, surdo e mudo”. Então, calmamente, seguiu em direção à neve como se estivesse à luz do sol. Ele havia dado ao monge uma boa lição.

Mas, usualmente, ele era muito bondoso e paciente com aqueles que ele instruía. Certo dia, enquanto ouvia um homem que estava tentando explicar o Sūtra do Diamante, ele percebeu que o sujeito estava se esforçando para explicar o significado de uma linha que lidava com a não-existência da personalidade egóica. “Talvez eu possa ajudá-lo”, Pang disse. “Você entende que aquilo que é condicionado e mutável não é real, e aquilo que é incondicionado e é imutável é real?” Sim, respondeu o comentador. “Então, não é verdade que os egos são condicionados e mutáveis, que nenhum ego é o mesmo de um minuto para o seguinte? Não é verdade que, com cada minuto que passa, dependendo das circunstâncias e condições, adquirimos novas informações e novas experiências, enquanto esquecemos as informações e experiências antigas? “Sim”, concordou o comentador. “Mas, o que há em nós que é incondicionado e imutável?”, perguntou Pang. “Nossa natureza de Buddha em comum”, replicou o comentador, sorrindo repentinamente, entendendo repentinamente. “Somente isso é real! O resto é mera ilusão!” Ele ficou tão feliz que inspirou Pang a escrever um poema para ele: Desde que não há ego ou personalidade, quem está distante e quem está perto? Aceite o meu conselho e pare de falar sobre a realidade. Experiencie-a diretamente por si mesmo. A natureza da Sabedoria do Diamante é a verdade em toda sua pureza singular. Egos fictícios não podem

dividi-lo ou sujá-lo. As expressões, “eu ouço”, “eu creio”, “eu entendo”, são simples expressões expedientes e instrumentais nas mãos do cortador do diamante. Quando o trabalho foi feito, ele as coloca de lado.

O leigo Pang e sua filha Ling Zhao viajaram pela China, conseguindo pagar suas despesas vendendo artigos de bambu que faziam. Eles envelheceram juntos, tornando-se lendas de iluminação. Sua última residência foi uma caverna na montanha.

Pang sabia que havia chegado o momento de colocar de lado o seu fardo. Ele estava muito cansado e não podia continuar. Dentro da caverna havia uma pedra em particular onde ele sempre se sentava quando meditava; então, ele tomou seu assento e com a intenção de morrer quando o sol estivesse diretamente sobre sua cabeça, ele mandou Ling Zhao para fora a fim de observar o momento em que o meio dia chegasse. Em alguns momentos, entretanto, Ling Zhao retornou para a caverna, sem respiração de tanto excitamento. “Ó, Pai”, ela gritou, “você deve vir para fora e ver isto. Há um eclipse do sol!”

Bem, isto era uma ocorrência extraordinária, realmente. Pang não podia resistir a observar. Assim, ele se levantou de sua pedra de meditação e foi para fora. E olhou, e olhou, mas não havia eclipse. O meio dia chegou e era tudo. Mas onde estava Ling Zhao? Pang retornou para a caverna e a encontrou morta, seu corpo sentado ereto sobre sua pedra de meditação. “Ah, essa garota”, chorou Pang, “sempre na minha frente”.

Ele a enterrou e, então, uma semana mais tarde, ele também entrou no Nirvāṇa. Seu corpo foi cremado e as cinzas espalhadas nas águas de um lago próximo.

CAPÍTULO XI: O Dao Imortal

Quarenta e três gerações de mestres Ch’an se passaram desde que o Sexto Patriarca segurou a Lâmpada do Dharma. Quarenta e três gerações de buscadores encontraram o Caminho guiados por essa luz.

Não importa o quão confirmada uma pessoa esteja em outro Caminho, ela pode, mesmo assim, ser guiada pelo Ch’an. Quando a luz do sol aparece através da janela, ela não ilumina apenas algumas partes do quarto, deixando outras na escuridão. Todo o quarto é iluminado pela Verdade do Sol. Assim, qualquer pessoa, não importando qual caminho tenha escolhido, pode receber os benefícios da Lâmpada do Ch’an.

Tome o famoso caso do Imortal do Dao (Tao), Lu Dong Bin. Lu Dong Bin era o mais jovem e o mais indisciplinado de todos os Imortais do Dao. De fato, você poderia dizer que ele era bastante selvagem. Pelo menos, foi assim que começou. Em seus dias mortais ele era chamado Chun Yang, um nativo de Jing Chuan, que viveu no final da dinastia Tang (T’ang). Isso foi a mais de mil anos atrás, mas aqueles dias não eram tão diferentes dos nossos. Se um jovem queria subir na vida, ele precisaria de educação. Em nosso tempo, ele teria que ter um diploma da faculdade. Mas, naqueles dias, eles tinham que passar no temível Exame de Erudição. Se um camarada não pudesse passar nesse exame, deveria, então, começar a pensar seriamente na agricultura.

Bem, Chun Yang tentou três vezes passar no Exame de Erudição e por três vezes fracassou. Ele estava frustrado e deprimido. Sabia que havia deixado sua família deprimida e também não havia feito muito por si mesmo. Era seu próprio futuro profissional que estava comprometido.

Assim, Chun Yang fez o que muitos jovens desesperados fazem, começou a freqüentar as lojas de vinho tentando beber até a morte. O caminho do álcool levou Chun Yang na mesma direção a que leva qualquer um: diretamente para baixo. Como o velho ditado diz: primeiro Shun Yung estava bebendo o vinho, então, o vinho estava bebendo o vinho, e, então, o vinho estava bebendo o Shun Yung. Ele estava numa péssima forma no momento em que o Imortal do Dao, Zhong Li Quan encontrou-o em um desses salões.

O Imortal do Dao interessou-se pelo jovem. “Ao invés de tentar encurtar sua vida com vinho”, ele disse, “por que não tentar alongar sua vida com o Dao?” Ao invés de uma vida curta e miserável, Zhong Li Quan ofereceu a Chun Yang uma vida longa e feliz. Parecia um bom negócio. Chun Yang poderia não ter tido aquilo que queria como burocrata do governo, mas certamente tinha tudo aquilo que era necessário para tentar a alquimia espiritual.

Chun Yang nada tinha a fazer com seu tempo, de modo que tinha amplas oportunidades de praticar. Também tinha muita motivação. Suponho que ele tinha se tornado consciente de quão baixo tinha ido, de que tinha atingido o ponto mais baixo, por assim dizer. Quando uma pessoa compreende que nada tem a perder se olhar a vida sob um outro ponto de vista, ela se torna mais aberta a novas idéias.

Assim Chun Yang tinha a motivação e a oportunidade. Somente restava adquirir os meios. E isso era o que Zhong Li Quan estava oferecendo. Ele lhe ensinaria as técnicas necessárias.

Chun Yang dedicou-se de todo coração e alma à maestria daquilo que é chamado de Pequena Órbita Cósmica, uma poderosa prática de yoga que usa a energia sexual para transmutar as impurezas da natureza humana no Ouro da Imortalidade. Ele se tornou tão bom nisso que podia se tornar invisível ou aparecer em dois lugares ao mesmo tempo... Isso era muito bom.

Certo dia, ele decidiu voar até o mosteiro Ch’an de Han Hui, o qual estava situado na montanha Lu Shan. Santos e Imortais podem fazer isso, vocês entendem. São como pilotos sem aeronaves... ou pára-quedas.

Enquanto estava voando, ele viu e ouviu monges buddhistas cantando e trabalhando muito, nas coisas comuns que os monges buddhistas fazem. Assim, para mostrar os seus poderes e ridicularizar os esforços dos monges, ele escreveu um pequeno poema na torre do sino do mosteiro:

Com a Jóia dentro do tesouro de meu Hara,

Cada verdade se torna meu prazer.

Quando o dia se acaba, posso relaxar

Minha mente, sem precisar me importar.

Seu Ch’an sem mente, de propósito carece.

Um tipo de poesia ruim como essa. E aí voou embora. Todos os dias, em que o abade, o mestre Ch’an Huanglong (Huang-lung), olhava para cima, para a torre do sino, ele tinha que ler aquela poesia horrível.

Certo dia, enquanto o anteriormente Chun Yang – que agora era conhecido como o imortal Lu Dong Bin - estava voando ao redor da vizinhança do mosteiro, ele viu uma nuvem púrpura no formato de guarda-chuva sobre o mosteiro. Isso era uma clara indicação de que algo muito espiritual estava acontecendo. E assim Lu Dong Bin pensou que deveria ir para baixo, para olhar.

Todos os monges estavam se dirigindo para o salão de Dharma, de modo que ele, simplesmente, se disfarçou de monge e os seguiu. Mas ele não podia enganar o velho abade Huanglong.

“Eu acho que não vou expor o Dharma hoje”, murmurou Huanglong. “Parece que temos um ladrão de Dharma em nosso meio”.

Lu Dong Bin deu um passo à frente e, arrogantemente, se curvou diante do mestre. “O senhor seria gentil o bastante”, ele desafiou sarcasticamente, “para me clarear o significado da expressão: ‘um grão de trigo pode conter o universo, e montanhas e rios podem caber numa pequena vasilha de cozinha’”. Lu Dong Bin não acreditava no estado de vacuidade, no estado sem eu. Ele aceitava a opinião incorreta de que o ego, de alguma forma, sobrevive à morte.

Huanglong riu e disse: “Olhe! Um demônio guarda um cadáver!” “Um cadáver?” Lu Dong Bin respondeu. “Ah! Minha abóbora está cheia com o elixir da imortalidade!” “Você pode arrastar seu cadáver por toda a eternidade pelo que me toca”, disse Huanglong. “Mas, por agora, saia daqui!” “Você não pode responder minha questão?”, provocou Lu Dong Bin. “Eu pensei que você tivesse todas as respostas de que necessitasse”, ridicularizou Huanglong. Ele se lembrava do poema.

Lu Dong Bin respondeu com fúria. Ele arremessou sua temível espada, a “Matadora dos Demônios”, em Huanglong; mas o mestre meramente apontou seu dedo para a espada voadora e ela parou no meio do ar, caindo inofensivamente no chão. O Imortal ficou aterrorizado! Ele nunca havia imaginado que um mestre Ch’an pudesse ser tão poderoso. Contrito, ele caiu

sobre seus joelhos, numa amostra de respeito. “Por favor, mestre”, ele disse, “verdadeiramente desejo compreender”.

Huanglong falou suavemente: “Vamos esquecer a segunda parte, sobre a panela de cozinha”, ele disse generosamente. “Ao contrário, vamos nos concentrar sobre a primeira parte. A mesma mente que dá forma a um arranjo de matéria, a que ela dá o nome de ‘um grão de trigo’, é a mesma mente que dá forma a um arranjo de matéria que ela nomeia como ‘universo’. Os conceitos estão na mente. O ‘Ch’an Sem Mente’, como previamente você colocou, de fato, é a pratica de esvaziar a mente dos conceitos, dos julgamentos, das opiniões, do ego”. Então ele acrescentou, lembrando-se provavelmente do poema: “Especialmente do conceito de ego!”

Lu Dong Bin pensou sobre essa resposta até que repentinamente ele compreendeu. Enquanto discriminasse entre ele e os outros, entre o desejável e o indesejável, entre o insignificante e o importante, ele estaria preso ao mundo dos conceitos, ele seria meramente um Árbitro das Ilusões. Ninguém com uma mente sadia gostaria disso! E certamente nenhum Imortal do Dao gostaria de passar sua vida ou mesmo toda a eternidade, optando por mentiras, decidindo quais eram as mais convincentes.

Tomado de alegria, Lu Dong Bin voou até a torre, apagou seu velho poema e o substituiu por outro:

Pensei que havia conquistado minha pequena mente,

Mas era o contrário.

Procurei pelo ouro no mercúrio

Mas a ilusão foi tudo que encontrei

Minha espada despedaçou-se sobre o chão

Quando Huanglong apontou para a lua;

Eu vi a luz, sua verdade penetrou

E me salvou imediatamente.

Infelizmente, a Iluminação não o tornou um poeta melhor.

O ponto, entretanto, é que Lu Dong Bin, apesar de ser um Imortal do Dao, foi capaz de se beneficiar do Ch’an. Ele apreciou tanto as Três Jóias - Buddha, Dharma, Sangha - que, de fato, adquiriu o título de Guardião do Dharma. É claro que não era necessário para ele se converter e chamar a si mesmo de Homem do Ch’an. Toda a lição de sua Iluminação era a de que nomes não têm significado, assim ele continuou sendo um Imortal do Tao. A única diferença é que, agora, porque entendeu tanto, ele se elevou, imediatamente, na graduação dos Imortais e, apesar de ser o mais jovem de todos, se tornou o mais proeminente. Sob sua liderança inspirada, a escola Taoísta do Norte realmente começou a ter sucesso. Lu Dong Bin foi chamado de o Quinto Patriarca do Dao do Norte.

No sul, outro grande Taoísta, Zi Yang, também atingiu a Iluminação lendo os sūtras buddhistas. Ele se tornou conhecido como o Quinto Patriarca do Dao do Sul... mas esta é uma outra história.

CAPÍTULO XII: Moshan

Muitas mulheres se tornaram proeminentes na prática do Ch’an. Muitas adquiriram a maestria, e algumas, de fato, tiveram sucesso naquilo em que eminentes mestres homens falharam.

Tomem o caso da mestra Moshan (Mo-shan). Como muitos mestres, Moshan teve seu nome tirado da montanha onde seu mosteiro estava situado. Ela se tornou muito famosa devido à profundidade de sua compreensão do Ch‘an e à sua habilidade em levar os estudantes à iluminação.

O monge Quan Xi (Kuan-hsi), que mais tarde se tornaria o mestre Ch’an Quan Xi, ouviu falar do sucesso de seus métodos e, após passar alguns anos com nada menos que o mestre Lin Ji (Lin-chi) - anos em que aprendeu muito, mas não foi levado à iluminação, decidiu visitar Moshan para ver se seus métodos podiam ajudá-lo.

Suponha que Quan Xi foi vítima daquele orgulho que contagia muitos estudantes de grandes mestres. Eles pensam que é melhor ser um discípulo não iluminado de um mestre famoso do que um discípulo iluminado de um desconhecido. Alguns sentem da mesma forma quanto ao sexo. Eles supõem que um aluno homem não iluminado é superior a uma mestra iluminada. Poder-se-ia chamar isso de machismo Ch’an.

Seja como for, o monge estudante Quan Xi se apresentou ao mosteiro de Moshan com um ar de arrogância. Ele era um cavalheiro e, de forma condescendente, embora muito atento ao fato de que era um homem superior, praticamente do Ch’an, ele só não se levantou em suas patas e bateu em seu peito, como os macacos machos, mas chegou perto disso.

Quan Xi entrou no salão no momento em que Moshan estava se assentando no seu costumeiro assento de autoridade. Ele deveria ter se prostrado diante dela, como um suplicante, implorando que o aceitasse como estudante, mas ele não podia se humilhar tanto, diante de uma mulher.

Moshan observou-o por um momento e, então, chamou um atendente. “Este camarada é um visitante ou um candidato a aluno?”

Quan Xi falou: “Eu não sou um turista. Eu sou um seguidor do Dharma do Buddha”. “Ah!”, disse Moshan, tentando parecer surpresa. “Você segue o Dharma! Diga-me, como você chegou até aqui?”

“Eu cheguei andando, vindo da estrada principal”.

“Você pensa que deixou o Dharma lá atrás na estrada, de modo que ele não poderia ser seguido ou encontrado aqui?”

Quan Xi não sabia o que dizer. Ele tentou fazer uma meia reverência de joelhos, mais para encobrir sua confusão do que para mostrar seu respeito. Moshan não ficou muito satisfeita com essa arrogância contida. “O Dharmakāya não tem fronteiras para que você possa limitá-lo para se adaptar aos seus preconceitos”, ela disse. “Como o Dharmakāya está por todos os lados, assim também estão as regras, a Lei, o Buddha Dharma. Você deve conformar o seu comportamento aos padrões aceitos. Você deve suprir essa condição”.

Com raiva, Quan Xi se prostrou frente a Moshan, mas quando se levantou ele não pôde deixar de perguntar: “Qual é a condição do superior de Moshan?” Ele estava disputando com ela verbalmente. O que ele queria saber era se ela era iluminada ou não.

Moshan sorriu de sua impertinência. “Qual dos discípulos do Buddha podia ver o seu uṣṇīṣa, a saliência sagrada no topo de sua cabeça?” Ela queria dizer, é claro, que é necessário ser para conhecer; e que se Quan Xi não podia ver que ela era iluminada é porque ele mesmo não o era.

“Onde posso encontrar o homem que toma conta de Moshan?”, ele replicou, condescendentemente, com o duplo significado de “mulher” e “mosteiro na montanha”.

“O Um que toma conta de Moshan não é nem homem nem mulher”, ela respondeu, dando a ele um pouco mais de corda. “A pessoa que toma conta deve ser poderosa o suficiente para completar a transformação”, ele desafiou, seu machismo novamente aparecendo na frente de seu cérebro. Moshan olhou atentamente para Quan Xi. Vagarosa e gentilmente ela disse: “O Um que toma conta de Moshan não é nem um fantasma, nem um demônio, nem uma pessoa. Em quê o Um deveria se transformar?”

Quan Xi repentinamente captou a mensagem! Por um momento ele ficou

lá, de pé, horrorizado com sua própria ignorância audaciosa. Então, ele se ajoelhou e realmente reverenciou Moshan. Desta vez ele realmente queria fazê-lo.

Ele permaneceu no mosteiro de Moshan por três anos, trabalhando como jardineiro. Sob a orientação da mestra Moshan, ele atingiu a iluminação. Anos mais tarde, quando se tornou mestre e teve seus próprios discípulos, ele costumava dizer: “A iluminação requer uma ampla medida de uma grande concha. Do meu pai espiritual, Lin Ji, eu recebi apenas meia concha. Foi minha mãe espiritual, Moshan, que me deu a outra metade, e a partir do momento em que ela me deu essa metade eu nunca mais senti sede”.

CAPÍTULO XIII: Conclusão

Os antigos tinham os mesmo problemas com o tempo que nós temos. Eles diziam: “Os dias passam como um fio num tear”. Primeiro uma ida, depois uma volta. Para frente e para trás, de um lado para outro. Algumas vezes diziam: “Os dias passam como flechas sobre nossas cabeças”. Estamos aqui e as vemos voar, perguntando-nos para onde todas elas foram.

Numa sessão de ensinamento Ch’an, o período de instrução passa rapidamente. Como o tempo, idéias e opiniões seguem por esse ou por aquele caminho. De que lado o fio terminará? As flechas da visão clara passam sobre nossa cabeça. Alguma atingirá seu alvo? Não saberemos até a grande avaliação no final da sessão de ensinamentos.

No Ch’an, como na maioria das coisas da vida, nunca estamos certos de ter entendido algo que aprendemos até que tenhamos sido testados. Os professores chamam esse teste de “pagar a conta”. No último dia da sessão de ensinamento, todos os estudantes são reunidos e o professor, aleatoriamente, chama essa pessoa e, então, aquela pessoa, e assim por diante, perguntando todo o tipo de questões afiadas. Isso é o que chamamos de apresentar a conta para o estudante. Ele tem que se levantar na frente de toda a classe e submeter-se ao interrogatório. “Quanto você aprendeu? Pague!” Os professores são pagos com boas respostas.

Claro, em qualquer sessão, mesmo que uma só pessoa consiga atingir a iluminação, ela paga a conta para todos. Todos compartilham da alegria quando alguém tem sucesso em atingir a Verdade.

Assim, o que você aprendeu dessas lições? Talvez você tenha pago a conta para todos e atingido a Iluminação. Talvez você não esteja certo e precise um pouco de tempo para pensar a respeito, triturar essas idéias Ch’an em sua mente, deixar que os pensamentos se assentem um pouco, antes de ver o que você conquistou. Gaste todo o tempo necessário – apenas não pare com o processo de digestão. Mantenha o Ch’an em sua mente. Redefina as suas prioridades. Cultive a paciência.

Num dia de verão, o Buddha decidiu dar uma longa caminhada. Ele

passeou pela estrada sozinho, simplesmente desfrutando da beleza da terra. Então, num cruzamento, ele encontrou um homem que estava orando.

O homem, reconhecendo o Tathāgata, se ajoelhou diante dele e implorou: “Senhor, a vida é, de fato, amarga e dolorosa! Antes eu era feliz e próspero, mas por causa de trapaças e fraudes, aqueles que eu amava tomaram tudo de mim. Fui rejeitado e desprezado. Diga-me senhor”, ele perguntou, “quantas vezes eu devo renascer nessa existência miserável antes de finalmente conhecer a bem-aventurança do Nirvāṇa?

O Buddha olhou em torno e viu uma mangueira. “Você vê aquela árvore?”, ele perguntou. O homem assentiu. Então, o Buddha disse: “Antes de você conhecer a libertação em relação ao pesar você deverá renascer tantas vezes quanto há mangas naquela árvore”.

Ora, a mangueira estava plena de frutos e dúzias de mangas estavam presas a ela. O homem suspirou: “Mas Senhor”, ele protestou, “eu mantive os Preceitos! Eu vivi corretamente. Por que devo ser condenado a sofrer tanto?” O Buddha suspirou. “Porque essa é a forma como deve ser”. E continuou seu caminho.

Ele chegou num outro cruzamento e encontrou outro homem orando. E este homem também se ajoelhou diante dele. “Senhor, a vida é de fato amarga e dolorosa”, o homem disse. “Tenho experimentado tanta angústia. Enquanto garoto, perdi meus pais; quando homem, perdi minha esposa e belos filhos. Quantas vezes eu devo renascer nessa existência miserável antes de finalmente conhecer o refúgio do seu amor?”

O Buddha olhou ao redor e viu um campo de flores silvestres. “Você vê aquele campo de flores silvestres?”, ele perguntou. O homem assentiu. Então, o Buddha disse: “Antes que você conheça a libertação em relação ao pesar você deverá renascer tantas vezes quanto há flores nesse campo”.

Vendo tantas centenas de flores, o homem gritou: “Mas Senhor! Eu tenho sido uma boa pessoa, tenho sido sempre honesto e bom, nunca machucando ninguém! Por que eu devo passar por tanto sofrimento?” O Buddha suspirou. “Porque esse é o modo como deve ser”, e continuou em seu caminho.

No próximo cruzamento, ele encontrou ainda outro homem que se

ajoelhou diante dele, em súplica. “Senhor, a vida é de fato amarga e dolorosa!”, o homem disse. “Dias trabalhando sob o sol ardente, noites dormindo no frio sobre a terra fria e úmida. Quanta fome, sede e solidão! Quantas vezes mais deverei renascer nessa existência miserável antes que possa andar contigo no Paraíso?”

O Buddha olhou em torno e viu uma árvore de tamarindo. Ora, cada tronco do tamarindo tem vários galhos e cada galho dúzias de pequenas folhas. “Você vê aquela árvore de tamarindo?”, o Buddha perguntou. O homem assentiu. O Buddha então disse: “Antes que você conheça a liberdade em relação ao pesar, você deverá renascer tantas vezes quanto há folhas naquela árvore de tamarindo”. O homem olhou o tamarindo e as milhares de folhas, e seus olhos se encheram com lágrimas de gratidão. “Quão misericordioso é meu Senhor!”, ele disse, e tocou sua testa no chão, diante dos pés do Buddha. E o Buddha disse: “Levante-se meu bom amigo. Venha comigo agora”. E daquele dia em diante as sementes de tamarindo são um símbolo da fé e do autodomínio.

Não podemos realizar contratos com o universo. Não podemos dizer: “Eu obedeci às regras e, portanto, devo receber os benefícios” ou “Eu já tive mais do que a minha parte de má sorte. Eu devo ter boa sorte agora”. O universo não reconhece nossas reivindicações insignificantes pela justiça. Há heróis que abandonaram suas vidas pelo benefício de outros. Eles não precisam reclamar. Ainda assim, sabemos que, por terem sido altruístas, eles andam no Paraíso.

E não é isso o caminho da felicidade? Não é essa a forma como entramos no Nirvāṇa? Perdendo nossos egos individuais e ganhando a universal natureza de Buddha? O Paraíso nos chega quando nos abandonamos a ele.

Assim, quando lhes perguntarem: “Quanto aprenderam?, mesmo que não consigam chegar a respostas específicas, vocês terão pago a conta dizendo apenas: “Não importa quanto tempo leve, permanecerei com o Ch’an. Eu permanecerei tentando me livrar do egoísmo e nunca esquecerei de manter minha testa junto ao chão diante dos pés do Buddha”.

Humildade e paciência são moedas douradas.

E eis aqui uma dica: Tente encontrar um Buddha em cada homem que encontrar e você talvez pague a conta de milhares.

Quando se tratar do amor, seja um grande gastador!

Agradecimento

Obrigado por ter adquirido este livro de Edições Nalanda. E obrigado também po ter lido até o final. Se você gostou deste livro, permita-nos pedir um último favor.

Você poderia ir até a página deste livro na Amazon e deixar uma breve avaliação Isso nos ajudará bastante a fazer chegar o livro a novos leitores. O link para est livro é este: http://amzn.to/1Yl7rzT

E se você nos avisar por email sobre o seu comentário no site da Amazon enviaremos gratuitamente a você um novo livro como agradecimento.

Edições Nalanda é o braço editorial do Centro de Estudos Buddhistas Nalanda que se dedica à publicação de livros sobre a tradição buddhista, a experiênci contemplativa e temas relacionados ao Oriente-Ocidente. Nosso objetivo primári é fornecer um material literário relevante para o leitor moderno e, para esse fim nos dedicamos à publicação de obras clássicas e fundamentais, bem com comentários contemporâneos, devotando especial atenção à preservação transmissão fidedignas das linhagens espirituais dos textos em questão.

Inscreva-se em nosso boletim para receber notícias por email sobre novos textc publicados em nossos sites, trechos e lançamentos de livros, eventos, cursc online. Enviamos no máximo 1 email por semana. Para se inscrever, envie um email para: nalanda@nalanda.org.br com o assunto “inscrição no boletim”.

Vários de nossos ebooks também podem ser obtidos em **formato de livr impresso**. Visite-nos neste link: Edições Nalanda ou peça por email nalanda@nalanda.org.br

Este é um livro que veicula os ensinamentos espirituais do Buddha, os quais abrem a todos os seres do mundo uma via de libertação em relação ao sofrimento. Por favor, trate-o com respeito e cuidado.

Outros Títulos de Edições Nalanda

Joias Raras do ensinamento buddhista, por vários autores
Amando e Morrendo: Uma visão buddhista sobre a morte por Visu
O Nobre Caminho Óctuplo: O caminho para o fim do sofrimento por Ven. Bhikkhu Bodhi
Pensando o Buddhismo: Uma reflexão sobre as nobres verdades por Ven. Bhikkh Bodhi
Passo a Passo: Meditações sobre a sabedoria e a compaixão por Ven. Maha Ghosananda
A Causa do Sofrimento na perspectiva buddhista por Ajahn Buddhadāsa
Ensinamentos de Cristo, Ensinamentos de Buddha por Ajahn Buddhadāsa
Céu Azul Verde Mar: Noções sobre o Buddhismo Coreano por Ricardo Sasaki
Nuvem Vazia: Os Ensinamentos de Hsü Yun por Jy Din Shakya
Integrando Estudo e Prática: (Revista Sati #1)
As Contribuições das Mulheres para o Buddhismo: (Revista Sati #2)
O Esqueleto de uma Filosofia da Religião: A Filosofia Japonesa encontra o Ocidente por Kiyozawa Manshi
Shinran: Sua Vida e Pensamento por Norihiko Kikumura

Obrigado por ter adquirido este livro de Edições Nalanda. Se você gostou dest livro, permita-nos pedir um favor.

Você poderia ir até a página deste livro na Amazon e deixar uma breve avaliaçã Isso nos ajudará a fazer chegar o livro a novos leitores. O link para este livro é http://amzn.to/1Yl7rzT

E se você nos avisar por email sobre o seu comentário no site da Amazon, enviaremos gratuitamente a você um novo livro como agradecimento.